



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DO  
MARANHÃO



Pós-Graduação em  
Geografia, Natureza  
e Dinâmica do Espaço

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA, NATUREZA E DINÂMICA DO  
ESPAÇO – PPGeo

**MOZART DE SÁ TAVARES JÚNIOR**

**O LUGAR DO HABITAR EM OS TAMBORES DE SÃO LUÍS, de Josué  
Montello**

São Luís  
2020

**MOZART DE SÁ TAVARES JÚNIOR**

**O LUGAR DO HABITAR EM OS TAMBORES DE SÃO LUÍS, de Josué  
Montello**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dinâmica e Natureza do Espaço (PPGeo) da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

São Luís

2020

Tavares Júnior, Mozart de Sá.

O lugar do habitar em Os Tambores de São Luís, de Josué Montello / Mozart de Sá Tavares Júnior. – São Luís, 2020.

125 f

Dissertação (Mestrado) – Curso de Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço, Universidade Estadual do Maranhão, 2020.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

1.Geografia humanista. 2.Literatura. 3.Josué Montello. 4.Os tambores de São Luís. 5.Lugar. I.Título.

CDU: 821.134.3(812.1).09

**Elaborado por Giselle Frazão Tavares - CRB 13/665**

**MOZART DE SÁ TAVARES JÚNIOR**

**O LUGAR DO HABITAR EM OS TAMBORES DE SÃO LUÍS, de Josué  
Montello**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dinâmica e Natureza do Espaço (PPGeo) da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza.

**Aprovada em: 21/10/2020**

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Prof. Dr. José Arilson Xavier de Souza** (Orientador)  
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)



---

**Prof. Dr. Tiago Vieira Cavalcante**  
Universidade Federal do Ceará (UFC)



---

**Profa. Dra. Ana Rosa Marques**  
Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Àquele que trouxe alegria sobrenatural à minha vida,

João Levi.

## AGRADECIMENTOS

Ao Criador do Céu e da Terra.

Ao querido professor, orientador e agora amigo José Arilson, pela dedicação, paciência e companheirismo na construção dessa Dissertação e fora dela. Valeu, Magnata!

À minha família, sempre presente, obrigado por tudo. Sou um eterno devedor do amor de vocês. “Váfu e Vovô Don”, eu não tenho palavras que caibam nesse espaço para dizer o quanto sou abençoado por terem os dois como pais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço da UEMA o meu muito obrigado.

Ao Grupo de Estudos Sobre Espaço e Cultura (GEEC – UEMA), pelas tardes de muito aprendizado, conversas e risadas. Vida longa ao Grupo!

Aos meus colegas de turma. Foi muito bom, e muitas vezes divertido compartilhar algumas manhãs e tardes com vocês.

À Nana, secretária, do PPGEIO. Obrigado por toda atenção, presteza e brigas durante esses dois anos.

À Casa de Cultura Josué Montello, em especial a Wanda França e Joseane Souza, por estarem sempre disponíveis para tratar sobre a vida e obra de Josué Montello, o que muito contribuiu para este trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Maranhão (FAPEMA), pelo apoio financeiro que possibilitou a realização desta pesquisa.

E, por fim, agradeço a todos aqueles que contribuíram de maneira direta ou indireta para que essa Dissertação tivesse vida.

Um dos dramas do mundo contemporâneo é que a terra foi „desnaturada“, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vívida.

Eric Dardel, O Homem e a Terra: a natureza da realidade geográfica.

## RESUMO

Josué Montello escreveu em seu Diário que a cidade de São Luís se derrama em seus romances, e em Os Tambores de São Luís não é diferente. Nesta obra, São Luís é o grande espaço rítmico da narrativa. Ela é e representa uma geografia que está por toda a parte, permeando as relações sociais e culturais, coletivas e pessoais, em especial de Damião (personagem principal), que vive o desafio constante de (re)construção da sua identidade e de seu povo – negros e escravos que sonham e lutam para habitar os lugares da cidade alicerçados por um imaginário fortemente simbólico, e que os remetem às terras africanas. Em tal enlace, os tambores da cidade, por meio do mundo imaginativo de Josué Montello e de sua pena de escrever, fazem tocar o espaço fenomenológico de uma São Luís analisada profundamente em sua condição humana. De tal modo, baseada em perspectivas da Geografia Literária, esta Dissertação objetiva fazer render a discussão iniciada por Montello, e interpretada por vários outros agentes do conhecimento, lançando luz sobre o lugar e o habitar de uma raça numa cidade (des)conhecida, aportando, sob exame geral, a respeito da questão de como Damião e São Luís se (re)construíam afetivamente um para o outro.

**Palavras-chave:** Geografia Humanista. Literatura. Josué Montello. Os Tambores de São Luís. Lugar.



## ABSTRACT

Josué Montello wrote in his Diary that the city of São Luís spills into his novels, and in *Os Tambores de São Luís* is no different. In this work, São Luís is the great rhythmic space of the narrative. It is and represents a geography that is everywhere, permeating social and cultural, collective and personal relations, especially Damião (main character), who lives the constant challenge of (re) building his identity and his people - blacks and slaves who dream and struggle to inhabit places in the city based on a strongly symbolic imaginary, and which send them to African lands. In this connection, the drums of the city, through the imaginative world of Josué Montello and his pen of writing, make the phenomenological space of a São Luís deeply analyzed in its human condition. In such a way, based on perspectives of Literary Geography, this Dissertation aims to render the discussion initiated by Montello, and interpreted by several other agents of knowledge, shedding light on the place and the inhabitation of a race in a (un) known city, contributing , under general examination, on the question of how Damião and São Luís affectionately (re) constructed each other.

**Keywords:** Humanist Geography. Literature. Josué Montello. *Os Tambores de São Luís*. Place.

## LISTA DE FIGURAS

1.	Casa onde Josué Montello nasceu e viveu parte da infância .....	28
2.	O escritor Josué Montello .....	30
3.	Capas de significativos romances assinados por Montello .....	33
4.	Algumas capas de edições de <i>Os Tambores de São Luís</i> .....	39
5.	Fazenda na região onde a fazenda Bela Vista estava localizada.....	48
6.	Portinho que Damião desembarcou em São Luís .....	53
7.	Palácio Episcopal onde Damião morou.....	55
8.	Seminário onde Damião estudou para ser padre .....	61
9.	Rua Formosa .....	64
10.	Casas com arquiteturas comuns no Centro de São Luís.....	72
11.	Tambores sagrados da Casa das Minas .....	75
12.	Fachada da Casa das Minas na década de 1940 .....	77
13.	Igreja do Rosário, a igreja dos negros .....	80
14.	A cajazeira sagrada que se encontra no quintal da Casa das Minas.....	82
15.	Planta da cidade de São Luís.....	91
16.	Croqui do percurso que Damião faz aos oitenta anos.....	98
17.	Rua de São Luís. ....	103

## SUMÁRIO

<b>AQUECER OS TAMBORES</b> .....	12
<b>1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, AUTOR E OBRA</b> .....	17
<b>1.1 Geografia e literatura: ciência, arte e imaginação</b> .....	18
<b>1.2 Josué Montello por si mesmo e Os Tambores de São Luís</b> .....	27
<b>2 EXPERIÊNCIAS ESPACIAIS DE DAMIÃO E DOS SEUS: O lugar do habitar</b> .....	23
<b>2.1 Foi eu que fez o quilombo, tudo aqui tá dentro do meu corpo</b> .....	45
<b>2.2 Recordava-se de tudo, até mesmo da floração dos ipês</b> .....	26
<b>2.3 Eu não conheço a cidade</b> .....	51
<b>2.4 Bem-te-vi, Bem-te-ver: os pés na cidade</b> .....	57
<b>2.5 Damião e a cidade: em relação de conhecimento</b> .....	63
<b>2.6 O habitar de Genoveva Pia: a libertadora de escravos como novo lugar</b> .....	66
<b>2.7 Solo africano no chão de São Luís: Querebentã de Zomadônu</b> .....	74
<b>2.8 Do espaço ao lugar em São Luís</b> .....	86
<b>3 EPÍLOGO – A ÚLTIMA CAMINHADA DE DAMIÃO</b> .....	96
<b>4 DESCANSAM OS TAMBORES</b> .....	109
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	113
<b>APÊNDICE A Roteiro de Entrevista (virtual) – Casa de Cultura Josué Montello</b> .....	119

## AQUECER OS TAMBORES

Um senhor octogenário, negro, ex-escravo, ex-seminarista, ex-professor de latim, caminha pelas ruas de São Luís do Maranhão numa noite de 1915. Nesse caminhar por ruas escuras, largos vazios e casas silenciosas, só uma fatia da lua o acompanha, iluminando os caminhos, e os baticuns dos tambores sagrados o guiam até o seu destino. Durante esse itinerário, ele vai rememorar toda uma vida de sofrimentos, alegrias, sabores, dissabores e de luta pelo restabelecimento dos direitos de liberdade de seus irmãos de cor.

Entre todas as pessoas e situações de tal condição humana, São Luís desponta como o campo principal da ocorrência de momentos decisivos e significativos da vida de Damião – personagem principal da obra em questão. Assim, a cidade se releva como o grande espaço onde estreitam-se os vínculos entre o Homem e a Terra (DARDEL, 2011). Nesse ponto, a cidade deixa de ser tão somente um espaço geométrico, funcional e cartesiano, e passa a ter outra conotação: lugar de valores, simbólico, memorial, existencial, sagrado.

Em tal enlace, os tambores da cidade, por meio do mundo imaginativo de Josué Montello – autor da obra – e de sua pena de escrever, fazem tocar o espaço fenomenológico de uma São Luís analisada profundamente. De tal modo, baseada em perspectivas da Geografia Literária, esta Dissertação objetiva fazer render a discussão iniciada por Montello, e interpretada por vários outros agentes do conhecimento, lançando luz sobre o lugar e o habitar de uma raça numa cidade (des)conhecida, aportando, sob exame geral, a respeito da questão de como Damião e São Luís se (re)construíam afetivamente um para o outro.

As relações afetivas que o homem cria com o espaço são uma possibilidade para compreender por que habitamos a Terra, e não somente passamos por ela. O desafio reside em tentar capturar a alma das coisas, o espírito dos lugares, e seguindo uma trajetória que reconheça a dimensão concreta da vida, mas que a supere, tocando a sensibilidade humana.

Os Tambores de São Luís, publicada em 1975, trata-se de uma obra-homenagem à cidade, ao povo e à história, bem como anuncia a luta do povo negro e denuncia atrocidades sociais. A trama gira em torno de Damião, negro e escravo, que no decorrer da narrativa torna-se um homem livre, culto e combatente.

Josué Montello, autor do romance, oferece uma riqueza de personagens, o que se contabiliza para mais de quatrocentos. Sincronicamente, encontram-se conteúdos sobre a

história de São Luís e descrições únicas acerca da bela paisagem da cidade. O leitor conhece com ele ruas, largos, igrejas, casas e o cotidiano da capital ludovicense no passar do século XIX para o XX. Destarte, no que pese à ficção, a realidade não está fora de suas páginas. (HISSA, 2017).

Seguindo os passos de Damião, pode-se sentir o desbravar a *Terrae incognitae* (WRIGHT, 2014) que ele desenvolve por meio de sua imaginação criativa e como homem inquieto, sonhador. Os lugares produzidos por sua mente revelam-se em seu coração e anseios, e são, por vezes, materializados no espaço, algo que se projeta para os leitores do romance a cada página lida, exercício que Josué Montello parece proporcionar, cada um a seu modo, de Damião, transportando-os à sua caminhada por tal Terra.

Pela interpretação inicial que é possível ser feita, aos poucos, o que era uma Terra desconhecida torna-se parte do próprio ser de Damião: um ser- no-do-mundo. A cidade de São Luís, seu povo, cores, sabores, sons, casas, igrejas e terreiros, enfim, boa parte dos espaços que a configuram como mundo vivido passa a fazer sentido (de lugar) para Damião. A relação afinada vai dotando de significados a sua existência com a cidade, sinônimo de habitar, pois, como observa Dardel (2015, p. 14): “uma cidade ativa, não é um espaço inerte, mas um espaço que se move, um espaço vivo”.

Habitar a cidade, como faz Damião, só é possível quando o ser permite explorar o desconhecido, daí fazendo surgir bases qualificadas de fixação do ser. Com efeito, explorar significa deixar-se envolver pelos espaços e tempos apresentados pela Terra como possibilidade de vida, fenômeno esse que Dardel (2015) denomina de geograficidade, o que, em termos diretos, seria a relação visceral que o homem mantém com a Terra, habitando-a.

Ao ler atentamente o romance de Josué Montello, pode-se perceber de maneira magistral o que os teóricos da Geografia Humanista, que acompanharam o desenvolvimento deste trabalho, a exemplo de Yi-Fu Tuan, Eric Dardel, Jean-Marc Besse, Edward Relph, Livia de Oliveira, Eduardo Marandola Jr, Werther Holzer, tão bem registram sobre as motivações que levam o homem a criar e fixar raízes em determinados lugares. Sem dúvidas, há diversas razões para que isso aconteça, e, neste trabalho apresenta-se algumas consideradas relevantes, e que podem contribuir para um maior entendimento acerca da questão emergencial que é o lugar.

Josué Montello, ao escrever *Os Tambores de São Luís*, fez da cidade de São Luís o grande espaço rítmico da narrativa. Em meio à sucessão de páginas, pode-se encontrar descrições de ruas, largos, dinâmica de casas e comércios, a vida em sua dimensão espacial. Como já anunciara, para o escritor, a cidade precisa ser experienciada, vivida e sentida pelo

seu leitor. É exatamente esse sentimento dos leitores ao lerem o seu extenso romance. Em cada página lida, São Luís invade com sua poesia, com os cantos dos bem-te-vis, com as ladeiras íngremes, com o vento buliçoso que sopra da Praia Grande e invade o Centro Histórico, com as suas residências simples ou majestosas, que Josué Montello tão bem descreveu.

Usando o recurso da escrita, ao colocar os tambores sagrados da Casa das Minas para tocar, Josué Montello convida para junto de Damião, caminhar por uma São Luís que ainda tinha a sua noite iluminada por lampiões, com suas principais ruas repletas de casarões históricos, igrejas sinuosas e largos cheios de vida. Ao ler a cidade que Josué Montello descreveu, imaginou e criou, o leitor é tomado por uma vontade de perseguir, através de suas páginas, o lugar e o habitar dos personagens naquela, temas tão caros à Geografia Humanista, assim como para o autor deste trabalho.

Imbuído de tal desejo, depois de uma leitura rigorosa, buscou-se associar a teoria geográfica com diversas passagens do romance. Utilizar apenas um romance, da vasta obra de Montello, permitiu um aprofundamento maior no que concerne a determinadas questões literário-geográficas. Encontrou-se no conterrâneo – Josué Montello – uma poderosa produção sobre a cidade de São Luís de outrora, material que se soma a de outros autores que bem valorizaram a capital maranhense em suas dimensões espaciais, como é caso dos poetas Ferreira Gullar e José Chagas.

Desafiante, a proposta intenciona reencontrar a obra, já lida e discutida por muitos estudiosos, maranhenses e de outros locais do mundo. Reencontrar também a sensibilidade do escritor, que bem descreve o cotidiano da cidade, que faz relevantes observações acerca da condição humana projetada em tal Terra e que revela lugares ao nos defrontar com furtivas relações dos homens com os seus espaços de vida. Assim, este trabalho justifica-se sob a intenção de contribuir com estudos que estreitam os campos do conhecimento ciência e arte, Geografia e Literatura, fazendo ampliar os horizontes humanistas – referência cabal para as ideias aqui colocadas – de conhecimento de mundo.

Segundo Corrêa e Rosendahl (2007), uma das abordagens possíveis para estudos dessa vertente do conhecimento geográfico dá-se através da interpretação daquilo que os romancistas, os poetas, os cronistas e os músicos, por exemplo, elaboram a respeito da espacialidade humana ao longo do tempo. De tal modo, é importante fortalecer os estudos que se detêm sobre ciência e arte, que vêm, cada vez mais, gerando monografias de conclusão de curso, dissertações, teses, textos para eventos, capítulos de livro, dentre outras publicações (SUZUKI, 2010).

Mas, como revelar esses espaços que brotam do/no romance? Como iluminar a geograficidade e a historicidade que podem ser encontradas por meio das páginas do romance de Josué Montello? Como problematizar, a partir da imaginação criativa de Josué Montello, e do caminhar de Damião (repito: personagem principal da obra *Os Tambores de São Luís*), a condição humana do negro na cidade como busca incessante por habitar o lugar?

Percorreu-se na obra de Josué Montello as imagens descritivas mais representativas, assim como guiado por alguns trechos de predileção do autor para tentar fazê-lo. Assim, através do diálogo com a Geografia Humanista, pode-se dar cabo a questões que envolvem esse trabalho. Lugar e habitar são as principais noções conceituais empreendidas. A geograficidade, que se entende que faz parte das relações de lugar e habitar, também será discutida, principalmente através das relações diretas de Damião com os espaços por ele experienciados. A contribuição de historiadores, antropólogos e cientistas sociais também nortearam as questões relacionadas à sociedade ludovicense oitocentista.

Nesta busca pelo lugar do habitar, teremos a companhia de Damião, da cidade de São Luís e de outros personagens. Sob tal intento, ainda que restritamente, buscou-se aproximação com direcionamentos fenomenológicos. Assim, arriscado seria dizer que este trabalho tenha, em definitivo, cunho fenomenológico, mas, sim, em Geografia, busca lançar luz sobre “consciências geográficas” que marcam presença no mundo (SERPA, 2019). Valoriza-se, portanto, a perspectiva da interpretação, como já ensinara Edmund Husserl, quando cunhou o conceito filosófico Fenomenologia.

A princípio, no primeiro capítulo, propõe-se uma reflexão bibliográfica sobre as questões concernentes à ciência e arte, especificamente, no caso, Geografia e Literatura. Buscou-se apontar os princípios dessa relação e os avanços que os geógrafos têm feito para aprimorar os seus trabalhos, que se têm mostrado profícuos e fundamentais nos estudos em Geografia Humanista. A seguir, apresenta-se traços biográficos e autobiográficos (através de seu Diário) do escritor maranhense Josué Montello, e, assim, através de seu romance mais conhecido – *Os Tambores de São Luís* – destaca-se a sua ligação com a cidade de São Luís.

No segundo capítulo, busca-se compreender experiências geográficas descritas na obra em si, para então perseguir o lugar do habitar estruturado por Damião, e outros personagens, como condição humana e de sobrevivência. Aqui, acompanham duas ideias basilares que não se fecham em si mesmas. A primeira quem nos fornece é Frémont (1980, p. 133), que diz: “todos os actos da vida, particularmente os que se repetem, implicam certas localizações de formas, de signos, de valores, de representações e, por conseguinte, criam lugares”. A outra ideia vem de Norberg-Schulz (2006, p. 446), para quem “habitar uma casa

significa habitar o mundo. Mas esse habitar não é fácil, tem de ser alcançado por caminhos escuros e uma soleira separa o dentro do fora”.

A partir desses pontos, alvitra-se, em ordem sequenciada, alguns lugares habitados por Damião, sendo analisados com base numa abordagem geocrítica, ou seja, tomando como referência as representações e os significados que brotam na obra (COLLOT, 2012). Nesse cenário, ganha relevo as experiências plurais que ele tem com a cidade de São Luís, as casas em que ele viveu e criou vínculos, o contato com a religião, posteriormente, a descoberta do seu espírito de lugar na Casa das Minas e, por fim, a cidade que se revela como o lugar de excelência com a maturidade.

Já no Epílogo, são tecidas reflexões sobre o caminhar de Damião aos oitenta anos pelas ruas de São Luís, numa noite de 1915. Esse percurso, feito da sua casa, no largo do Machado, até à Gamboa, constitui uma espécie de despedida daquele homem da cidade, um lugar em que ele habitou e fez morada. Os passos, as lembranças, as saudades, as formas espaciais, a natureza, as marcas da sociedade penosa estão ali, naquele último caminhar por São Luís, expressão singular da geograficidade que tanto se fala.

Por fim, para marcar a passagem ao conteúdo do primeiro capítulo da Dissertação, aqui reproduziu-se os três parágrafos iniciais do romance de Josué Montello, que configuram um expressivo texto de convite à leitura, rico em seu potencial simbólico e sensível, revelador de uma geografia substancial, relacional, mítica, demonstrativo do quanto a Literatura contém de saber espacial, humano, espiritual, de lugar e habitar:

*Até ali os Tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, e ele via ainda os três tamboreiros, no canto esquerdo da varanda, rufando forte os seus instrumentos rituais, com o acompanhamento dos ogãs e das cabaças, enquanto a nochê Andreza Maria deixava cair o xale para os antebraços, recebendo Toi-Zamadone, o dono do lugar. Por vezes, no seu passo firme pela calçada deserta, deixava de ouvir o tantantã dos tambores, calados de repente no silêncio da noite, com o vento que amainava ou mudava de direção. Daí a pouco Damião tornava a ouvi-los, trazidos por uma rajada mais fresca, e outra vez a imagem da nochê, cercada pelas noviches vestidas de branco, lhe refluiu à consciência, magra, direita, porte de rainha, a cabeça começando a branquear. Fora ela que viera buscá-lo, à entrada do querebetã. A intenção dele era apenas ouvir um pouco os tambores e olhar as danças, sentado no comprido banco da varanda, de rosto voltado para o terreiro pontilhado de velas. Já o banco estava repleto. Muitas pessoas tinham sentado no chão de terra batida, com as mãos entrelaçadas em redor dos joelhos; outras permaneciam de pé, recostadas contra a parede. Mas a nochê, que o trouxera pela mão, fez sair do banco um dos assistentes, e ele ali se acomodou, em posição realmente privilegiada, podendo ver de perto os tambores tocando e as noviches dançando, por entre o tinir de ferro dos ogãse o chocalhar das cabaças. (MONTELLO, 2005, p. 15).*



# **CAPÍTULO 1. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS, AUTOR E OBRA**

Neste capítulo de abertura, propõe-se breve reflexão bibliográfica concernente à ciência e arte, a Geografia e Literatura. Buscando valorizar, portanto, os ganhos dessa relação e como a Geografia tem enriquecido seus trabalhos, variando metodologias, e fazendo avançar as análises em Geografia Humanista. E, para fins de entendimento geral da Dissertação, apresenta-se traços biográficos e autobiográficos (através de seu Diário) do escritor maranhense Josué Montello, autor do livro aqui problematizado – Os Tambores de São Luís.

## 1.1 Geografia e literatura: ciência, arte e imaginação

O que romancistas e poetas tão distintos, tais quais Machado de Assis, João Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Lima Barreto, Érico Veríssimo, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Mário de Andrade, José Lins do Rego, Gabriel Garcia Marques, Ítalo Calvino, Joseph Conrad, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar, Patativa do Assaré, Cora Coralina, Manoel de Barros, João Cabral de Melo Neto, Sousândrade, Paulo Leminski têm a ver com a Geografia?

Todos estes romancistas e poetas construíram obras sólidas em que o espaço geográfico desponta mais ou menos como elemento fundamental no desenrolar das cenas narrativas vividas. Tomemos como exemplo dois romancistas e dois poetas para debatermos sobre tais elementos geográficos de suas obras.

Machado de Assis tem no Rio de Janeiro e seus subúrbios a ambientação de seus romances, sobretudo em *Dom Casmurro*; Graciliano Ramos, em *Vidas Secas*, trata da saga de uma família que, fugindo da seca no sertão nordestino, muda de lugar em direção à cidade; já Ferreira Gullar escreveu seu mais célebre poema – *Poema Sujo* –, documento no qual, mesmo longe fisicamente, as memórias do poeta percorrem a cidade de São Luís, sua gente, bairros, praças e o seu cotidiano na década de 1940; o poeta cearense Patativa do Assaré descreve as paisagens do Cariri na Serra do Santana para pintar com palavras a vida do nordestino no campo e no sertão.

Com a compreensão dos elementos espaciais citados, os geógrafos despertaram-se para estudar as representações do real, e utilizaram a Literatura como corpus para tais estudos, construindo, assim, uma abordagem em que não somente os elementos físicos interessam, mas, também, a relação que os personagens constroem com o espaço. De tal modo, reler as trajetórias dos personagens, para os geógrafos humanistas/culturais, funciona como uma espécie de metodologia interpretativa da condição humana na Terra.

A representação do real, conforme aponta Bastos (1998), não constitui um universo material imutável, de imediata decodificação pela sociedade. Essas representações não se resumem apenas àquilo que se vê, mas também àquilo que está no campo do invisível. A autora ainda nos lembra que, a partir do ponto de vista simbólico, o real compreende diversas representações, muitas dessas inalcançáveis.

Corrêa e Rosendahl, quando discorrem sobre o tema literatura e espaço, sinalizam a contribuição desta primeira no que concerne aos estudos tecidos pela ciência geográfica. Ao

se referirem a escritores brasileiros e aos conteúdos reflexivos de suas obras, os autores supracitados lembram aos geógrafos que:

A floresta amazônica, a caatinga, o cerrado, os campos e a cidade (pequena e grande) estão neles presentes. O extrativismo vegetal, a seca e o êxodo, o engenho e a usina, a fazenda de gado e a vida ali reinante, assim como a fazenda de cacau, acham-se recrutados em diversos romances. A conquista da terra, os conflitos sociais e políticos, a dinâmica regional e as diferenças sociais no espaço urbano são temas abordados, apresentando nítida geograficidade (CORRÊA; ROSENDAHL, 2007, p. 13).

Tal alternativa metodológica, na qual a Geografia tira proveito reflexivo de textos literários, a despeito das abordagens tradicionais<sup>1</sup> das pesquisas geográficas, vêm se mostrando profícua e gerando trabalhos significativos, contribuindo assim para uma oxigenação e enriquecimento epistemológico da Geografia. Gomes (2005) afirma que será sempre interessante invocar a arte em Geografia, como no caso efetivo da Literatura. Moreira (2007), por seu turno, atenta que a relação entre Geografia e Letras não só é possível, como de fato existe, tendo o espaço como elemento embasador.

A saber, a Geografia desperta tardiamente para os conteúdos de teor literário, algo que não é exclusividade desta ciência. A bem da verdade, a ciência moderna tardou a reconhecer a expressão da arte (literatura, música, cinema, pintura, dentre outras) como recurso capaz de ser problematizado teórica e empiricamente (HISSA, 2011). A racionalidade e o temor para não parecer anticientífico foram, por um longo tempo, os principais vetores para a produção científica, situação em que ficava evidente a separação entre o ser pensante (cientista) e o ser pensado (objeto) e, assim, desconsiderava-se a ideia de subjetividade nesse processo (DESCARTES, 2005).

Como fruto desse processo, situa-se o pensamento positivista<sup>2</sup>, que, como herança, legou às ciências uma rigidez, a qual tinha na sua base um uso intensivo de modelos matemáticos e lógicos, algo que se reflete até os dias de hoje, inclusive nas ciências humanas. Nesse bojo, inclui-se a Geografia que, no contexto de meados do século XIX até meados do século XX, limitava-se a ser uma ciência de síntese, produzindo, em grande parte, um conhecimento de caráter meramente descritivo, centrado na caracterização das formas físicas.

---

<sup>1</sup> Segundo Oswaldo Bueno Amorim Filho (2010), as abordagens tradicionais em pesquisas geográficas são: científicas (neopositivistas), crítico-radical (neomarxistas) e tecnicistas (SIG e Sensoriamentos Remotos).

<sup>2</sup> Fundada por Auguste Comte no final do século XIX, o Positivismo foi tanto uma teoria social como um programa filosófico.

Tal pensamento enrijecido foi, aos poucos, perdendo força com a introdução e com o reconhecimento de outros modos de pensar e fazer ciência. Galvão (2006) destaca três renomados cientistas que argumentaram em favor da convergência entre ciência e arte: o biólogo evolutivo Richard Dawkins, o neurocientista português António Damásio e o psicólogo Ken Robinson. Na mesma obra, Galvão, ainda sobre os cientistas supracitados, comenta acerca da contribuição que estes propuseram:

Richard Dawkins, no seu livro *Decompondo o arco-íris*, faz uma apologia da importância do conhecimento científico para compreender e apreciar ainda melhor, do ponto de vista estético, a natureza. Por sua vez, o neurocientista português, António Damásio (2006) defendeu, na Conferência Mundial de Educação Artística, promovida pela UNESCO, que um currículo escolar que integra as artes e as humanidades é imprescindível à formação de bons cidadãos. A ciência e a matemática são muito importantes, mas a arte e as humanidades são imprescindíveis à imaginação e ao pensamento intuitivo que estão por trás do que é novo. As capacidades cognitivas não bastam. Na mesma conferência, o psicólogo Ken Robinson defendeu igualmente a complementaridade entre a ciência e a arte, dizendo que “os grandes cientistas são incrivelmente criativos e intuitivos. O processo científico valida, demonstra. É a imaginação que cria” (GALVÃO, 2006, p. 34).

Coexiste, porém, um alerta para que a arte não se enverede por uma espessura de cunho meramente científico. Como lembra Bouveresse (2005), há uma tendência denominada de “literalismo” ou a crença de que “um resultado científico só pode tornar-se realmente profundo e importante depois que conseguiu dar dele uma versão literária” (BOUVERESSE, 2005, p. 130).

Com a ruptura do paradigma dominante – positivista –, o entrelaçamento entre ciência e arte tem sido cada vez mais estreitado por pesquisadores interessados em escapar de leituras de mundo de cunho monodisciplinar, propondo e empregando alternativas interdisciplinares que resultam em estudos mais profundos sobre o complexo mundo humano. Uma dessas alternativas, como já sinalizado, é a Literatura, a partir da qual historiadores, antropólogos, filósofos, cientistas sociais, geógrafos – para citar apenas alguns – estão se valendo dos seus conteúdos.

Na Geografia, um dos mais relevantes entusiastas da relação entre ciência e arte foi Alexander Von Humboldt. Nascido na Prússia, em 1769, percorreu quase o mundo inteiro, sedento por conhecimento e aventuras. Foi da Europa à América do Sul, passando por Cuba e Estados Unidos. Pela Europa pesquisou as montanhas suíças, os campos franceses e as ilhas do Reino Unido; convidado pelo Czar Nicolau I, adentrou a uma Rússia inóspita e a explorou expressivamente.

Humboldt, assim, foi um árduo defensor de que a ciência esteja em total e irrestrito diálogo com a arte. Além disso, também foi um crítico severo à especialização, restrição e a rigidez que ele via crescendo na Europa em relação às ciências. Aliando rigor científico e uma prosa poética, defendia que a natureza tinha que ser medida e analisada, acreditando também que grande parte da nossa resposta ao mundo natural deveria basear-se nos sentidos e nas emoções. Numa época em que outros cientistas estavam em busca de leis universais, ele escrevia que a natureza tinha que ser conhecida por meio de sua originalidade e vivenciada por meio dos sentimentos (WULF, 2015).

Influenciado pelas ideias de Immanuel Kant<sup>3</sup>, filósofo alemão do século XVIII, sobre o nível transcendental<sup>4</sup>, Humboldt passou a enfatizar com mais precisão o olhar humano e a subjetividade frente aos aspectos da natureza. Ele afirmava que o mundo exterior existia somente na medida em que o percebêssemos dentro de nós mesmos. O mundo exterior, as ideias, e os sentimentos amalgamavam-se uns aos outros.

Outro ponto fundamental para essa mudança no pensamento de Humboldt foi o encontro com Johann Wolfgang von Goethe<sup>5</sup>, romancista que acreditava e exercia a associação entre arte e ciência. A influência de Goethe foi fundamental para que Humboldt considerasse, em definitivo, que arte e ciência poderiam convergir para um ponto comum sem que ambas perdessem seus caracteres. Na reconfiguração de seu pensamento, natureza, ciência e imaginação estavam cada vez mais entrelaçados, de modo que “ele jamais se esqueceria de que Goethe o instigou a combinar natureza e arte, fatos e imaginação” (WULF, 2015, p. 71).

Dessa relação entre o grande cientista e o admirável romancista de suas épocas, a influência foi mútua. Goethe inseriu em seus livros questões relacionadas à natureza e à imaginação, nos quais deixa clara a influência que Humboldt exerceu sobre ele. E em sinal de apreço, Humboldt dedicou o seu livro *Ensaio sobre a geografia das plantas* a Goethe e, além

---

<sup>3</sup> A saber: ao longo de quarenta anos, Kant ministrou por 48 vezes uma série de conferências, sob o título de *Physische Geographie* (Geografia Física) na Universidade de Königsberg, Prússia.

<sup>4</sup> “O conceito de que, quando conhecemos ou submetemos um objeto à experiência, ele se torna uma coisa “tal qual aparece para nós”. Nossos sentidos, tanto quanto nossa razão, são como lentes coloridas por meio das quais percebemos o mundo. Embora talvez acreditemos que a forma como ordenamos o mundo e compreendemos a natureza seja baseada na razão pura – em classificação, leis do movimento e assim por diante –, Kant acreditava que ser ordem era moldada por nossa mente, através dessas lentes coloridas” (WULF, 2015, p. 66).

<sup>5</sup> Romancista, poeta, crítico, cientista, Goethe é considerado o maior poeta alemão de todos os tempos, tendo escrito obras que são um marco na literatura ocidental, como, por exemplo, *Fausto*, *Os Sofrimentos do Jovem Werther*, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister* e *As Afinidades Eletivas*.

disso, o frontispício do livro “mostrava Apolo, o deus da poesia, erguendo o véu da deusa da natureza” (WULF, 2015, p.197).

Ainda que sem se afastar por completo do método racional, Humboldt introduziu a subjetividade em seus trabalhos, movimento que, para muitos cientistas de sua época, traduzia uma relação conflitante entre racionalidade e subjetividade. Não obstante as críticas, para ele isso revelava uma revolução nas ciências; em outras palavras, um repúdio à pobre compilação de dados que se referiam aos fatos e ao empirismo cru.

A influência de Humboldt nas gerações posteriores não se limitou ao mundo científico, pelo contrário, as descrições que ele fez em seus trabalhos sobre natureza, mesclando poesia, imaginação e ciência, conquistaram leitores comuns e, notadamente, deixaram um legado aos maiores poetas românticos ingleses, como, Samuel Taylor Coleridge, William Wordsworth e Robert Southey, além de escritores e poetas americanos, como Ralph Waldo Emerson, Edgar Allan Poe, Walt Whitman e Henry David Thoreau.

Retomando à discussão sobre Literatura, cabe aqui lembrar o que Terry Eagleton (2006) entende sobre as diversas perspectivas do que esta pode vir a ser. Segue uma síntese de suas explicações: a Literatura pode ser escrita imaginativa, no sentido de ficção – escrita esta que não é literalmente verídica; talvez a Literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou “imaginativa”, mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. Argumenta ainda que, a Literatura é uma forma especial de linguagem, em contraste com a linguagem comum que usamos habitualmente; poderíamos dizer, portanto, que a Literatura é um discurso “não pragmático”.

Eagleton (2006) sustenta ainda que, ao contrário dos manuais de biologia e recados deixados para o leiteiro, a Literatura, aparentemente, não tem nenhuma finalidade prática imediata, referindo-se somente a um estado geral de coisas, e, por fim, à posição de que os efeitos da Literatura dependem da maneira pelas quais as pessoas leem, de quem são, e não da natureza daquilo que é lido.

De certo, a Literatura tem, em seu âmago, questões relativas às mais diversas esferas da condição humana. Escritas por prosadoras ou poetas, tais questões têm a capacidade de evocar lugares e paisagens, apresentando cenas e cenários espaciais onde os dramas e as tramas humanas acontecem. Assim, a Literatura é um campo aberto à imaginação, em que o escritor propõe possíveis aberturas às fronteiras do imaginário e adentra um mundo no qual o real e fictício confundem-se. Partindo desse mundo, o leitor tem em suas mãos a possibilidade de pertencer a outro mundo, de ser e estar, representativamente, em outro

espaço, percebendo e experienciando a vida por uma nova lente, e, com sorte, pode até ali se encontrar como ser.

Sobre esta pauta, Mario Vargas Llosa, escritor peruano, Nobel de Literatura em 2010, enfatiza o poder da Literatura no âmbito da vida humana:

A literatura, ao contrário, diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, não importa o quão distintas sejam suas ocupações e desígnios vitais, as geografias e as circunstâncias em que existem, e, inclusive, os tempos históricos (LLOSA, 2004, p. 380).

O búlgaro Tzvetan Todorov, linguista e filósofo, trata da importância da Literatura nos seguintes termos:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir (TODOROV, 2009, p. 76).

Romancista, contista e ensaísta, Milan Kundera detalha como a Literatura ajuda o leitor a descobrir novos mundos, no sentido de que ela pode oferecer cosmovisões até então desconhecidas:

Um por um, o romance descobriu, a sua própria maneira, por sua própria lógica, os diferentes aspectos da existência: com os contemporâneos de Cervantes, ele se pergunta o que é a aventura; com Samuel Richardson, começa a examinar “o que se passa no interior”, a desvendar a vida secreta dos sentimentos; com Balzac, descobre o enraizamento do homem na História; com Flaubert, explora a terra até então incógnita do cotidiano; com Tolstói, inclina-se sobre a intervenção do irracional nas decisões e no comportamento humanos. Ele sonda o tempo: o inapreensível momento passado com Marcel Proust; o inapreensível momento presente com James Joyce. Interroga, com Thomas Mann, o papel dos mitos que, vindos do começo dos tempos, teleguiam nossos passos. Et cætera, et cætera (KUNDERA, 2009, p. 12-13).

Ao considerar a capacidade de ensinamento e aprendizagem humana encontrados na Literatura, cabe-nos refletir como esse contato com a Geografia tem feito surgir novas lentes para compreensão do espaço geográfico, da vida no e em forma do espaço vivido, realçando o homem, a sua relação com a natureza, como agentes centrais de tais textos.

Categorias da disciplina Geografia, como paisagem, lugar, território e região podem desfrutar da Literatura em termos de enriquecimentos conceituais, dialogando com suas hermenêuticas, seus múltiplos olhares e visões de mundo, descrições de mundos reais e

imaginários. Esse é um dos potenciais que a Literatura tem a oferecer: a multiplicidade na forma de pensar, ou seja, dispondo-se como um texto que foge à regra do pensamento único.

Apesar de Alexander Von Humboldt ter lançado as bases para essa relação harmoniosa entre arte e ciência no século XIX, mostrando que entre o subjetivo e objetivo pode haver diálogo, usando, sobretudo, o poder da imaginação, os geógrafos mantiveram-se, relativamente, até a década de 1970, distantes de uma constituição efetivamente frutuosa com a Literatura<sup>6</sup>.

É, portanto, só a partir da renovação da Geografia Humanista, na qual busca-se colocar o homem de volta no centro dos seus trabalhos, que os geógrafos perceberam que a Literatura, com suas tramas culturais e espacialidades sociais, poderia ser útil a esse retorno; fugindo, assim, do obsoleto “sabor lablachiano” de somente descrever paisagens e regiões (MONTEIRO, 2002), e tendo agora a oportunidade de estudar com novas abordagens, possibilidades e enfoques.

Superando essa limitação, que por tanto tempo restringiu o desenvolvimento do conhecimento, misturando as gavetas da ciência e da arte, que se encontravam em lados opostos – como, metaforicamente, argumentam Marandola Junior e Gratão (2010) – é que o encontro da Geografia com a Literatura, prezando por um diálogo autoconstrutivo, costura esses campos para compor um tecido admirável chamado de Geografia Literária.

O geógrafo francês Armand Frémont (1980, p. 89), expõe que, de tal relação, ambos tendem a enriquecer seus horizontes de saber, e diz: “os geógrafos estão abertos à literatura e à arte e os homens de letra a par da Geografia. Descobrir o espaço, pensar o espaço, sonhar o espaço, criar o espaço”. Ainda sobre esse entrelaçamento, Cavalcante (2016, p. 17), afirma que: “a geografia e a literatura, em particular, devem ser compreendidas como maneiras do homem (d)escrever o mundo, tornando-o inteligível, mesmo que para isso tal mundo precise ser (re)construído, (re)elaborado, (re)criado”.

Tuan (1978, p. 194) faz as seguintes indicações sobre a Literatura como aporte geográfico: “textos geográficos podem ter grande qualidade literária; a literatura é uma fonte material para o geógrafo e a literatura nos mostra uma perspectiva de como as pessoas experienciam o seu mundo.” Brosseau (2007) expõe que os geógrafos abordam de variadas maneiras a Literatura nas suas pesquisas, e que, apesar dos numerosos trabalhos pautados pela

---

<sup>6</sup> Outro importante nome da Geografia que também dedicou atenção para a Literatura foi Paul Vidal de La Blache, que apontou para uma geografia na *Odisseia* de Homero, em um artigo publicado em 1904 na França. No Brasil, destacam-se, Pierre Monbeig (1941), Fernando Segismundo (1949) e Mauro Mota (1961).



Geografia Humanista, ainda existem outras maneiras de usar a Literatura tanto no sentido da história, da crítica social, quanto no sentido da linguagem e do discurso.

Suzuki (2017), ao expor como os geógrafos brasileiros trabalham essa relação nos últimos dez anos, numa tentativa de síntese, apresenta as cinco abordagens mais comuns utilizadas: 1) Geografia humanista, cultural e fenomenológica; 2) Geografia e estética literária; 3) Literatura e ideologias; 4) Reprodução das relações sociais; e 5) Geografia, Literatura e Ensino.

Há, ainda, um ponto a ser destacado que gera confusão nos procedimentos metodológicos quando se envolve Geografia e Literatura. Trata-se da diferença fundamental entre “geografia literária” e “geografia da literatura”. A primeira se refere a oferecer uma interpretação do texto literário baseando-se em categorias, conceitos e análises geográficas. A segunda, por sua vez, trata da produção da obra, como condição de produção e também como divulgação, repercussão e comercialização (ALMEIDA, 2010).

Cavalcante (2019) esclarece a respeito da Geografia Literária que essa compreende uma pluralidade de relações entre a Geografia e Literatura. Dessas relações, duas especificidades podem ser reveladas: espacialidades (a maneira como são organizados os objetos espaciais em sua lógica e processo de formação – fatos históricos, ambiente físico, estruturas sociais, costumes e ideologias); geograficidades (os laços de cumplicidade que os homens em sua individualidade e/ou coletividade estabelecem com o ambiente – simbolismos, imaginário, sentidos, identidades, afetividades).

Sabendo disso, e sem desmerecer outras abordagens, a abordagem que nos interessa aqui é aquela calcada na Geografia Humanista. Neste domínio, valores, representações, memórias, identidades, subjetividades, experiências, enraizamentos e percepções são algumas das direções que a Literatura proporciona ao tratamento geográfico. Em tal sentido, ressalta Bastos (1998, p. 8), “o simbólico e as conotações subjetivas estão presentes na prática de interpretar e analisar o espaço geográfico em suas representações”.

Na perspectiva humanista, duas escolas de pensamento – a anglo-saxã e a francesa – desenvolveram abordagens diferentes para que, através da Literatura, pudessem compreender melhor a relação homem e mundo. A Escola Anglo-saxã priorizou a ideia central de carga abstrata a “originalidade dos lugares, a carga subjetiva da qual eles são investidos pela experiência” (BROSSEAU, 2007, p.29). Por outro lado, a Escola francesa optou por analisar a questão do “espaço vivido”, ainda influenciada pela ideia de “gêneros de vida”, que enfatizava as técnicas, os utensílios, e as transformações da paisagem. Ambas as

Escolas contribuíram expressivamente para a ampliação das possibilidades e concretização dos estudos entre Geografia e Literatura.

Ainda de acordo com Brosseau (2007), inquietos ao sentir como o homem interioriza ou representa a sua experiência do espaço, os geógrafos privilegiam o romance como texto literário à medida que ele parece lhes propiciar um conteúdo densamente significativo, demarcando de modo peculiar encontros entre o mundo objetivo e a subjetividade humana.

E, além dessa preocupação, ainda há que enfatizarmos que não apenas existe a leitura literal do romance, há um tipo de leitura que reflete a alma do autor e do leitor, conjugando seus saberes e anseios: “isso, aliás, está em concordância com algumas versões do projeto humanista que não se voltam tanto para as características do lugar, e sim para a experiência que o homem tem dele” (BROSSEAU, 2007, p. 32). Esse ponto é fundamental para que não haja apenas um uso instrumental do texto literário pelo geógrafo; ele há de ter em mente que esse uso deve ser mediado pelo diálogo interpretativo, com a valorização de sujeitos dotados de voz.

A ampliação no discurso do geógrafo a partir do texto literário deu-se a partir da renovação da Geografia, no campo cultural e humanista, e ela é “marcada por uma pluralidade epistemológica, teórica e temática” (CORRÊA, 2010, p.11). É o que James Duncan (2000) chama de heterotopia. Portanto, é compreensível que:

Com a abordagem fenomenológica valorizam os textos literários devido à qualidade do testemunho sobre a experiência concreta dos lugares, por meio da transcrição da experiência perceptiva e do vivido dos lugares pelo sujeito e ao valor atribuído aos lugares [...] Na abordagem hermenêutica, não é concebido como um dado a ser retransmitido por intermédios da análise. Ele é, talvez, alguma coisa a ser decifrada e decodificada. Por essa abordagem, a interpretação é considerada uma prática ativa (ALMEIDA, 2010, p. 144).

Como os espaços nas tramas literárias não são meros cenários inertes, torna-se possível inferir que a interação do homem com os espaços gera espacialidades, sendo possível ao leitor estruturar e interiorizar lugares, paisagens, territórios e territorialidades, construindo-os e desconstruindo conforme estímulos diversos, mas, via de regra, com vistas a relação visceral do homem com a Terra.

Essa nova aproximação quer mais do que identificar elementos “reais” na descrição das paisagens. Quer estabelecer um entrelaçamento de saberes que se tecem pelos fios de entendimento da espacialidade e da geograficidade, enquanto elementos indissociáveis de qualquer narrativa ou manifestação cultural (MARANDOLA JR; GRATÃO, 2010, p. 9).

De maneira ampliada, a abordagem humanista em Geografia situa os personagens literários nos seus espaços habitados, valorizando as suas práticas e experiências espaciais e os significados por eles construídos. Essa busca científica, por seu turno, visa compreender como se dá a relação entre o ser e o mundo – ser-no-do-mundo – entre o homem e o espaço terrestre. Assim, “torna possível o inter-relacionamento com Literatura em razão de sua linguagem simbólica, polifônica e plurissignificativa, capaz de exprimir as diferentes representações da realidade geográfica” (FEITOSA, 2012, p. 185).

Ao propormos essa relação dialógica entre Geografia e Literatura, trata-se de uma troca de saberes entre esses campos do conhecimento humano, e, da parte de cá, resume-se a ser uma análise científica das vidas literárias que se baseiam nos mundos possíveis ao homem.

Outra crítica que se pode fazer é que, tendo a literatura como aporte na realização do seu trabalho, o geógrafo não pode entrar numa pura abstração teórica, perdendo o contato com a realidade, comprometendo o entendimento das complexas realidades sociais dos espaços do mundo. Nesta conjectura da construção da pesquisa, vemos o que salienta Monteiro (2002, p. 90): “[...] os nossos literatos não só têm dado testemunho como denunciado, de modo claro e às vezes bem enfático, a injustiça social de que nos revestimos”.

Neste sentido, Moisés (2014, p. 44), afirma que a Literatura “constitui uma forma de conhecer o mundo e os homens”. Portanto, diz respeito a um texto suscetível às análises do geógrafo, que pode tê-la como contribuição, objeto ou mesmo um “outro sujeito”; problematizando romances, contos, poesias e crônicas como realização ou não dos nossos seres no mundo, podendo pôr em prática as palavras de Dardel (2015, p. 5), que nos diz: “a geografia não implica somente no reconhecimento da realidade em sua materialidade, ela se conquista como técnica da irrealização, sobre a própria realidade”.

Buscando abarcar esse vínculo entre arte e ciência, no intuito de entender experiências geográficas de ser-no-mundo, é que nos deteremos agora sobre a história de vida do escritor maranhense Josué Montello e do romance *Os Tambores de São Luís*, tendo como cenários espaciais privilegiados a cidade de São Luís, seu povo e sua cultura.

## **2.2 Josué Montello por si mesmo e *Os Tambores de São Luís***

*O universo sempre coube na minha cidade natal, todas as vezes que nela situei um romance. Segui a lição de Tolstói. Faulkner imaginou Jefferson para ter a sua província. Quanto à minha, não precisei imaginá-la. Já estava criada e completa, com foros de cidade no romance (MONTELLO, 1986, p. 34).*

“Nasci a 21 de agosto de 1917, em São Luís, numa casa que ainda hoje existe, na esquina da Rua dos Afogados com a Rua do Pespontão. Casa simples, de duas janelas e uma porta, rente à calçada” (MONTELLO, 1998, p. 14). Assim Josué Montello registrou em seu Diário sobre a data e sobre o seu o local do nascimento. Porém, não foi nessa casa que ele passou parte da infância e juventude, como ele mesmo aponta: “Minhas primeiras lembranças – como os quadros com versículos bíblicos, nas paredes das salas e dos corredores – têm outro cenário: o da casa da Rua dos Remédios, 331” (MONTELLO, 1985, p. 13) (Figura 1).



Figura 1: Casa onde Josué Montello nasceu e viveu parte da infância.

Fonte: TAVARES JÚNIOR, M. S., dezembro de 2019.

Pelo lado paterno, Josué Montello tem suas origens ligadas aos italianos que migraram ao Brasil logo que a abolição do tráfico de negros entrou em vigência, daí a origem do sobrenome “Montello”<sup>7</sup>. Pelo lado materno, é resultado do encontro do avô português e com a avó brasileira, filha de índia<sup>8</sup>. Apesar da diversidade e da mistura de raças, Josué Montello afirmou: “pertencço à minha gente maranhense e ao meu chão natal, como se todas

<sup>7</sup> “Minha família, pelo lado paterno, tem sua origem numa localidade de igual nome, na região de Montese, perto de Veneza” (MONTELLO, 1985, p. 13).

<sup>8</sup> “Ainda conheci minha bisavó, mãe desta; conservo comigo a lembrança de sua figura miúda, seca, cor de cobre, deitada numa rede, com um cajado na mão torcida” (Ibid, p.13).

as minhas raízes mergulhassem na ilha de São Luís, em cujas praias ouvi o ruído do mar que sempre me acompanhou” (MONTELLO, 1985, p. 14).

Homem sempre ligado às letras, Josué Montello foi romancista, jornalista, professor, cronista, ensaísta, historiador, orador, teatrólogo e memorialista. É herdeiro direto de um movimento de décadas de efervescência cultural do século XIX, no qual a ciência e a literatura eram as bases de uma sociedade que ainda vivia seu auge econômico, e que, portanto, as elites aristocráticas maranhenses – comerciantes, fazendeiros, políticos – enviavam seus filhos para estudar em universidades da Europa. De lá, retornavam influenciados pela moda intelectual que dominava as sociedades europeias, e deixavam, assim, suas marcas na cidade de São Luís.

Em razão desse movimento, por um longo tempo, a cidade ficou conhecida como “Atenas Brasileira”, sendo associada à capital da Grécia, berço da civilização ocidental. A respeito de tal momento histórico, Santos (2003, p. 57) declara: “foram décadas de efervescência cultural em que emergiam poetas, escritores, jornalistas e políticos cujo comprometimento intelectual vingaria o epíteto Atenas Brasileira”.

Desse movimento intelectual, surgiram nomes que moldaram a cultura das letras maranhense e brasileira. Essa geração ficou marcada no imaginário do Maranhão e do Brasil por ter representado uma gama de intelectuais que, de fato, mudaram o cenário cultural, trazendo uma densidade muito forte de conhecimentos para as humanidades, e marcando época, de modo a influenciar gerações posteriores:

Arthur Azevedo (teatrólogo que foi um dos pais da arte teatral no país); Gonçalves Dias (um dos maiores poetas do Romantismo brasileiro); Aluísio Azevedo (fundador do Naturalismo no Brasil, com obras extraordinárias, como *O Mulato* e *O Cortiço*); Raimundo Correia (um dos três da grande tríade de poetas parnasianos, ao lado de Bilac e Alberto de Oliveira); Graça Aranha (espírito avançado e contestador, que teve a coragem e a grandeza de emprestar seu nome, então consagrado, à defesa dos primeiros autores modernistas, indo frontalmente contra a Academia Brasileira de Letras, da qual fazia parte); Maria Firmina dos Reis (provavelmente autora do primeiro romance abolicionista feminino brasileiro, de título *Úrsula*) (CARNEIRO, 2011, p. 59).

Nascido em 1917, Josué Montello (Figura 2) não viveu o auge glorioso dessa época, mas, sofrendo influência desta, representou uma renovação do mito da “Atenas Brasileira”. A partir de então, com o declínio da geração que ia para Europa, uma nova geração de escritores, jornalistas e intelectuais surgiu, com a diferença que esta última fez parte da sua vida intelectual, primeiramente em São Luís, migrando posteriormente para o Rio de Janeiro, onde a nata da intelectualidade brasileira estava reunida.

Antes de se consolidar como um dos grandes escritores maranhenses, vivendo no Estado do Rio de Janeiro, Josué Montello sempre teve sua vida ligada ao mundo das letras. Prova disso é que teve seu primeiro artigo publicado aos quinze anos no Jornal “O Imparcial”, da capital maranhense e, logo depois, aos dezessete anos, fundou um jornal com os colegas do Liceu Maranhense, sendo o redator-chefe:

Não tardei a ter, eu próprio, o meu jornal. Aos dezessete anos, já a folha estava na rua, com o meu nome no alto, por baixo do cabeçalho, na condição de redator-chefe. Não me lembro mais como consegui levar adiante, por mais de ano, essa iniciativa heroica, já indicativa de uma liderança, visto que o jornal se apresentava como órgão dos alunos do Liceu e do Centro Caixeiral (MONTELLO, 1985, p. 22).

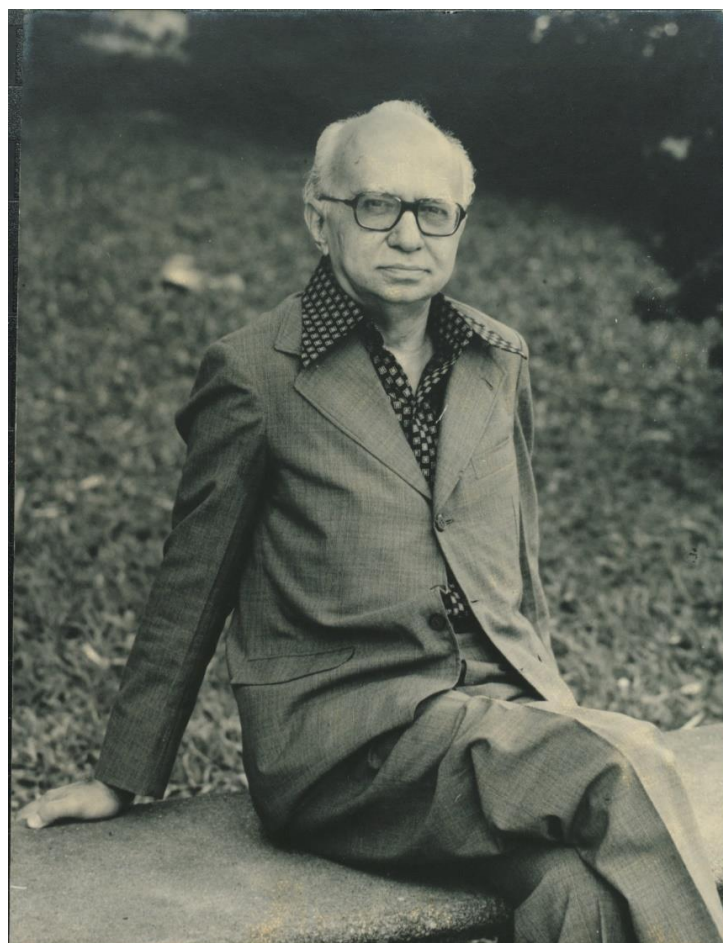


Figura 2: O escritor Josué Montello.

Fonte: Acervo Casa de Cultura Josué Montello.

Em março de 1936, convidado pelo poeta Ribamar Pinheiro, Josué Montello, em um navio, acompanhou a seleção maranhense de futebol que disputaria uma partida amistosa contra a seleção paraense em Belém, capital do estado do Pará, permanecendo por lá por

pouco tempo. O seu desejo era ir para a capital do Brasil na época, cidade em que a intelectualidade brasileira se concentrava. E assim, em 6 de abril estava a bordo de um navio Lóide com destino ao Rio de Janeiro, permanecendo por lá até o final daquele mesmo ano de 1936, onde buscava realizar o sonho de ser escritor, sendo preciso, como ele mesmo diz, deixar “para trás meus pais, meus irmãos [...] e também minha cidade natal, com suas ruas e praças, seus velhos sobrados, suas sacadas de ferro, suas calçadas de cantaria” (MONTELLO, 1985, p. 23).

Morando no Rio de Janeiro, a fim de concretizar seu desejo, tomada a decisão de deixar sua cidade natal, Josué passou a ter como companheira a inquietação por não estar em casa, como atesta em registro no seu Diário no dia 10 de junho de 1952: “acostumado à minha varanda, ao meu quintal e às minhas árvores, dou comigo a andar da sala para a cozinha, como se os pés estivessem a sentir falta do rangido da terra solta” (MONTELLO, 1998, p.29).

Prosseguindo sua vida no Rio de Janeiro, onde permaneceria até a sua morte, fato que ocorreu em 2006, o autor de fato se estabelece como escritor, tendo a sua vocação realçada, alcançando reconhecimento por parte da crítica especializada bem como por leitores comuns. Além de fazer parte do círculo de escritores que se reuniam na livraria José Olympio<sup>9</sup>, situada na rua do Ouvidor, 110. Dentre outros, seguem alguns dos nomes destacados: Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos, de quem se tornou amigo.

O poeta e crítico literário Gilberto Mendonça Teles (1996, p. 385), afirmou que: “Josué Montello, pela elegância de sua linguagem e pelo sentido ético de suas narrativas de ficção é, sem dúvida, o mais perfeito intelectual deste momento da cultura brasileira”. Em toda sua vida produziu mais de cento e sessenta títulos, incluindo vários gêneros literários, como, por exemplo, romances, contos, novelas, crônicas, ensaios, crítica literária, discursos, teatro, literatura infantil e juvenil, memórias, prefácios, além de ser colaborador de diversos jornais e revistas brasileiras.

Leitor compulsivo, Josué Montello sempre fez questão ler e reler tanto autores clássicos como autores contemporâneos, perpassando por Machado de Assis, Aluísio de Azevedo, Eça de Queiroz, Fiodor Dostoievski, Liev Tolstoi, Thomas Mann, William Faulkner, Virginia Woolf; bem como poetas brasileiros, a exemplo de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Augusto Frederico Schmidt, Cecília Meireles e João Cabral

---

<sup>9</sup> Fundada por José Olympio, a tradicional livraria e editora carioca foi, durante décadas, ponto de encontro da nata da intelectualidade brasileira.



de Melo Neto. E tinha como cânone pessoal autores franceses, como Honoré de Balzac, Marcel Proust, Stendhal, Anatole France, Gustave Flaubert e Louis-Ferdinand Céline<sup>10</sup>.

Discorrendo sobre seu poder de viagem ao ler tal material, estando em terras cariocas, Montello, (1998, p. 1161) assim se coloca:

Quando dou por mim, já estou longe, enquanto a luz fosca se fecha ainda mais à minha volta, com o dia que lentamente se recolhe. E não é só Proust que recompõe sua infância, na casa da tia Leonie, ao ter na boca o seu pedaço de Madeleine, sou eu próprio que me vejo restituído ao meu quarto de estudante, na rua Correia Dutra, no Catete, ao tempo em que li *A la recherche du temps perdu* pela primeira vez, ouvindo tocar, no rádio do quarto ao lado do meu, uma nova marchinha de Carnaval.

De leitor para escritor, a qualidade de suas leituras fica evidente nos seus livros. “A obra montelliana, quase toda, vincula-se ao contexto maranhense político e econômico – vivenciando seus ciclos, da sociedade aristocrática à burguesa” (RABECCHI, 2009, p. 19,20).

Wanda França, bibliotecária da Casa de Cultura Josué Montello<sup>11</sup>, que conviveu com o escritor por quatorze anos, detalha algumas peculiaridades do homem e do escritor:

Josué Montello era considerado um homem simples, um homem com rotinas, o foco maior da vida dele era o trabalho. Tinha a literatura, a sua dinâmica de escrever como profissão. Pela manhã sentava à máquina de escrever e lá começava a escrever uma crônica, ou um artigo, uma obra de literatura infantil. [...] Às vezes ele escrevia várias obras ao mesmo tempo, como, por exemplo, quando ele estava escrevendo “Os Tambores de São Luís” ele também escreveu “Aluísio de Azevedo e a polêmica do mulato nacional” (Em entrevista realizada de modo virtual, em 15/07/2020 – Ver apêndice)<sup>12</sup>.

Apesar de vasta produção bibliográfica (Figura 3), o que o fez ser reconhecido foi a sua verve de romancista, que por ordem cronológica de publicação consiste nos seguintes títulos: *Janelas fechadas* (1941), *A luz da estrela morta* (1948), *Labirinto de espelhos* (1952), *A décima noite* (1959), *Os degraus do Paraíso* (1965), *Cais da Sagração* (1971), *Os tambores de São Luís* (1975), *Noite sobre Alcântara* (1978), *A coroa de areia* (1979), *O silêncio da confissão* (1980), *Largo do desterro* (1981), *Aleluia* (1982), *Pedra viva* (1983), *Uma varanda*

<sup>10</sup> Sua admiração pela França e seus escritores era tanta que publicou um livro de ensaios “*Areia do Tempo*”, número que tratava da vida e obra de diversos escritores franceses, demonstrando grande erudição e conhecimento sobre a cultura francesa dos séculos XIX e XX.

<sup>11</sup> A Casa de Cultura Josué Montello foi fundada em 1981 visando a preservação e divulgação da obra montelliana. Tem uma biblioteca especializada em literatura, um museu e um arquivo pessoal do escritor, buscando, ainda, reproduzir parte da sua forma de trabalho.

<sup>12</sup> Entrevista concedida por FRANÇA, Wanda. Entrevista 1. [jul, 2020]. Entrevistador: Mozart de Sá Tavares Júnior. São Luís, 2020. 1 arquivo .mp3 (95 min).



sobre o silêncio (1984), Perto da meia-noite (1985), Antes que os pássaros acordem (1987), A última convidada (1989), Um beiral para os bem-te-vis (1989), O camarote vazio (1990), O baile da despedida (1992), A viagem sem regresso (1993), Uma sombra na parede (1995), A mulher proibida (1996), Enquanto o tempo não passa (1996), Sempre serás lembrada (2000), A mais bela noiva de Vila Rica (2001).

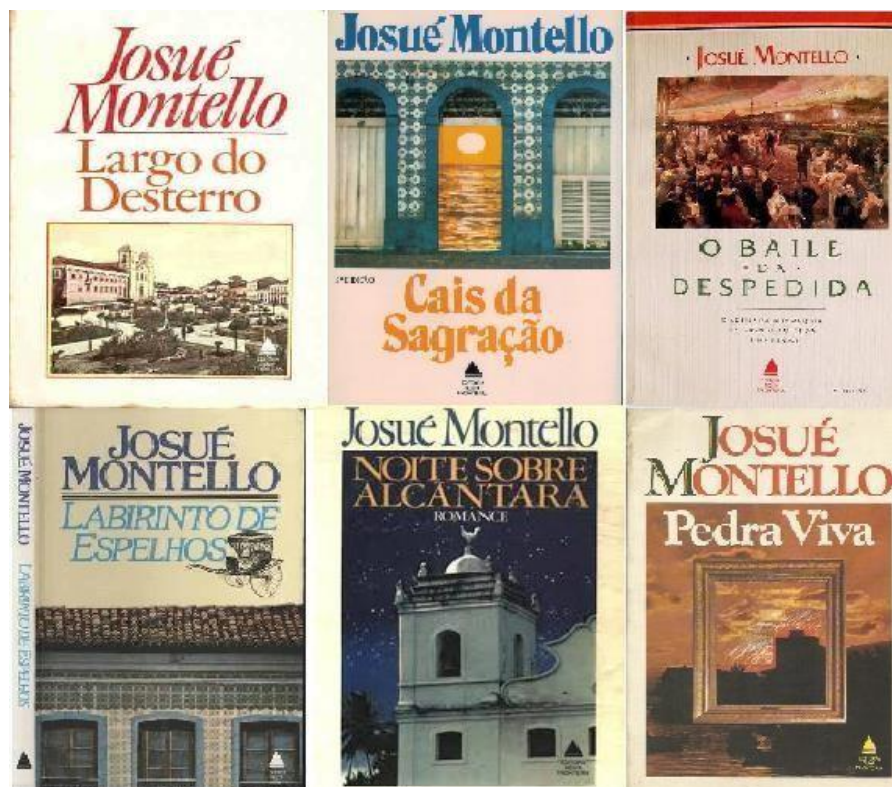


Figura 3: Capas de significativos romances assinados por Montello.

Organização: TAVARES JÚNIOR, M. S.

Contudo, sua vida não se restringiu apenas a escrever e publicar livros. Graças à sua inteligência e cultura, Josué Montello também serviu ao Estado brasileiro em diversas ocasiões, e ocupando vários cargos. Morou também em Lima, capital do Peru, de 1953 a 1955, chegando a ser Catedrático Honorário da Universidade Maior de São Marcos; em Portugal, no ano de 1957, a convite do Itamaraty<sup>13</sup>, regeu a Cátedra de Estudos de Lisboa, na Faculdade de Letras; em Madri, pelo Itamaraty, em 1957, esteve como professor de Cátedra de Estudos Brasileiros; em Paris, atuou como Conselheiro Cultural da Embaixada do Brasil de 1968 a 1970; em 1973, tornou-se Reitor da Universidade Federal do Maranhão, ficando por

<sup>13</sup> Órgão do Governo Federal que tem a responsabilidade de assessorar o Presidente da República em relação à diplomacia com outros países.

apenas um ano devido questões políticas; de 1985 a 1989 exerceu o cargo de Embaixador do Brasil junto à UNESCO em Paris; de 1994 a 1995 foi Presidente da Academia Brasileira de Letras<sup>14</sup>.

Josué Montello também foi idealizador e o primeiro presidente do Conselho Federal de Cultura. Vinculado ao MEC, esse órgão foi responsável, durante a Ditadura Civil-Militar (1964 – 1985), por elaborar políticas culturais que valorizassem os anseios da nação. Sua extinção, por um decreto do presidente Fernando Collor, ocorreu em 1990. Maia (2012) explica o motivo pelo qual o escritor maranhense propôs a criação do órgão:

À época de sua criação, no final de 1966, Josué Montello apresentou, na Academia Brasileira de Letras, o motivo que o levou a propor a criação de um conselho específico para o setor cultural: a precária infraestrutura das instituições culturais vinculadas ao MEC devido à escassez de investimentos no setor. Para Montello, o descaso que desfigurava essas instituições era resultado da ineficiência do Estado em organizar o setor cultural por meio de um sistema integrado e da inexistência no Executivo de um órgão dedicado exclusivamente à cultura (MAIA, 2012, p. 88).

Entre seus conselheiros, teve grandes nomes da intelectualidade brasileira, como Pedro Calmon, Gilberto Freyre, Djacir Menezes, Guimarães Rosa, Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, Roberto Burle Marx, Afonso Arinos de Melo Franco e Hélio Vianna, para nos determos em alguns nomes. A participação do escritor maranhense para a criação deste órgão foi decisiva, como ainda menciona Maia (2012, p. 35):

Em 1966, Josué Montello, então diretor da ABL, aproveitando-se da presença do presidente da República, Humberto Castello Branco, na Academia Brasileira de Letras, para uma conferência proferida por Afonso Arinos de Melo Franco, propôs ao presidente a criação de um conselho dedicado à cultura, com o objetivo de tecer uma estratégia de reação às críticas feitas pela imprensa e por agentes da área e realçar a importância de institucionalização do setor e do fomento estatal na cultura. Anos depois desse decisivo encontro, durante seu depoimento ao CFC, em 1971, para a comemoração do sétimo aniversário da – por eles designada – Revolução de 1964, Josué Montello narrou o episódio informando que Castello Branco demonstrava preocupação com as campanhas sistemáticas denominadas “terrorismo cultural” que se abatiam principalmente sobre Rio de Janeiro e São Paulo, estados marcados pela hegemonia das esquerdas na produção cultural.

Abrimos outro ponto de discussão frente à obra de Montello, o fato de haver ainda pouca difusão dos seus textos em âmbito nacional, não tendo o seu devido valor social e reconhecimento por parte dos seus pares. E, aqui, arrisca-se afirmar que isso se deve,

---

<sup>14</sup> Para relato detalhado dessas funções – e outras situações vividas, como a gênese da sua escrita, a vida social da intelectualidade no Rio de Janeiro, as crises políticas do Brasil –, ver os “Diários Completos”, publicados em dois volumes no ano de 1998 pela Editora Nova Aguilar.

provavelmente, ao fato de ele ter composto o Governo Militar, assumindo diversos cargos, como no caso em que esteve presente na criação do Conselho Federal de Cultura, o que pode ter desencadeado um revanchismo com a intelectualidade mais ligada à esquerda no espectro político e cultural. A respeito disso, Wanda França nos diz que:

Josué Montello sempre foi considerado um escritor que estava em cima do muro. Essa é a expressão que a gente vê na crítica, nos críticos literários, nos jornais. Ele sempre teve uma posição não muito definida, justamente por saber lidar com os dois lados [direta e esquerda]. Ele teve até uma tentativa frustrada de se tornar político. Justamente esse posicionamento dele dificultou muito a abertura nacional para a divulgação da sua obra. Remetendo aos Tambores de São Luís, quando ele escreveu o romance, ele foi ser o quê? Foi ser reitor da UFMA no período da Ditadura, então ele conviveu muito bem com o processo da Ditadura, com aqueles que estavam fazendo aquele momento. Ele também tinha contatos da esquerda, então, evidentemente isso gerava uma desconfiança, porque as pessoas se questionavam: “quê lado esse camarada está?” Então eu acredito que isso deve ter sido um dos fatores que impossibilitou a ascensão dele em nível nacional (Em entrevista realizada de modo virtual, em 15/07/2020 – Ver apêndice).<sup>15</sup>

Morando no Rio de Janeiro desde 1936, Josué Montello considerava-se um homem de sua província, com fortes marcas da terra e dos hábitos do Maranhão, mais especificamente de São Luís, como atesta o registro que ele realizou em seu Diário em dezembro de 1955: “olho a noite estrelada, na varanda do apartamento, deitado ao comprido de minha rede maranhense, e é para agradecer a Deus que me isolou neste canto” (MONTELLO, 1998, p. 313).

Nunca esquecendo São Luís, que para ele representava tudo o que de mais importante a memória poderia conceber, corpo-referência de quem decide se exilar – refere-se aqui ao autoexílio –, é a cidade que vai remontar nos recônditos da sua consciência as mais qualificadas situações de vida que aparecem em suas obras.

Vejamos sobre as suas intenções quando, dos seus retornos a São Luís, o poder da memória do autor revelada no seguinte trecho do seu Diário, escrito em 22 de dezembro de 1967: “Não, não vou à minha terra para matar saudades. Não, isso não. Vou reviver saudades, dando-lhes mais viço e mais alento, para que não se me desfaçam na memória” (MONTELLO, 1998, p. 976). Com conteúdo que também revela a sua imaginação criativa, uma vez em Lisboa, capital de Portugal, em 19 de janeiro de 1957, ele afirma que:

De início a impressão que recolhi, numa primeira visão de Lisboa, foi que eu havia encontrado, deste outro lado do Atlântico, uma São Luís exagerada. Na verdade,

<sup>15</sup> Entrevista concedida por FRANÇA, Wanda. Entrevista 1. [jul, 2020]. Entrevistador: Mozart de Sá Tavares Júnior. São Luís, 2020. 1 arquivo .mp3 (95 min).

pela ordem natural da precedência histórica, São Luís é que seria a Lisboa em miniatura. Com os mesmos sobrados. Os mesmos mirantes. As mesmas sacadas de ferro. Os mesmos portais de cantaria. As mesmas ladeiras. As mesmas calçadas de pedra. Nas esquinas dos trechos mais típicos, os mesmos braços de ferro para os velhos lampiões (MONTELLO, 1998, p. 415).

É preciso ser destacado que, mesmo estando separado por um oceano inteiro, a memória do escritor não se desprende de sua terra natal, o que é ratificado quando ele percebe outra semelhança:

Leio o nome das ruas e praças, e a concorrência ainda mais se acentua: largo do Carmo, rua da Paz, rua das Flores, rua do Sol. Sinal de que os portugueses, em São Luís, na escolha dos topônimos locais, obedeceram à inspiração nostálgica, que lhes devolvia Lisboa em terras do Maranhão (MONTELLO, 1998, p. 415).

Não somente pela paisagem que se revela a ele estando em Lisboa, com suas características físicas, mais precisamente arquitetônicas, ou pela toponímia que torna possível a associação entre São Luís e Lisboa, Josué Montello nota que Lisboa e São Luís assemelham-se em outro aspecto, dessa vez menos físico e mais humano:

Já ao tempo de Gil Vicente, era grande, em Lisboa, a população negra. Depois, com as colônias africanas, outros negros continuaram a vir. Mas tenho a impressão de que, na Lisboa de hoje, há mais negros puros do que em São Luís. Em São Luís, brancos e negros facilmente se misturaram. Misturaram-se também com a população indígena (MONTELLO, 1998, p. 415).

De certo é que grande parte de sua obra é essencialmente inspirada em São Luís, como se o autor precisasse escrever sobre sua terra natal para reviver suas memórias, ou como se prestasse uma homenagem à terra que o formou e o inspirou, buscando em sujeitos reais arquétipos para seus personagens ficcionais, usando de casos reais para romancear ao seu modo a cidade, se não atentemos para as palavras que se seguem:

São Luís pulsa e se derrama na essência de meus romances. De onde concludo que não fui eu apenas, com a minha língua materna, que escrevi [...] foi também minha terra que os escreveu comigo, com seus tipos, com seus sobrados, com suas ruas estreitas, com suas ladeiras, com a luz inconfundível que se desfaz ao fim da tarde sobre seus mirantes, seus telhados, seus campanários, na Praia Grande, no Desterro, no Largo do Carmo, no Cais da Sagração (MONTELLO, 1998, p. 1041).

A capital maranhense para ele é, antes de tudo, uma significativa marca memorial. São Luís, em seus romances, faz-se desvelar uma cidade encantadora, ainda vivendo seu apogeu comercial, artístico e intelectual, mas também não esquecendo as contradições que esse apogeu lega, detalhando situações em que a riqueza não era para todos, mostrando as

classes menos abastadas e busca por sobrevivência, usando o texto para mostrar que a cidade também se constitui por espaços nos quais as pessoas não têm voz.

Muito provavelmente pelo seu relevante trato com a cidade em sua literatura, Itapary (2006, p. 5) assim se coloca: “Josué, para nós, é o nosso representante maior, no Brasil e no exterior. Foi a grande figura que projetou, durante o século XX, o modo de viver do povo maranhense”. E sobre o grande romancista maranhense, Carvalho nos diz o seguinte:

É um nato representante da cultura maranhense, principalmente, no tocante ao espaço da velha cidade já, na época, praticamente em ruínas. A sua ilha, capital que se transfigura como ambiente socioeconômico e cultural na maioria da sua obra ficcional, e guarda segredos, mistérios contados por personagens nos seus romances. Esses aspectos fortalecem a imaginação que transforma a realidade do autor, com a vida do seu povo, e da cidade miscigenada por natureza (CARVALHO, 2014, p. 17).

Um escritor precisa pôr os pés na sua cidade para rememorar caminhos, espaços, paisagens, enfim, o cotidiano vivido. Josué Montello, nas visitas que fazia com frequência para rever a cidade que tanto o inspirou, legou-lhe uma carreira literária respeitável. Ele aproveitava as oportunidades para rever certas imagens, cenas comuns que todo morador da cidade pode algum dia ter vivenciado, como, nas suas palavras: “Os pregões de São Luís... Ouço-os ainda, como ao tempo de minha infância. O do jornaleiro. O do peixeiro. O do Sorveteiro. O do vendedor de pamonhas. O do mascate, que parava na rua do Alecrim” (MONTELLO, 1998, p. 377).

O que de fato determina que o homem está no seu lugar? Quais os sentimentos que alçam ao coração e percorrem todo o corpo para que a ligação com o lugar seja sentida? Dardel (2015, p. 34) nos diria que “a realidade geográfica é, para o homem, então, o lugar onde ele está, os lugares de sua infância, o ambiente que atrai a sua presença.” É interessante essa afirmação de Dardel, pois, ao ler um registro no Diário de Josué Montello, pode-se ver a semelhança de ideias que os dois têm sobre o lugar da casa, do sentir-se em casa, de ter o seu lugar:

De repente, ao pé da janela, o grilozinho põe-se a cantar, e o seu cricri contente se associa ao choro manso das águas do Ribeirão. Depois, por cima de um velho telhado, a surpresa de uma claridade nova, que vai aumentando, aumentando, até que a cara gorda da lua fica a olhar para mim, enquanto um seresteiro desce a ladeira da rua e canta, e chora, por entre as notas de um violão. Agora sim, sei mesmo que estou em minha província (MONTELLO, 1998, p. 378-379).

Como a sua produção bibliográfica é intrinsecamente ligada a São Luís – são quatorze livros que têm São Luís como matéria primária –, podemos dizer que Josué Montello preocupou-se em fazer com que o seu leitor se sentisse na cidade. Não por acaso, ele adentra

ao universo físico da cidade, não buscando apenas na memória suas lembranças, mas buscando estar relacionado com aquela terra, com seus sujeitos. E isso é tão verdade que ele afirmou: “desço ao cais da Sagração para fixar algumas cenas de meu novo romance. Preciso ver barqueiros, catraieiros, mulheres do povo; sentir o cheiro da maresia, no momento em que as águas sobem” (MONTELLO, 1998, p.898).

Em 1973, o escritor registra em seu Diário aquilo que pode ser considerada uma síntese da importância da capital maranhense na sua vida e na sua escrita:

Porque, para mim, as velhas ruas de São Luís, tão belas, tão harmoniosas, são todas de alvorada, sempre que as vejo ou as recordo. Aprendi a amá-las, desde menino, inundadas de luz matinal, com o sol a se refletir nas suas fachadas de azulejos, e é assim que sempre as recomponho, nas minhas evocações nostálgicas, quando me deixo ir por elas, olhando o mapa de São Luís sob o vidro de minha mesa. [...] Certo, muita coisa ali está mudando, a ponto de eu me perder nas velhas ruas de minha infância e juventude. Mas a memória atenta repõe a cidade de outrora na cidade modificada, e vou novamente a pé, de minha casa, na Rua dos Remédios, ao Liceu Maranhense, entre a Praia Grande e o Desterro, todos os dias, quer na ida, quer na volta, e sempre encontro, no velho itinerário, algo que ficou comigo para a hora de recordar (MONTELLO, 1998, p. 1246).

Logo, então, pode-se interpretar que a ligação do escritor com a sua terra natal é visceral, profunda, intensa. Terra que ele não esqueceu nem por conta da distância geográfica, e nem mesmo pela memória que se esvaia ao longo dos anos. Vejamos, então, a este respeito, a fala do escritor em seu Diário no dia 1 de fevereiro de 1967: “Todas as vezes que me despeço de São Luís, sinto que se repete em mim, subindo à tona da consciência, a emoção da primeira partida, na adolescência” (MONTELLO, 1998, p. 900).

A julgar pelas comparações entre Lisboa e São Luís, dentre outros registros, temos a impressão de que Josué Montello estabeleceu para si, e com a sua terra natal, ainda que de forma involuntária, uma espécie de “geografia telúrica”, o que seria, no entender de Cavalcante (2019):

Essa geografia telúrica envolve tanto a explanação da superfície terrestre, na investigação sobre a forma dos lugares e paisagens do planeta, como a compreensão da matéria que implica profundidade, espessura, cor, solidez e plasticidade, encontrada na experiência imediata entre o homem e o seu chão (CAVALCANTE, 2019, p.71).

Começando a ser escrito em 1972, publicado em 1975, *Os Tambores de São Luís* (Figura 4) é tido pela crítica como a obra-prima do escritor maranhense. O escritor produz tal romance para que o leitor conheça questões de cunho humano, tais como: a busca da liberdade do negro em face à escravidão; as disputas de poderes na cidade; os preconceitos da sociedade aristocrática para com o povo; o poder do clero; a plural carga simbólica da cidade.

Como o próprio autor escreveu: “não tenho dúvida de que, com o meu romance, poderei suprir uma lacuna no romance brasileiro, [...] a epopeia da raça negra, lutando por sua liberdade” (MONTELLO, 1998, p. 1212).



Figura 4: Algumas capas de edições de Os Tambores de São Luís

Fonte: TAVARES JÚNIOR, M. S., maio de 2020.

Os Tambores de São Luís é um romance de formação<sup>16</sup>, no qual é exposto, de maneira bastante detalhada, o processo de desenvolvimento do personagem principal, percorrendo por sua formação física, moral, psicológica, social e política. O personagem em questão, como já citado, é um ex-escravo de nome Damião, com 80 anos de idade, que numa noite de 1915 até a manhã do dia seguinte, em São Luís, vai relembrar de modo significativo toda sua vida no percurso que faz da sua casa, no Largo do Santiago, para a casa da sua neta, que fica na Gamboa, onde espera conhecer seu trineto.

<sup>16</sup> *Bildungsroman*, no original em alemão, esclarece que Romance de Formação é um tipo de romance no qual se acompanha a trajetória do protagonista desde a infância, atravessando a juventude, a fase adulta, até a sua morte.



No romance *Os Tambores de São Luís*, os personagens buscam, de forma incessante, o seu passado, a sua história, as identidades que consistem na construção dos espaços familiares, o de suas casas. Na construção do espaço citadino, encontram-se grupos de trabalhadores brancos, negros e mulatos. Em grande parte da narrativa, o narrador fala de Damião como um homem desiludido, por não conseguir adequar-se ou ser aceito na sociedade que sonhara viver. Vive o conflito interior, porque o que deseja está direcionado ao homem branco: o Seminário, o conhecimento escolar, o que demanda o poder do branco. Com o saber que adquiriu, não pode comparar-se mais aos outros negros (CARVALHO, 2004, p. 44).

O romance tem, no seu primeiro plano narrativo, o percurso que Damião, indo ao encontro de seu trineto que está para nascer, traz consigo todas as lembranças que aquelas ruas, sobrados e casarões remetem a ele. O segundo plano tem na sua gênese essas lembranças de maneira bem detalhada, com todos os personagens envolvidos, situações que se iniciam na infância e perpassam pela juventude e fase adulta, aportando na velhice:

Dois arcos se cruzam ao longo do romance: o da vida de Damião, em cuja personalidade procurei fixar o negro superior, com o domínio da cultura humanística, sofrido, vivido, sabendo guardar nessa cultura do sentindo mágico da cultura negra; o da provação do cativo, ao longo de três séculos, até a conquista da liberdade, e tudo flui no curso de uma só noite em que se passa a ação central da narrativa (MONTELLO, 1998, p. 1307).

E é durante a sua qualificada vida que a narrativa se faz presente, proporcionando ao leitor vivenciar, imaginariamente, o que Damião passou, desde a escravidão até sua luta contra a mesma, contendo ali, como uma trama paralela, a vida casual de Damião, da qual é possível destacar as descobertas, amores, amizades, inimizades, a personalidade forte, a vida de professor negro numa sociedade racista, sua plural religiosidade, e seu ativismo em prol de uma sociedade livre do preconceito e da discriminação.

Abaixo, o escritor explica mais detalhadamente a sua preocupação com o romance, em virtude do seu caráter épico:

De quantos romances que escrevi até hoje, nesta minha língua transparente e objetiva, foram *Os Tambores de São Luís*, na sua concepção geral e na sua urdidura, aquele que me obrigou a uma atenção maior, como pesquisa, como rigor técnico, dada a circunstância de que nele a ficção se acha amalgamada à matéria rigorosamente histórica (MONTELLO, 1998, p. 1346).

E, aqui, continua o relato sobre questões intimamente ligadas ao romance, com o conteúdo que envolve mais seiscentas páginas:

Embora sua ação romanesca componha uma parábola que se inicia às 22:00h de uma noite de 1915 para fechar-se às 9:00h da manhã seguinte, o relato retrocede aos vários ciclos da história maranhense, misturando presente e passado, com mais de



quatrocentas personagens, entre bispos, padres, governadores, boêmios, raparigas, estudantes, professores, oradores populares, negros de ganho, artistas, tipos de rua, tentando reconstituir toda a complexa vida de uma cidade – ao mesmo tempo que procura retrair as lutas do negro maranhense, como elemento consciente do povo brasileiro (MONTELLO, 1998, p. 1346).

Algumas personagens merecem destaque por representarem o espírito da época, personagens que vivem em função da sua sobrevivência e dos grupos culturais, e se mostram arraigados ao solo ludovicense. Da Dissertação *Cenas da Vida Urbana em Os Tambores de São Luís*, de Josué Montello: ressonâncias balzaquianas, a respeito dos personagens, são relevantes os seguintes apontamentos:

Samuel, o escravo do saber popular e das credices, um curandeiro e ao mesmo tempo traidor; Donana Jansen surge como a imagem feminina do poder, da arrogância, do preconceito, da crueldade, enfim, o estigma da maldade daquele tempo; o Barão, uma figura caricata, gabola, malandro e aproveitador das situações; Ana Rosa, uma mulher perversa e homicida que cometeu crimes contra crianças; Genoveva Pia, figura escrava e ao mesmo tempo representação de um público proletário, tinha um trabalho social em ajudar os escravos na fuga, em busca de liberdade; Sousândrade o intelectual solitário, sempre idealizando uma São Luís do futuro através da educação, com a criação de uma universidade, como forma de favorecer a educação; os fofões maranhenses, figuras carnavalescas que usavam fantasias coloridas, cobertas e fofas dos pés à cabeça, utilizando-se de máscaras, que faziam alegorias nas ruas dançando e correndo atrás das pessoas, fazendo medo, como se fossem almas penadas (LIMA, 2016, p. 23).

O romance contém denúncias acerca dos tempos sombrios em que a escravidão era algo comum aos negros, sendo pouco ou quase nada questionada pela sociedade à época. Assim, *Os Tambores de São Luís* retrata um período de horror da história do Brasil, que não pode ser esquecido. “É a memória do protagonista, Damião, que trará de volta tais acontecimentos” (ZANELA, 2009, p. 136).

É sobre tal escrita apelativa que Josué Montello, notadamente, convida o leitor a explorar São Luís na companhia de Damião, por entre ruas, vielas, praças, sobrados, mirantes, igrejas, pontos de comércio; conhecendo o povo, o poder, o clero, as intrigas de uma sociedade burguesa em decadência e, sem dúvidas, levando aquele que lê os seus escritos a enxergar e a sentir uma cidade que se abre à imaginação.

## **CAPÍTULO 2.**

### **EXPERIÊNCIAS ESPACIAIS DE DAMIÃO E DOS SEUS: o lugar do habitar**

A partir desse capítulo os espaços afetuosos de Damião se revelam por meio das primeiras descobertas geográficas. O quilombo na mata, a fazenda no interior do Maranhão, a chegada a São Luís, tudo isso é apresentado de maneira que se possa compreender porque Damião cria vínculos com os lugares e os habita. Posteriormente, as relações de Damião com a cidade de São Luís são aprofundadas, com novas percepções espaciais, como, por exemplo, pondo em relevo as suas experiências na Casa das Minas e a conquistas sociais que denotam a qualificação da sua condição humana, e a ressignificação do seu mundo vivido e dos seus irmãos.

## 2.1 Foi eu que fez o quilombo, tudo aqui tá dentro do meu corpo

*Depois do Barão, outros negros apareceram, e ali ficaram. Não vieram de uma vez, ou no espaço de poucas semanas; porém ao longo de vários meses, e todos eles, ao defrontarem com a clareira alargada pelas palhoças, e só de negros, abriam o mesmo riso triunfante (MONTELLO, 2005, p. 36).*

Josué Montello oferece pouco sobre a relação direta de Damião com o espaço do quilombo, quando este estava com seus pais e com outros negros, grupo esse que conseguiu fugir da fazenda Bela Vista e de outras fazendas. Em compensação, o escritor oferece ao leitor um amplo retrato da vida e do poder de ressignificação daquele espaço, movimento só possível pela ação e perseverança daqueles sujeitos. Considera-se importante ater-se a esse período da vida de Damião, pois se trata de um espaço de memórias e de vivências singulares.

A reação do negro brasileiro e maranhense – contra a escravidão – assumiu três feições nitidamente caracterizadas: a primeira foi a revolta armada nos levantes dos malês, na Bahia entre 1807 e 1835; o segundo a Balaiada; e terceiro a fundação dos Quilombos na mata (OLIVEIRA, 1978, p. 41).

A princípio, os únicos moradores do quilombo eram Julião, sua mulher e os dois filhos, a saber, Damião com oito anos e Leocádia, sua irmã, com seis anos, todos em busca de liberdade e fugidos da opressão escravagista da fazenda Bela Vista. Julião, que chegou ao Brasil num navio negreiro com outras centenas de escravos, “Ergueu a sua palhoça e fez o seu roçado. [...] Ao fim de um ano, já a casa era outra, mais sólida, as paredes de pindoba, o chão de terra batida, os esteios de aroeira” (MONTELLO, 2005, p. 26). A importância do quilombo é compreendida haja vista que se demorou um mês para chegar até àquela abertura de mato, à beira de um pequeno lago.

O surgimento do quilombo se deu com a chegada de Julião e sua família, naquela terra distante, após muitos dias de caminhada mata adentro; logo, seguidamente, outros negros escravos fugidos da fazenda do Dr. Lustosa, seu antigo dono e de tantas outras fazendas circunvizinhas. Assentaram-se naquela terra e deram início a uma sociedade com característica de comunidade, onde o trabalho era coletivo e mais justo. Os negros uniram-se no intuito de sobreviverem à perseguição da lei do mais forte. E aproveitavam a experiência obtida nas terras dos brancos; economicamente produziam em conjunto, as plantações de milho, de cana-de-açúcar, frutas, criações de animais como galinhas, marrecos, caçavam e pescavam, até forjavam algumas ferramentas de ferro no intuito de se prepararem melhor para enfrentar os adversários quando lá aparecessem (CARVALHO, 2014, p. 35).

A construção do quilombo e seu crescimento revela que esse espaço não é somente um local escolhido para se esconder do seu senhor e ter o mínimo de liberdade. A

intenção era de se construir um espaço acolhedor, humanizado, um lugar com ares de território. Nesse sentido, Silva (2012, p. 3) menciona que “territorializar-se significa ter poder e autonomia para estabelecer determinado modo de vida em um espaço, dando continuidade à reprodução material e simbólica deste modo de vida”.

Com o passar do tempo, o quilombo torna-se um lugar em que a carga simbólica ganha força e significado, sobretudo, quando chegam de outras fazendas, longínquas, novos negros, e com eles trazem seus tambores, suas crenças, suas maneiras de viver o mundo. O quilombo, como um espaço de resistência contra a escravidão e de luta pela liberdade, vai assim tomando dimensão de um espaço simbólico a partir da chegada desses novos moradores, no qual, quando novos negros fugidos de outras fazendas ao chegarem, abriam o mesmo riso triunfante, sabendo que ali só estariam negros e suas raízes. Carvalho (2014), a respeito do desenvolvimento do quilombo como um verdadeiro espaço de união entre os negros, tornando-os um grupo étnico, usando a terra como morada, alimento e defesa, fala-nos o seguinte:

Assentaram-se naquela terra e deram início a uma sociedade com característica de comunidade, onde o trabalho era coletivo e mais justo. Os negros uniram-se no intuito de sobreviver à perseguição da lei do mais forte. E aproveitavam a experiência obtida nas terras dos brancos; economicamente produziam em conjunto, as plantações de milho, de cana-de-açúcar, frutas, criações de animais como galinhas, marrecos, caçavam e pescavam, até forjavam algumas ferramentas de ferro no intuito de se prepararem melhor para enfrentar os adversários quando lá aparecessem (CARVALHO, 2014, p. 35).

Não há nenhuma referência explícita nesse momento do romance de como determinado negro, ou mesmo Damião, estariam se identificando com aquele espaço ao ponto de transformá-lo em lugar. Mas é perceptível que não é apenas um espaço de fuga e resistência. Com a vida acontecendo, continuamente, as relações ficam mais íntimas com aquele pedaço de terra.

Julião, líder do quilombo, descendia de uma estirpe ilustre de negros que foi quase toda dizimada na longa viagem do navio negreiro da África ao Maranhão. Homem que guardava nas suas memórias as nítidas imagens de sua terra e de seu povo. Com isso, queria reproduzir no quilombo aquilo que viveu na África e juntando com elementos já introduzidos no Brasil, como afirma Luchiari (2001, p. 22, 23), a respeito da tentativa de reprodução das paisagens:

Se a paisagem é representação, não se esgota: reproduz-se, renova-se, regenera-se, tal qual as sociedades. A sociedade explora a representação e não depende exclusivamente das paisagens naturais, pois pode buscá-las noutros lugares – sempre que uma primeira paisagem explorada for degradada –, ou reconstruí-las artificialmente.

Essa tentativa de renovação do quilombo, feita por Julião e os demais membros, principalmente pelo seu líder, faz com que ele chegue a afirmar de modo muito sensível e orgulhoso, “foi eu que fez o quilombo, tudo aqui tá dentro do meu corpo” (MONTELLO, 2005, p. 36, grifos nossos). Com história, o quilombo já tinha “a casa de farinha, a engenhoca, o seu pequeno cemitério” (MONTELLO, 2005, p. 35).

Havia também espaço para a manifestação da fé, quando tiveram a ideia: “ergue-se uma capela para Nossa Senhora do Rosário, além de ter feito a imagem da santa em pinhode-riga” (MONTELLO, 2005, p. 33), e, claro, já havia o terreiro, em que os tambores sagrados ecoavam seus sons e ritmos, tanto que, assim, “não tardou que, uma noite, à hora em que descem os voduns nos terreiros sagrados, ressoasse um tambor, abafado pela floresta circundante.” Assim, fazendo também do quilombo um espaço sagrado para todos, não importando a crença individual ou coletiva<sup>17</sup>.

O quilombo em que Damião permanece por nove anos é especial para ele, e vai certamente influenciá-lo por toda a sua vida, seja pelas relações sociais desenvolvidas ali, seja porque ele e outros negros fizeram daquele espaço um lugar. Pois, como explica Tuan (2003, p. 204), “a maioria dos lugares não são criações deliberadas, eles são construídos para satisfazer necessidades práticas”.

E, assim, aquele espaço que antes era só mata fechada, foi, com o passar do tempo, mudando de fisionomia, à medida que os homens foram humanizando aquele espaço.

Infelizmente, o quilombo foi descoberto e todas aquelas construções— de vínculo com o espaço, de erguerem suas casas, de tocarem os seus tambores para os seus santos, de união entre eles —, que os moradores do quilombo fizeram, foram desfeitos. Damião, a partir de agora, terá em sua vida dois sentimentos em relação ao espaço: topofobia e topofilia. Eles estarão em permanente conflito na Fazenda Bela Vista, onde ele, sua família e outros retornarão para o cativo.

## **2.2 Recordava-se de tudo, até mesmo da floração dos ipês**

*À medida que se iam aproximando da fazenda, Damião só fazia confrontar o que via com o que tinha na lembrança [...] Mas quando tornou a ver a casa-grande, precedida da orla de palmeiras, acima de uma rampa suave calçada de pedras, não pôde como não emocionar-se. Lá adiante, alongava-se a senzala, coberta de telha, com seu beiral saliente (MONTELLO, 2005, p. 48).*

---

<sup>17</sup> Zeny Rosendahl (2011, p. 13-14), em seu artigo “Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado”, qualifica espaço sagrado como “caracterizado por sua sacralidade máxima, expressa por uma materialidade à qual se atribui valor simbólico”.

Símbolos inscritos na paisagem, pelos homens, podem representar ou mesmo criar o sentimento de lugar para determinada pessoa ou para um grupo? No retorno para a Fazenda Bela Vista – a fazenda do Dr. Lustosa, era o local onde Damião e sua família eram escravos –, depois de ser capturado no quilombo, Damião revê alguns desses símbolos que fazem com que ele reviva sentimentos ambíguos em relação àquele lugar. Mas há sentimentos, há memórias e existe lugar, como veremos em seguida, para Damião na fazenda.

Essa ambiguidade, que vai da mistura de sentimentos, passando por sensações distintas, vai acompanhar Damião firmemente no retorno àquele espaço. Damião nasceu na fazenda, passou boa parte de sua infância nela e, portanto, tem relação direta com aquele espaço. Dois sentimentos permearão o retorno. O primeiro sentimento – Topofilia – em relação ao espaço, quem nos ajudará a entendê-lo é Tuan (2012). O segundo sentimento a que Damião também sentirá da pior maneira possível é o de Topofobia.

Relações essas que só são possíveis porque há ligação de Damião com o lugar. É preciso entender que os sentimentos que os lugares podem trazer não são somente de afeição, carinho ou proteção – topofilia; mas que existe também a repulsa, o medo e a insegurança – topofobia.

Apesar do retorno física e mentalmente penoso ao qual foi submetido para deixar o quilombo, Damião, assim que percebe que está chegando à fazenda, lembra-se de tudo que viveu naquele lugar: **“recordava-se de tudo, até mesmo da floração dos ipês”** (MONTELLO, 2005, p. 48, grifos nossos). Longos anos fora e a memória ainda revive com nitidez aquele lugar. “Com efeito, nada mudara, inclusive a poeira de espuma, com halo de arco-íris, que se ergue da base da cachoeira, no trecho em que o fio d’água desliza, buscando o caminho do mar” (MONTELLO, 2005, p. 48).

É importante atentar aos detalhes desse trecho da narrativa, pois é exatamente isso que Tuan (2012, p. 136), ao falar sobre “o deleite ao sentir o ar, água e terra”, exprime – o poder que o sentimento topofílico exerce nos homens. Damião sente tudo isso antes mesmo de pôr os pés na fazenda, numa demonstração clara de afeto com a fazenda.

Na fazenda Bela Vista passou boa parte de sua infância, conhecendo cada canto, explorando os limites e descobrindo aos poucos aquele espaço, guardando na memória e, por isso, “quando tornou a ver a casa-grande, precedida da orla de palmeiras, acima de uma rampa suave calçada de pedras, não pôde deixar de emocionar-se” (MONTELLO, 2005, p. 48). E a seguir, ainda com a emoção a dominar o seu corpo por estar de volta, ele revê “lá adiante, alongava-se a senzala, coberta de telha, com seu beiral saliente” (MONTELLO, 2005, p. 48).

Se lugar, como sugere Tuan (2011), é pausa no movimento, Damião, ao retornar para a fazenda, pausa tudo, e todas aquelas imagens lhe afluem à consciência, como se num filme tudo que viveu passasse na sua cabeça, com a diferença que esse filme foca apenas em certos espaços daquela fazenda; pequenos espaços que, como explica Tuan (2011, p. 12), “desde que adquira familiaridade e propósito, é muito pouco distinto do lugar”. Portanto, todos os outros locais da fazenda, aqueles que não lhe trazem aspectos de familiaridade, ou que ele não tenha criado vínculos afetivos, são ignorados.

Tuan (2011, p. 45) sugere que “o horizonte geográfico de uma criança expande à medida que ela cresce, mas não necessariamente passo a passo em direção à escala maior”, e prossegue ao dizer que “o seu interesse e conhecimento se fixam primeiro na comunidade local”. Portanto, é perfeitamente compreensível que, apesar de tudo – dos sofrimentos, humilhações, torturas e privações que Damião e os seus viviam continuamente naquela fazenda –, ele sinta um sentimento de completude com aquela terra, que certamente, como no trecho abaixo, configura-se como expressão topofílica:

No entanto, a despeito das torturas recebidas, Damião havia experimentado, no seu retorno à fazenda, uma sensação inefável de reencontro consigo mesmo, e que lhe advinha do cheiro de cana molhada, após as breves chuvas de setembro; do vagaroso gemido dos carros de bois; do ranger das moendas; do aroma do melaço quente nos imensos tachos de cobre; do tarantantã dos tambores no terreiro da senzala; do tinido do sino marcando o começo e o fim do dia; da lagoa pontilhada de garças, marrecas e siricoras na primeira luz matutina; da capela de porta ogival alvejando à direita da casa-grande. Dir-se-ia que a infância perdida repentinamente lhe voltava. E o certo é que essas emoções lhe atenuaram, em parte, a amargura do regresso, a que sempre associava, na mais profunda essência de sua natureza, a revolta e a compaixão pela perda do pai (MONTELLO, 2005, p. 55).

Josué Montello exprime aquilo que Tuan (2012) reflete sobre como as percepções dos homens ajudam na criação de vínculos com o ambiente, estreitando, assim, laços entre homem e terra. Então, quando Damião reencontra-se consigo mesmo, após sentir o cheiro da cana molhada; quando ao ouvir os tarantantã dos tambores no terreiro da senzala; e ao ver na lagoa pontilhada de garças, marrecas e siricoras na primeira luz do dia, trata-se unicamente do vínculo que a topofilia exerce no homem, é parte inequívoca do homem-espaço.

Sendo assim, “a topofilia é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN, 2013, p. 136). E retornar para fazenda foi, sim, irresistível para Damião (Figura 5).



Figura 5: Fazenda na região onde a fazenda Bela Vista estava localizada.

Fonte: Ramssés de Souza Silva., junho de 2018.

E irresistível também foi voltar a sentir na pele a sujeição da escravidão que lhe era imposta, não somente a ele, mas também aos demais escravos na Fazenda Bela Vista. Damião também estava ciente de que esse retorno proporcionaria, mais uma vez, estar diante do chicote, das palmatórias, do trabalho penoso e humilhante, no tronco. Ainda na captura, no quilombo, soube que mais uma vez que, pelo fato de a cor da sua pele ser preta, estaria fadado a ter todo o peso do mundo sobre suas costas:

Só as mulheres protestavam, vociferando.

– Larga do meu fio, diabo!

– Vai empurrar a vaca da tua mãe, seu peste!

Com a pistola na mão, o alferes louro, de passo pesado, que comandava a tropa, ia avisando:

– Lugar de escravo é na senzala, debaixo das vistas de seu senhor. Todos vocês vão voltar para seus donos. Ou então morrem aqui mesmo, que eu tenho ordem de matar (MONTELLO, 2005, p. 42).

Toda a construção do quilombo, a vida em conjunto, cada um fazendo seus afazeres, construindo símbolos e criando espaços de convivência coletiva, e por vezes individuais, foi destruído com a volta para a fazenda. Deixaram de ser pessoas com autonomia, vida própria e sonhos. Voltaram a ser mercadorias, usados como moeda de troca. Objetos que poderiam ser descartados quando quisessem. Isso fica claro quando o Dr. Lustosa percebe a falta de Julião, pai de Damião:



O braço está novamente levantado, na exaltação da cólera, embora não empunhe a chibata; mas os olhos são os mesmos, crescidos por trás das lentes, com o brilho de ódio nas pupilas castanhas.

– Eu jurei que ia botar aquele miserável no tronco! Era eu que queria acabar com ele! Como foi que deixaram o negro se atirar no rio? Hem, Seu Chico Laurentino? E onde estava você que não impediu aquele filho da puta de se matar [...]

– Quando eu dou uma ordem, tem de ser cumprida! Você sabe que fui eu quem deu dinheiro ao governo para armar a tropa que ia acabar com o quilombo daquele miserável! A ordem era pra pegar todos vivos, e trazer todos aqui! Onde estão os outros? [...] (MONTELLO, 2005, p. 50-51).

Josué Montello não oferece detalhes sobre a vida dos escravos na Fazenda Bela Vista, em relação aos trabalhos que eles eram obrigados a realizar. Porém, Costa (2018) esclarece que, no período oitocentista – época em que o romance é ambientado –, os escravos realizam nas fazendas do Maranhão trabalhos predominantemente na grande lavoura de algodão e arroz e, posteriormente, na cultura açucareira.

Outra contribuição vem de Pereira (2001, p. 68) que, tratando de trabalhos forçados que eram realizados pelos escravos, aponta: “a criação de gado, pesca, produção de farinha de mandioca e cultivo de outros produtos voltados ao abastecimento do comércio local, tais como milho e feijão, contribuindo assim para a dinâmica do mercado interno”.

A senzala era o local dos escravos. Josué Montello, inclusive, em umas das epígrafes de *Os Tambores de São Luís*, cita uma passagem de um sermão do padre Antônio Vieira – notório defensor da abolição da escravidão e crítico severo de senhores de escravos cristãos que escravizavam outros seres humanos –, em que fica claro a cruel realidade das fazendas maranhenses: “Ah fazendas do Maranhão, que se esses mantos e essas capas se torceram, haviam de lançar sangue!”<sup>18</sup>

Em absoluto, as condições as quais os escravos estavam submetidos eram as mais terríveis e desumanas possíveis. Não eram oferecidas na fazenda nenhuma condição, mesmo que mínima, para se sentirem confortáveis. Era apenas um espaço totalmente pensado e idealizado com função de usar a força da mão de obra escrava.

As igrejas de São Luís estavam em estados deploráveis, inclusive a Igreja da Sé, e, portanto, precisavam ser reformadas para que não pudessem se deteriorar ainda mais. Dom Manuel, bispo da Igreja Católica no Maranhão, procurava fiéis interessados em ajudar nas

<sup>18</sup> Padre Antônio Vieira realizou o Sermão da Primeira Domingo da Quaresma em São Luís no ano de 1653. A quem possa interessar, o sermão pode ser lido em sua totalidade aqui: <[https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/0043-01941.html](https://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/0043-01941.html)>.

reformas das igrejas, e um dos que se propôs a ajudar foi o Dr. Lustosa, mas com a condição do Bispo ir até a sua fazenda e realizar uma missa.

Com a visita do Bispo Dom Manuel à fazenda, o Dr. Lustosa, fazendeiro e senhor de escravos, fez uma mudança completa no espaço da fazenda, para, assim, disfarçar e atenuar as condições precárias e humilhantes em que os escravos viviam, dando a entender para o bispo que a fazenda dele era um bom lugar para os escravos no Maranhão: “Em verdade, desde que o bispo ali chegara, tudo havia mudado. [...] As chibatas, as palmatórias, o tronco, as gargalheiras, o libambo, as máscaras de flandres, tudo tinha sido escondido”<sup>19</sup> (MONTELLO, 2005, p.101).

Porém, a realidade é que “quando o bispo fosse embora, as chibatas, as palmatórias e o tronco voltariam aos seus lugares, e bem visíveis, para que os negros se atemorizassem só em olhá-los” (MONTELLO, 2005, p.102). E foi exatamente isso que aconteceu com Damião, que, ao ser acusado injustamente de ter tido relações sexuais com Nhá-Bilo, filha do Dr. Lustosa, foi parar num dos piores lugares possíveis daquela fazenda: a cafua.

A cafua “parecia anterior à senzala e à primitiva casa-grande, no seu todo abrutalhado, na argamassa de suas paredes sem reboco, no seu chão de terra solta” (MONTELLO, 2005, p. 132). Era um espaço tão topofóbico, de dimensões assustadoras, feitas com o único intuito de proporcionar medo no homem, repúdio, horror; ou seja, gerar os piores sentimentos, com a intenção de proporcionar a quem estivesse naquele espaço as piores sensações de tortura possível.

O homem, naturalmente, tende a preservar em si a liberdade, o espaço livre, sem barreiras ou impedimentos, fazendo-se livre. Quando o homem é reduzido a um pequeno espaço, por imposição, ele perde a sua liberdade de seguir, caminhar e viver. Damião foi colocado nessa situação, nesse espaço claustrofóbico como castigo do seu senhor: “Era uma peça retangular, de altas paredes sem janelas, cobertura de zinco, servida apenas por uma porta lateral, que se fechava pelo lado de fora com um ferrolho” (MONTELLO, 2005, p. 132). A continuação da descrição da cafua oferece a perspectiva dos sentidos sendo afetados por esse espaço topofóbico, “[...] toda fechada, com um metro e meio de largura por outro tanto de comprimento, recebia sol durante todo o dia” (MONTELLO, 2005, p. 132).

A rejeição ao espaço é uma das características decisivas no sentimento topofóbico. E, durante todo o tempo em que Damião sobreviveu na cafua, foi o principal

---

<sup>19</sup> Instrumentos de tortura que os senhores de escravos utilizavam.

sentimento gerado nele. Questionava a razão de a sua condição humana ser tão humilhante, ao ponto de ser colocado num espaço tão degradante como aquele, revelando assim que “o medo do espaço pode estar ligado à fantasia, à historicidade e as lendas que determinados espaços carregam” (TUAN, 2005, p. 13).

Portanto, são essas dualidades de sentimentos que Damião vivencia na Fazenda Bela Vista. Podem ter sido relações rápidas, descritas por Montello no romance com aquele lugar, mas isso não implica, necessariamente, em relações efêmeras. Há muito contato com aquele chão, com lembranças – felizes e tristes –, experiências concretas que o marcaram.

Anos depois, já em São Luís, ele se lembraria daqueles anos passados na fazenda e, apesar de tudo que havia sofrido, junto com a sua família e outros escravos, ainda guardava na memória as recordações vividas, e “vinha-lhe agora um vago apego nostálgico ao cheiro da terra úmida, ao canto dos pássaros, à mãe, à irmã, a alguns companheiros, ao bater dos tambores no terreiro da senzala, a luz da tarde [...]” (MONTELLO, 2005, p. 203).

Damião só havia vivido no campo, ora na fazenda, ora no quilombo, mas a partir de uma reviravolta na sua vida, ele partiria para São Luís, uma cidade grande, desconhecida.

### **2.3 Eu não conheço a cidade**

*Enervado, desceu à Rua do Trapiche, passou pela Praia do Comércio, voltou a acercar-se da Cafua de Escravos, sem olhos para a animação da Praia Grande, que descerrava as portas de seus armazéns, de suas barbearias, de suas farmácias, de suas casas de armadores de galas funerárias [...] Nas pedras dos calçamentos barulhavam as rodas dos carros e as ferraduras dos cavalos [...] (MONTELLO, 2005, p. 325).*

Há diversas maneiras de viver a cidade. Viver em todo significado que essa palavra possui: existir, residir, morar, habitar. Sobre Damião, o nosso condutor da história (e geografia) por São Luís, pode-se afirmar que vive, existe, reside e habita a cidade. Mas, numa perspectiva interpretativa, o sentido de habitar a cidade é o mais forte em toda narrativa, cidade inicialmente desconhecida, e que vai ser preenchida pelo ser.

Heimat é o termo que Heidegger cunhou, no sentido de apresentar a terra “como lar que cotidianamente se habita (e não como solo natal biológico)”. (BESSE, 2015, p. 124). Damião, nascido em outro solo, carrega consigo a verdadeira noção de habitar São Luís. São Luís é o lugar onde ele desenvolve a noção de habitar e existir, e traz consigo uma necessidade de abrigar aqueles que ama; onde ele compartilha, o qual defende, lugar onde é

capaz de lutar e morrer. Essa noção vai acompanhar toda a jornada de Damião na cidade de São Luís.

Damião, desde a sua juventude, com as primeiras descobertas numa cidade a princípio desconhecida, inóspita e de uma beleza sem igual; passando pela vida adulta, afirma na cidade as experiências vividas com aquele espaço – dotando-o de significados, valores, sentimentos e memórias. Assim, portanto, transforma alguns espaços em lugares com relações afetivas. E, por fim, na velhice, estabelecendo as últimas ligações com o chão da cidade e revivendo, por meio das suas memórias, ao caminhar por São Luís, os lugares de sua vida cotidiana.

Josué Montello tem, na sua prosa, a facilidade que somente os grandes prosadores têm, de levar o leitor a habitar a cidade junto com Damião: insere, por vezes, os sentimentos de estar descobrindo uma nova praça, ou conhecendo de perto um largo, admirando um casarão ou vendo no alto de um mirante o céu azul de São Luís, tendo ao fundo o cantar suave dos bem-te-vis.

Estando em Portugal, Josué Montello escreve, em 2 de junho de 1987, no seu Diário, o caso interessante de uma leitora portuguesa do seu romance, que não se contentou apenas com a sensação de ser transportada para a velha São Luís do século XIX através das linhas, mas teve mesmo de ir a São Luís e sentir a experiência naquelas ruas o que Damião viveu no mesmo chão:

Não, não há maior recompensa para o escritor, no plano da ficção romanesca, do que saber, sentir e constatar que a sua verdade interior, transposta para o texto literário, deixou de ser verdade pessoal e privativa, circunscrita à sua imaginação, para fazer parte do mundo objetivo, na comunhão com o seu leitor. [...] A leitura de *Os Tambores de São Luís*, aguçando a curiosidade viva de d. Maria fê-la ir ao Maranhão para recompor, com o romance diante dos olhos, o itinerário do Damião, personagem central do livro. Foi ela própria, para explicar a homenagem com que me distinguia, quem me contou a sua viagem, dando ao relato este remate: - Refiz todo o itinerário. E como estou chegando de São Luís, aonde fui só para conferir o seu romance, decidi prestar esta homenagem ao romancista, ao que saber que estava em Lisboa (MONTELLO, 1998, p. 572).

E assim, com Damião, pode-se vê-lo habitar tais lugares – um habitar não simplesmente estático, plano, sem vida e sem mudanças; mas, pelo contrário, espaços em que Damião teve de imprimir, por exemplo, símbolos, para que aquele espaço se transformasse em lugar, ao passo que adentramos a seu mundo, como o quilombo, a fazenda, casas, quartos e a cidade.

Ao chegar em São Luís, Damião é tomado por um sentimento dúbio, entre o deslumbramento e a angústia. O deslumbre vem por conta da nova cidade em que vai viver. E,

antes mesmo de chegar nela, no barco, ele já começa a vê-la: “[...] assistira à gradativa aparição de São Luís, meio escondida numa névoa violácea, depois mais nítida, com seu casario equilibrado no flanco das ladeiras, as janelas escancaradas para a claridade matutina”, e logo em seguida, ao pisar pela primeira vez naquele chão, ele não resiste à sua beleza: “Quando pisara na Rampa de Palácio, quase caíra, não sabendo como dividir a atenção – entres os pés, que pisavam as pedras do calçamento, e os olhos, que tudo queriam ver, ladeira acima” (MONTELLO, 2005, p. 163) (Figura 6).



Figura 6: Portinho em que Damião desembarcou em São Luís

Fonte: Gaudencio Cunha, Álbum do Maranhão, 1908.

O trecho acima, escrito por Montello, poderia ter saído da pena de um geógrafo humanista, tal a profundidade e característica, por ele escrita, da relação do homem com a terra, em que primeiro se vê, depois pisa, e por fim, rende-se à cidade. Sobre essa relação, Besse (2015, p. 114, grifo do autor) afirma que: “A geografia não considera a natureza, mas a relação dos homens com a natureza, relação existencial que é ao mesmo tempo teórica, prática, afetiva, simbólica, e que delimita justamente o que é um mundo”.

“Eu ainda não conheço a cidade” (MONTELLO, 2005, p. 204). É o que diz Damião para o padre Tracajá, numa inquietude para seu corpo se movimentar por São Luís. Essa perspectiva do olhar a cidade demonstra que Damião parece não sossegar seus olhos, à

procura de tudo e todos, passando pelo casarão, até os detalhes do calçamento da rua. É aquele primeiro olhar, livre das influências do que já foi visto, à surpresa do desconhecido. Tuan (2012, p. 137), explica esse sentimento: “As mais intensas experiências estéticas da natureza possivelmente nos apanham de surpresa. A beleza é sentida, como o contato repentino com o aspecto da realidade até então desconhecido”.

Uma São Luís que se revela continuamente para Damião, na sua vida cotidiana e material, que vai familiarizando-o com a vida da cidade, com seus detalhes e sutilezas, “o ruído das ruas, as carroças, as pipas de água, as carruagens, os pregões dos vendedores ambulantes, os sobrados rentes às calçadas, os mirantes, as lojas, as pessoas debruçadas na janela” (MONTELLO, 2005, p. 164).

Mas, por se tratar de ser a primeira vez em São Luís, o desconhecido também assusta, deixa o homem apreensivo e com medo, pois nunca antes Damião esteve sozinho. Seja no quilombo ou na fazenda Bela Vista, ele tinha um lugar junto da sua família e dos seus irmãos de cor, mas “agora estava só, na cidade desconhecida, entregue a si mesmo” (MONTELLO, 2005, p. 163).

O medo e a insegurança com o espaço desconhecido diluem-se aos poucos, quando Damião, por intermédio do bispo, é convidado a morar num dos quartos do Palácio Episcopal, ao lado da Igreja da Sé (Figura 7). É o padre Tracajá que fica responsável por achar um canto qualquer para Damião morar por uns tempos:

Era um quarto estreito, atafalhado de armários e cadeiras, numa desordem de acomodação precipitada. Um Santo Inácio de gesso, todo escalavrado na cabeça e nos braços, parecia presidir, com seu ar reflexivo, de caveira em punho, aquele pandemônio de belchior, imóvel no meio da peça. Mais adiante, quase do tamanho natural, um Santo Antônio de madeira, despojado do Menino Jesus, guardava a porta de uma alta estante envidraçada, repleta de alfarrábios e encimada por uma mitra solene, picada pelas traças (MONTELLO, 2005, p. 174).

Tuan (2013, p. 96) é assertivo ao falar sobre quando um espaço se transforma em lugar, e nos diz: “quando o espaço é inteiramente familiar, torna-se lugar”. Damião, em busca de um abrigo e conforto numa cidade desconhecida, compreende isso e, aos poucos, vai deixando aquele quarto bagunçado, sujo, sem espaço e com traças, num quarto habitável, confortável e com vida: “[...] depois de arredar um dos armários, e começou a conquistar o espaço de que necessitava [...] aos poucos foi abrindo caminho, com uma melhor disposição dos armários, dos velhos trastes ao fundo do aposento” (MONTELLO, 2005, p. 175).





Figura 7: Palácio Episcopal onde Damião morou  
Fonte: TAVARES JÚNIOR, M. S., dezembro de 2019.

Rolph (2012, p. 24), ao discorrer sobre alguns aspectos de lugar, cita o aspecto de interioridade que o lugar tem, ou seja, “refere-se à familiaridade, conhecendo lugar de dentro pra fora”. Damião cria justamente essa perspectiva no seu novo quarto. E é o padre Tracajá quem se surpreende com aquela rápida mudança empreendida por Damião: “não pôde deixar de espantar-se, ao ver que a metade do quarto estava livre, de chão varrido, a rede armada, a estante dos alfarrábios desafogada da vigilância de Santo Antônio”, e sua surpresa prossegue quando, “até mesmo uma pequena mesa de tampo corrido, que teria vindo de alguma sacristia com o fecho emperrado, sobressaía junto à estante, com a cadeira competente, recebendo luz direta” (MONTELLO, 2005, p. 175).

Toda essa trama ocorre em apenas um dia, e Damião, exausto pelo trabalho que teve no seu novo quarto, ainda cansado, magro e com as mãos machucadas pelas torturas na fazenda, enfim se deita e pode pensar naquele dia, “exausto das emoções do longo dia, podia ajuizar com nitidez o passo que tinha dado. Nunca tivera um canto como aquele, unicamente seu”. (MONTELLO, 2005, p. 178).

Cosgrove (1998) nos diz que a geografia está em toda parte, porque o homem estabelece relações com espaço. Tal relação, por exemplo, fica explícita quando, no dia seguinte, Damião, ao acordar antes do pôr-do-sol, e tendo perdido o sono, começa a passear pelo quintal, e nesse instante já aflora nele a percepção que o homem tem do seu lugar, ao sentir “uma aragem fresca, úmida de orvalho, veio ao seu encontro [...] e ele foi pisando as folhas caídas, por entre o tronco das árvores, até o muro coberto de musgo ao fundo do quintal” (MONTELLO, 2005, p. 178).

Nesse muro coberto de musgo, provavelmente por intensas chuvas, Damião olha a cidade, observa, procurando entre suas ruas e praças, buscando conhecê-la. Dardel (2015, p. 41, grifo do autor); acerca da busca incessante do homem pelo seu espaço diz que, “um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos”. São Luís irá se descortinar por meio da relação de Damião com ela. É um movimento entre Damião e São Luís e a cidade que se revela, sendo esse olhar o primeiro estágio para despontar a sua geograficidade interior:

A claridade veio vindo devagar, à sua direita, e foi-se abrindo em leque, a misturar tons vermelhos e róseos; a massa cinzenta do mar se destacou, imóvel a princípio, depois levemente ondulante, imersa na luz desmaiada que ia esbranquecendo as últimas sombras da noite. Quando o sol apontou, por cima da orla escura dos telhados, a sangrar como um olho ferido, toda a paisagem repentinamente se coloriu, e alvejaram as fachadas, as torres das igrejas, os mirantes dos sobrados, enquanto velas azuis, pardas, cor de terra, se recortavam contra o horizonte, com as primeiras gaivotas roçando a crista das vagas (MONTELLO, 2005, p. 180).

Sempre que havia uma possibilidade de escapar de dentro dos muros do palácio episcopal, Damião aproveitava e subia ao campanário e ficava lá, horas e horas, a perder de vista aquela imensidão que São Luís parecia para ele e, assim, “olhava os telhados, os mirantes, as casas, as ruas, o mar, o cais, as igrejas, até onde a vista podia alcançar [...], e tudo lhe parecia de uma beleza incomparável” (MONTELLO, 2005, p. 188).

A vontade de sair às ruas e deixar as paredes do palácio episcopal para trás não deixavam Damião em paz. Era preciso conhecer a cidade de perto. É na cidade e tudo aquilo que ela pode oferecer, que “as cores, os sabores, e as texturas culturais e geográficas são,



portanto, a principal liga que une estas duas formas de conhecimento no desenho de geografias literárias e de literaturas geográficas intensas, profundas” (MARANDOLA JR., OLIVEIRA, 2009, p. 503). Josué Montello tem, nas linhas de seu romance, essa capacidade imaginativa de (re)criar esse vínculo entre os personagens e São Luís, mas principalmente entre Damião e a cidade.

Ao ir comprar algumas cocadas com a doceira Genoveva Pia, a pedido do padre Tracajá, Damião, em vez de voltar logo para o paço, resolveu ir até a calçada do largo do João do Vale e lá viu o que poderia ser compreendido como “balé-do-lugar”. Mello (2015, p. 36), explica que esse conceito foi elaborado pelo geógrafo David Seamon e que se trata dos “gestos, passos, itinerários e movimentos que fazem parte de um objetivo ou uma tarefa qualquer [...] Desse modo, o suporte ambiental, as rotinas espaço-temporais e o balé-do-corpo se fundem completamente”. Damião fica olhando esse “balé” pelas ruas de São Luís, pondo-se em contato com um cotidiano singular:

Foi indo devagar, contornando o gradil que protegia a praça arborizada. E ia vendo cadeirinhas doiradas, suspensas no ombro dos negros, e carruagens puxadas pelo galope das parelhas, e cavalos de sela garbosamente montados, e transeuntes que iam e vinham pela calçada - uns senhores de preto, com bengala, cartola e luvas; umas senhoras de chapéu de palha, vestidos de cauda e sombrinha de cor, e também negras com panos-da-costa, batendo na cantaria do chão o pleque-pleque das sandálias de cetim. Mas via também negros de ganho, achatados pelos fardos que levavam na cabeça, subindo o aclive das ladeiras, e escravos com máscaras de flandres, e aguadeiros de rua, com suas pipas transbordantes, e que pingavam nas pedras do calçamento, levadas pelas carroças barulhentas (MONTELLO, 2005, p. 203).

Os primeiros contatos de Damião com São Luís se resumem ao quarto no Palácio Episcopal e a vista da cidade quando ele subia ao campanário, e o balé das habitantes da cidade. Foram importantes experiências, mas Damião não estava satisfeito em permanecer somente ali, e ele se permite, como um pássaro, pôr os pés nas ruas de São Luís.

#### **2.4 Bem-te-vi, Bem-te-ver: os pés na cidade**

*E como o sol rutilava, bafejado pela viração que subia do mar, irrompeu das árvores do caminho a estralada dos bem-te-vis, como se uns respondessem aos outros, e todos radiantes, enquanto a luz se decompunha, para os lados do poente, em vivos tons escarlates, suspensa sobre as águas da baía (MONTELLO, 2005, p. 166).*

O cotidiano de uma cidade é parte inerente das características que formam o lugar. Mello (2005, p. 37-38) nos diz que “A cama, a casa, a rua e o bairro são lugares eleitos e demarcados a partir de nossas experiências diretas. Todavia, a cidade, a região, a pátria [...] alçam simbolicamente à condição de lugares”. Uma cidade para alçar essa condição precisa ter vida e ser vivida por seus moradores, e é isso que Damião viu a partir dos negros que estavam nela inseridos.

Eles estavam habitando da maneira que lhes era permitida e imposta. Damião, neste primeiro olhar, poderia entender a cidade, simbolicamente, como uma cidade feita por negros, construídas por negros, e por fim, vivida pelos negros, pois quando ele pôde olhar São Luís, a cena que ele via era unicamente tomada por esses homens e mulheres escravizados.

A cidade de São Luís do século XIX – o tempo-espaço histórico representado no romance é a segunda metade do século XIX – era uma cidade com características que não a diferenciava muito das outras grandes cidades importantes do Brasil Imperial. Risério (2013, p. 123-124), ao escrever sobre São Luís, diz que ela teria sido “depois da fundação francesa, uma cidade castelhana que portugueses e brasileiros iriam lusitanizando e abasileirando até que ela, mais tarde, recebesse cores e tambores africanos, celebrando seus vândalos”.

Uma cidade com espaços, classes e cores. Josué Montello prioriza aspectos de São Luís pelo olhar de Damião a respeito da sociedade ludovicense, portanto, é uma visão que busca uma justiça social para aqueles homens escravizados. São Luís é apresentada ao leitor para que dê voz e vida àqueles que de fato fizeram a cidade crescer e se desenvolver, a custo de muito suor, sangue, humilhação, dor e morte:

Já fazia mais de três séculos que os primeiros negros tinham chegado ao Maranhão, ainda com a cidade circunscrita ao seu forte, a algumas ruas tortas, ao casario de palha, a uns poucos sobradinhos de pedra. Ano após ano, vieram vindo outras levas de escravos, embarcados em Angola, na Guiné, em Moçambique, no Congo e na Costa da Mina [...] E tinham sido eles, os pobres pretos esqueléticos, de grandes olhos febris, as pernas bambas e chagadas, que em verdade ergueram a cidade, com seus palácios, seus sobradões de pedra e cal, suas igrejas, e sua muralha junto ao mar, sem que nem por isso lhes fosse restituída a liberdade (MONTELLO, 2005, p. 283-284).

A cidade que encantou Damião em seus aspectos físicos e arquitetônicos foi inteiramente construída por esses homens que não tinham sua liberdade. Negros que, em sua maioria, vieram de outro continente, sem qualquer ligação com aquele chão distante da sua terra natal. Jesus (2015) diz que o Maranhão era, proporcionalmente, o terceiro estado com o maior número de escravos, ficando apenas atrás apenas do Rio de Janeiro e Minas Gerais, regiões economicamente mais prósperas e importadoras de escravos no século XIX.

No relato de Avè-Lallement, abaixo, podemos ver uma cidade que Montello retrata quase como uma cópia no seu romance, como se o escritor estivesse mesmo vivido aqueles anos do século XIX e somente fizesse um relato autobiográfico do momento em que viveu e, mesmo, um retrato fidedigno do povo miscigenado de São Luís:

Nas ruas do Maranhão circulava gente endomingada. Uma multidão de mulheres e moças de cor, nascidas duma mistura de pelo mês três raças, vagava para cima e para baixo, desembaraçadamente. O calor do Maranhão a 2 1/2 graus do Equador, justifica a nudez dos ombros, dos colos, e dos braços até espaduas, o que faz realçar vantajosamente as formas, muitas vezes belas, realmente belas, dessas mulheres de cor (AVÈ-LALLEMENTE, 1961, p. 19).

São Luís, que vai se tornar lugar para Damião, tem nas suas raízes e no seu alicerce o sangue de negros que morreram para que aquela cidade pudesse nascer. Talvez este aspecto possa ter aflorado ainda mais em Damião o caráter de familiaridade com São Luís, sabendo que foram homens da sua mesma cor e sangue que a construíram:

Os negros faziam não só a cidade, mas também o sobrado funcionar. Nas ruas, geralmente cantando, carregavam fardos pesados. Subiam ladeiras empinadas conduzindo os mais variados objetos. Cadeirinhas de arruar, inclusive. Nas casas, subiam e desciam escadarias levando para fora fezes, assim como trazendo água de fontes e chafarizes para o banho das sinhás e sinhazinhas, que depois ganhavam cafunés afrodisíacos das mucamas (RISÉRIO, 2013, p. 156).

Maria de Lourdes Lauande Lacroix, no seu livro sobre a história da cidade de São Luís, nos traz um relato pormenorizado sobre a sociedade ludovicense da segunda metade do século XIX:

A população da cidade era mais diversificada. Os habitantes posicionados entre os ricos e os menos favorecidos, os intermediários constituíam uma fatia da sociedade hierarquizada, indo desde bacharéis, médicos, engenheiros, matemáticos, com possibilidades políticas e projeção intelectual, até artífices, músicos, professores, pequenos comerciantes, caixeiros, outras ocupações até os marginais. A Rua de Santana, Gonçalves Dias; a de São João, Odorico Mendes; a das Violas, Gomes de Souza; a do Egito, João Lisboa; a das Hortas, Brigadeiro Falcão; da Manga, Tamandaré; a Nova do Cano, Barroso; a da Cascata e parte da Inveja, Rua Riachuelo. Esta gradação de pessoas com maior ou menor posse refletiu no tipo de moradia, explicada na constituição das ruas da cidade colonial: sobradões, sobrados, sobradinhos, moradas inteiras, meias-moradas e porta e janelas, perfazendo, nos idos de 1895, o número de 5.298 casas, em 74 ruas, 21 travessas, becos e, para lazer da população, 16 praças (LACROIX, 2020, p. 108-109).

Del Priore (2016), comentando sobre os relatos feitos pelo missionário norte-americano, Daniel Parish Kidder, ao visitar São Luís no século XIX, fala-nos de uma cidade com cerca de 30 mil almas. Numerosos ingleses e franceses ali se ocupavam de atividades

comerciais. Trezes igrejas, três mosteiros, um recolhimento para educandas e seis hospitais atendiam a população. Bem servida de escolas, São Luís contava com um liceu, uma escola de latim, duas escolas primárias masculinas e duas femininas, quatro escolas particulares e um seminário.

Essa era a cidade que Damião ia conhecendo continuamente. Nesse relato do missionário sobre São Luís, podemos encontrar no romance de Josué Montello muito desses espaços por ele citados, como, por exemplo, o seminário em que Damião estudou para ser padre; o Liceu onde posteriormente viria a ser professor de latim; as igrejas que permeavam praticamente toda a principal área urbana de São Luís; escolas particulares em que também nelas deu aulas; os comerciantes estrangeiros, em suma, a cidade representada pelo relato histórico estava no romance de Josué Montello.

Incomodado por estar apenas indo do seu quarto no palácio da igreja para o seminário (Figura 8), e do seminário de volta pro seu quarto, Damião se queixa ao padre Tracajá numa espécie de lamento por não estar habitando de fato São Luís, ao que padre Tracajá responde “Tudo tem seu tempo, Damião” MONTELLO, 2005, p. 205). Mas esse tempo chegou e foi num domingo, depois da sexta, que Damião acompanhado do padre Tracajá finalmente pode conhecer a cidade de perto, pisar no seu chão, sentir o seu cheiro e vento, ouvir as vozes das pessoas e os pássaros cantando. A ocasião pediu a melhor roupa que Damião tinha, afinal, ele ia conhecer o que viria a ser o seu lugar, a cidade de São Luís.



Figura 8: Seminário onde Damião estudou para ser padre

Fonte: TAVARES JÚNIOR, M. S., dezembro de 2019.

Antes de irmos à companhia de Damião e do padre Tracajá, cabe neste aqui um parêntese importante. O padre Tracajá conhece a cidade como poucos. Há um episódio em que ele apresenta a cidade ao novo bispo do Maranhão de uma maneira peculiar, dando ênfase a um pássaro que para os ludovicenses é muito familiar: o bem-te-vi. É uma maneira de identificar a cidade por uma característica singular, fazendo com o que o nome do pássaro remonte ao encanto com a cidade.

O Maranhão é conhecido e exaltado pelos versos do imortal poeta Gonçalves Dias, que numa espécie de saudades da terra amada, compôs em sua poesia alguns versos que relembram a cidade querida que ficara para trás, usando a imagem de outro pássaro, o sabiá:

Minha terra tem palmeiras, /Onde canta o sabiá;/As aves que aqui gorjeiam, /Não gorjeiam como lá.

Por sua vez, Montello quis que São Luís pudesse ser lembrada por seus leitores como a cidade dos bem-te-vis. No seu Diário, há diversas passagens sobre pássaros que passam muito tempo cantando sobre as árvores de São Luís. Vejamos dois registros, e em diferentes anos, sobre a relação dele com os bem-te-vis e a cidade que ele registrou em seu diário.

O primeiro na data de 31 de março de 1982, e ele fez a seguinte anotação: “Novamente em São Luís, e os bem-te-vis, já sabem. Mal ponho os pés no chão do aeroporto, e eis que os ouço, a se esgoelarem nas árvores circundantes, para dizer que já me viram”. (MONTELLO, 1998, p. 246) Mais uma vez os bem-te-vis tomam um espaço de destaque no seu Diário, registrando que: “Desde ontem, na minha terra, saudado pela viração das ruas e pelo canto dos bem-te-vis”. (MONTELLO, 1998, p. 303).

Certamente Montello iria juntar, em seu romance, os bem-te-vis com a cidade, numa relação afetiva muito próxima e, propondo uma identificação concreta e ao mesmo tempo subjetiva com os bem-te-vis. Essa ligação que o escritor cria com estes pássaros é importante para que possamos entender como se desenvolvem as ligações afetivas com o lugar. Um único pássaro pode ter o poder simbólico de nos fazer relacionar o canto dele com a cidade. Um bem-te-vi que canta quando o sol se põe, anunciando o céu azul, pode fazer com que o homem crie e identifique essa relação com a cidade.

Dá gosto ouvi-los, ainda cedo, à primeira luz matutina, ou depois de uma pancada de chuva, assim que o sol se abre, esses bem-te-vis de São Luís. Umhas cidades têm as suas andorinhas; outras, os seus pardais; São Luís tem os seus bem-te-vis, que nascem com a luz do sol e parecem cantar com ela pelo resto do dia [...] Há momentos em que os gritos se repetem com tanta frequência, que o canto solto se transforma em alarido. E é essa bulha brejeira que se ouve, todos os dias, em São Luís, de janeiro a dezembro, sempre que haja sol, de preferência quando as janelas dos sobrados se escancaram sobre a rua ou as rótulas dos mirantes se descerram para o mar. (MONTELLO, 2005, p. 78-79, **grifos nossos**).

Damião, já conhece minimamente São Luís, deixou o quarto do Palácio Episcopal e foi às ruas, mas ainda é pouco. As relações dele com a cidade são aprofundadas com o passar do tempo e com as geograficidades ali criadas. Lugar e habitar, agora, tomam um espaço de destaque na sua vida com São Luís.

## 2.5 Damião e a cidade: em relação de conhecimento

*O Largo do Carmo, rodeado de sobrados adormecidos, parecia mais amplo, com as suas alamedas desertas. Longe, nos espaçados bancos de ferro, um ou outro vulto, que a distância e as sombras da noite não deixavam distinguir. E como o vento soprava, saindo da Rua do Egito, os ramos das árvores baloiçavam, ao mesmo tempo que subia do chão uma nuvem de pó, que se desfazia para os lados da Rua Formosa (MONTELLO, 2005, p. 502).*

Continuemos com as experiências geográficas de Damião com as ruas de São Luís, que certamente naquelas árvores estariam cantando alguns bem-te-vis. Essa inquietude que Damião sente em querer conhecer a cidade intimamente é fruto daquilo que Dardel (2015, p. 1), ao falar sobre o homem que “mostra uma geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo [...] conhecer o desconhecido, atingir o inacessível”.

E lá foi Damião, acompanhado do melhor companheiro que podia ter: o padre Tracajá, que lhe disse: “O mais importante de São Luís tu já conheces: é a vista da cidade, do alto do campanário. Quanto ao mais, quem vê uma rua vê as outras: todas se parecem”, (MONTELLO, 2005, p. 205), porém, Damião não quis mais só apenas olhar. E Montello, como se fosse um bom geógrafo humanista, através de sua pena, é enfático na importância de sentir, viver, ter a cidade para si: “a verdade é que, embora Damião já conhecesse a cidade pelos seus telhados e horizontes, sentia uma curiosidade mais viva para olhá-la de perto” (MONTELLO, 2005, p. 205).

Com os pés pelas calçadas e ruas de São Luís, Damião continua a conhecer de perto, ou melhor, habitar a cidade, o “largo do Carmo, a Madre Deus, o Portinho, o largo dos Amores, o largo do Quartel, a rua do Sol, o largo de Santo Antônio, a rua Formosa, a rua de São Pantaleão, a Gamboa, a rua da Paz” (MONTELLO, 2005, p. 205). Marandola Jr (2012, p. 228), afirma que, “[...] o lugar faz parte de nosso cotidiano e como é partir dele que nos inserimos no mundo.” Assim, Damião compreende que é habitando aqueles espaços que eles se tornarão lugar para ele. E, ao longo do romance, podemos perceber que todos esses lugares estarão ligados, uns mais que outros, essencialmente a Damião (Figura 9).



Figura 9: Rua Formosa

Fonte: Gaudencio Cunha., Álbum do Maranhão, 1908.

Sobre a rua como conhecimento entre homem e cidade, vejamos a seguinte colocação do antropólogo Antônio Risério (2013, p. A2), a “rua é o lugar do coração batendo, do sangue circulando, da respiração percebida, da emoção”, e agora leiamos um trecho extraído de um conto do escritor carioca Mussa (2016, p. 14): “quem frequenta os territórios preferenciais do acaso – esquinas, feiras, praças, botequins – conhece a arte divinatória popular [...]”.

Damião começa a habitar estes espaços, dotando-os aos poucos de significados. Assim, através de suas experiências geográficas com a cidade, apropriando-os afetivamente, faz com que o seu ser-no-mundo se revele. E aqui entendemos esse ser-no-mundo na perspectiva de que “o ser-no-mundo se consubstancia para o ser-na-cidade”, como afirma Holzer (2017, p. 20).

Marandola Jr (2012, p. 228), por sua vez, nos diz que “é pelo lugar que nos identificamos, ou nos lembramos, constituindo assim a base de nossa experiência no mundo.” Josué Montello parece ter exercido essa percepção durante todo o seu romance, pois as lembranças mais significativas de Damião têm relação direta com algum lugar específico, mesmo quando não se sabe muito bem qual. O romancista maranhense, em seu Diário, faz questão de colocar isso em evidência. Num relato escrito em 27 de abril de 1981, como um



bom escritor ligado à sua terra, de enfatizar certos lugares e especificidades, fruto de suas experiências e vivências com São Luís:

Pelo fim da manhã, depois de forte aguaceiro, o sol se abriu o vento se aquietou em mansidão de brisa com o céu escampado, de um azul forte e uniforme, enquanto explodia, no ramo das árvores, nos fios da iluminação pública, no beiral das casas, nos campanários da Sé – a estralada dos bem-te-vis. Para a hora da despedida, veio mesmo a calhar. Vim para a janela do meu quarto do hotel, já de malas arrumadas, em companhia de minha mulher, como se estivéssemos ali para agradecer os cantos dos passarinhos, que são também meus conterrâneos (MONTELLO, 1988, p. 201).

Esse vínculo que o escritor tem com São Luís faz com que, em *Os Tambores de São Luís*, o leitor possa também sentir todos esses detalhes, através da sua prosa, por meio das relações que Damiano constrói com a cidade. Relph (1976) relaciona o lugar a um “espaço existencial”, mas não há delimitação do tamanho desse lugar. A importância do tamanho, nesse caso, trata-se da relação afetiva com aquele “espaço existencial”. As escalas afetivas podem ir do micro, como por exemplo, o quarto, até mesmo chegar ao macro, como a cidade como depositório de ligações afetivas. Damiano, certamente, cria suas relações com o espaço a partir dessas duas escalas afetivas.

Na relação micro, vamos tomar como exemplo o quarto em que Damiano vai morar, quando ele não pode mais ficar morando no Palácio Episcopal, pois esse passaria por uma reforma. Trata-se da casa da negra Genoveva Pia, conhecida como a Senzala da Genoveva Pia:

O quarto de Damiano ficava para trás da casa, no limite do muro coberto de musgo e que se fechava sobre a Rua de São Pantaleão: era uma peça comprida, com espaço para três redes, a mesa e a estante que ele havia trazido do Palácio do Bispo, um guarda-roupa escondendo a porta por onde se podia sair diretamente para o quintal e ganhar a rua. Até ali não chegavam os ruídos habituais do resto da habitação. De dia, entrava-lhe pelo aposento o cheiro forte dos doces que a Genoveva Pia preparava, todas as manhãs, no telheiro ao fundo da casa (MONTELLO, 2005, p. 292).

Mais uma vez, trata-se de um quarto simples, pequeno e sem luxo. Saramago (2012), a respeito do conceito heideggeriano de lugar, lembra que é indissolúvel a vinculação com a ideia de significatividade, que pode ser também compreendida como abertura dos sentidos das coisas. Assim ela complementa:

Tal abertura estaria marcada, segundo Heidegger, por dois aspectos: primeiro, pelo fato de que o sentido de tudo o que nos rodeia é revelado mais imediatamente por sua disponibilidade e por seu caráter utilitário. [...] O segundo aspecto dessa abertura estaria calcado no fato de que cada coisa traz consigo todo o resto, ou seja, faz com que apareçam “os outros” (SARAMAGO, 2012, p. 195, grifos do autor).

Portanto, o quarto na senzala da Genoveva Pia é um lugar de possibilidade de abertura do seu mundo, pois lá, ele tem pela primeira vez contato com outros negros, “na realidade ali só moravam pretos forros, numa promiscuidade de cortiço” (MONTELLO, 2005, p. 291).

Essa proximidade com outro modo de viver faz com que desperte em Damião a real situação dele e dos outros negros, ou seja, o novo quarto, traz consigo todo o resto. No caráter mais utilitário do quarto, na primeira fase da perspectiva heideggeriana de lugar, trata-se dos apetrechos que compõem o quarto dele: três redes, a mesa, a estante e o guarda-roupa. Essas coisas, por exemplo, segundo Saramago (2012, p. 195) “[...] no âmbito da cotidianidade, detêm apenas o poder de reunir os homens em torno de si, mas também o de configurar os lugares”.

Os lugares que se apresentam, e são descobertos por Damião, são frutos da sua busca, do seu desejo por tê-los para si. A cidade é cada vez mais sua, o seu lugar. Há uma personagem fundamental no romance que irá ajudá-lo ainda mais a ter a cidade para si, trata-se de Genoveva Pia, uma negra, vodúnsi, doceira e libertadora de escravos.

## 2.6 O habitar de Genoveva Pia: a libertadora de escravos como novo lugar

*Só tem hoje esta missão no mundo, além de obedecer ao seu vodum, que a faz dançar no terreiro, com um lenço branco na cabeça: ajudar os outros negros a fugirem para a liberdade (MONTELLO, 2005, p. 276).*

Há uma personagem no romance de Josué Montello que, certamente, concorre com Damião em importância, tanto para a construção do romance e, por conseguinte, em relevância para os negros que viviam cerceados de liberdade. Trata-se de Genoveva Pia, uma senhora, doceira, negra alforriada, vodúnsi<sup>20</sup>, uma lutadora incansável pela liberdade – tanto no sentido físico quanto no sentido de libertar as mentes aprisionadas pela escravidão – dos seus irmãos de cor e alma. Josué Montello a descreve, sucintamente, dessa maneira: “muito magra, o rosto comprido, uma luz de bondade no rosto” (MONTELLO, 2005, p. 202).

No dia 13 de outubro de 1975, o escritor registra em seu Diário: "Adianto ainda que a Genoveva Pia é a transposição da negra-mina Verônica, a cuja memória o romance é dedicado" (MONTELLO, 1998, p. 1348). Foi essa negra-mina a que ele se refere que o salvou

---

<sup>20</sup> Pessoa que incorpora um Orixá; sacerdotisa do culto dos voduns nos candomblés jeje.

da morte quando era criança.<sup>21</sup> Nei Lopes, no seu *Dicionário Literário Afro-Brasileiro* (2007), destaca Genoveva Pia, dentre tantos outros personagens negros da história da literatura brasileira, como “negra velha, vendedora de doces de tabuleiro em uma esquina rente ao quintal da Sé. Era noviche, filha-de-santo, da Casa das Minas. Morta a chicotadas pela polícia numa noite de São João” (LOPES, 2007, p. 51).

Antes de começarmos a entrar no mundo de Genoveva Pia pelas letras e imaginação de Montello, é necessário lembrar, a condição desumana que as mulheres negras eram tratadas, em especial no Maranhão. No jornal *Diário do Maranhão*, que foi publicado entre os anos de 1855 a 1911, podemos encontrar os seguintes anúncios:<sup>22</sup>

Na quitanda de Joaquim de Mattos, no Ribeirão, se diz quem tem uma excelente ama de leite para alugar.

Criada. Precisa-se de uma rapariga escrava que sirva para cuidar de uma criança pequena, engomar roupa miuda, e fazer algum serviço mais de casa de família. Na estação dos bonds do Largo de Palácio se informa quem precisa.

Escrava fugida. Fugio ao abaixo assignado uma escrava que tem os seguintes signaes: ereoula de idade de quarenta annos, com uma queimadura ao hombro direito. Gratifica-se bem à quem capturar e entregar ao annunciante (DIÁRIO DO MARANHÃO, 1874, n.º 332).

Tais anúncios servem como exemplo de como a sociedade de São Luís, tal como no restante do país, era cruel e sujeitava as mulheres negras a humilhações em suas mais diversas facetas. Sabemos que também eram exploradas sexualmente por seus senhores e filhos dos senhores, tratando-as como propriedades sexuais.

Apesar da triste história das mulheres escravas no Maranhão, voltemos à nossa importante personagem. A primeira relação de Genoveva Pia com a cidade é revelada pelo escritor quando ele detalha o percurso que o padre Tracajá fazia – inclusive ele poderia percorrer de olhos fechados esse caminho, tamanha era a experiência dele com aquelas ruas – para dar suas aulas matutinas de português e história sagrada no Convento de Santo Antônio; o segundo momento se refere ao retorno do padre para Igreja da Sé, onde morava, após a realização das aulas:

---

<sup>21</sup> Para mais detalhes sobre esse caso, consultar *As Confissões de um romancista*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 1986. v.1.

<sup>22</sup> Os anúncios no corpo do texto foram mantidos com a grafia original da época. Aqui, eles estão escritos com a gramática normalizada: “Na quitanda de Joaquim de Mattos, no Ribeirão, se diz quem tem uma excelente ama de leite para alugar.”; “Criada. Precisa-se de uma rapariga escrava que sirva para cuidar de uma criança pequena, engomar roupa miúda, e fazer algum serviço mais de casa de família. Na estação dos bondes do Largo de Palácio se informa quem precisa.”; “Escrava fugida. Fugiu ao abaixo assignado uma escrava que tem os seguintes sinais: ereoula de idade de quarenta anos, com uma queimadura no ombro direito. Gratifica-se bem a quem capturar e entregar ao anunciante.

“[...] contorna a calçada da Sé, provia-se de cocadas no tabuleiro da Genoveva Pia, descia a ladeira da rua dos afogados, tomava adiante a rua de São João e não tardava a chegar ao largo de Santo Antônio. [...] Nos outros dias, quando voltava diretamente para o paço, trocava a rua dos Afogados pela rua do Sol, para evitar o esforço de subir a ladeira, e ainda apanhava a Genoveva Pia no seu ponto, já com o tabuleiro quase vazio (MONTELLO, 2005, p.182-183).

Josué Montello faz com que o leitor perceba, desde o primeiro momento da aparição de Genoveva Pia no romance, que ela não será apenas mais uma personagem que desaparecerá nas próximas páginas, mas que estará diretamente ligado à cidade e a sua gente. Genoveva Pia é, como foi visto no trecho acima, descrita como sendo parte do percurso do padre Tracajá, consistindo que ela e o seu tabuleiro são as únicas referências “vivas”, as restantes são as ruas e ladeiras que levam até o seminário ou trazem de volta o padre até sua moradia. É como se Genoveva Pia fosse parte inseparável daquele espaço, uma presença tão forte que traz um pouco de vida para aquela parte da cidade.

É naquela calçada, ao lado da igreja da Sé, com seu tabuleiro de doces, que Genoveva Pia cria um espaço no qual a interação com os indivíduos assegura o seu espaço vivido. Nesse sentido, de se relacionar e manter tal espaço vivo, é que ela entra em contato com Damião pela primeira vez, ao ponto de se demorar ao ficar olhando-o, e mesmo franzindo a testa, como se ele já o conhecesse. Ela explica que conheceu o pai de Damião quando vieram no mesmo barco vindo da África e que logo reparou a semelhança de Julião com Damião: “Tu é ele, escrito e escarrado. Vejo um, tou vendo o outro” (MONTELLO, 2005, p. 201).

Genoveva Pia é certamente identificada com o local onde ela vende seus doces. Cosgrove (2004) nos adverte que um local é, então, altamente complexo, com múltiplos patamares de significados. A partir do desenrolar da história, pode-se compreender a razão dessa identificação e desses patamares de significados que Genoveva criou ao lado do muro da Igreja da Sé.

Há uma chuva torrencial em São Luís, o que faz com que o Palácio da Sé fique completamente inacessível, e parcialmente destruído. Em um diálogo com o padre Tracajá, que mora no palácio, Dom Manuel confessa sua tristeza com relação às condições da Igreja da Sé:

- Dando o seu passeiozinho pela casa, Excelência?

Sim, confirmou Dom Manuel: resolvera dar uma vista de olhos pelo Palácio, para ver os estragos das últimas chuvas. E estava desolado: morar ali, agora, era uma temeridade. Na parte dos fundos, a fenda da parede era tão grande que dava para passar um dedo. Por ali se infiltrara a água da chuva, passando para dentro do corredor. Quanto ao telhado, não havia mais conserto que lhe desse jeito. Onde os caibros e ripas não tinham apodrecido com o tempo, o cupim se encarregara de roê-los.

- Os ratos não lhe ficam atrás - lembrou Padre Policarpo. - É verdade - concordou Dom Manuel.

- De noite este nosso Palácio parece mal-assombrado. Tem-se a impressão de ouvir pessoas que sobem ou descem a escada. E são os ratos.

Padre Policarpo pôs-se a rir. E ainda rindo: - Há dois dias, aqui ao lado, o nosso Damião tirou uma ratazana enorme, sabe de onde, Excelência? De dentro de uma imagem de Santo Inácio de Loiola!

- Estou vendo o dia em que, ao abrir a arca dos paramentos, sai também um rato lá de dentro - acrescentou Dom Manuel, horrorizado.

- E é daqui que eles passam para a Sé.

Padre Policarpo, de testa contraída, observou: - Felizmente o sacrário é todo de metal.

- Mas as imagens são de madeira. E a talha do altar também. Estou vendo a hora em que pode acontecer o pior. Quando os raios caíram, uns atrás dos outros, na torre da Sé, eu os tomei como uma advertência, e tratei de reformar toda a catedral (MONTELLO, 2005, p. 248-249).

A partir do estado calamitoso em que se encontra a Igreja da Sé, as obras se iniciam, e conseqüentemente Genoveva Pia é afetada diretamente pela reforma. A doceira, que antes ficava junto ao muro da igreja, agora vai ter que sair dali, daquele lugar em que criou raízes em função do seu ganha pão, das relações criadas com seus fregueses e amigos, do cotidiano de todos os dias em que punha sua banca de doces e começava o seu trabalho: alimentar os estômagos e a mente de seus irmãos de cor. A realidade de Genoveva Pia era aquela de todos os dias, com aquele canto junto ao muro da Sé, e era ali que as suas experiências eram geradas cotidianamente. A “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 2013, p. 17).

Ela ainda resiste em sair dali, como fica claro quando, a despeito da poeira nos seus doces, ela “erguia a toalha para atender a um freguês, praguejava, jurava ir-se embora dali, mas acabava ficando” (MONTELLO, 2005, p. 257). Importante atentar ao próximo trecho destacado que, de forma contundente, explicita a importância daquele espaço para ela, que a princípio poderia ser de relevância econômica, mas pelo contrário, é sentimental:

Não que o ponto fosse excepcional. **Ela é que lhe tinha apego.** Na Praia Grande ou na Rampa de Palácio, teria certamente uma clientela maior. Vários amigos teimavam com ela para que se transferisse para um desses dois pontos, uma zona de comércio, outro no começo do cais da Sagração. [...] O certo é que já fazia mais de vinte anos que, todos os dias, com exceção dos sábados e domingos, armava na mesma esquina, rente ao muro do quintal da Sé, os dois suportes de madeira lustrada, sob os quais descansava o velho tabuleiro, com os doces ainda quentes. (MONTELLO, 2005, p.257, grifos nossos).

Tal trecho é revelador de como os homens tendem a criar vínculos com determinado espaço, transformando-o assim em lugar. É nesse ponto que Relph (2012) trata sobre a questão de raízes e enraizamento. Genoveva Pia veio trazida forçada de seu lugar de

origem, perdendo todas as suas raízes com sua terra natal. Era de se imaginar que, com uma mudança brusca e brutal como aconteceu com ela, faria com que ela perdesse tal sentimento e não pudesse mais tê-lo em nenhum outro lugar, principalmente numa cidade estranha para ela, como São Luís. Mas, passados mais de vinte anos vendendo doces num mesmo local, ela adquire raízes, e assim, “a partir da experiência cotidiana, muitas vezes entendido como o onde se tem nossas raízes, o que sugere uma profunda associação e pertencimento, mas também imobilidade” (RELPH, 2012, p. 24).

Tuan (2013), mais uma vez, vai nos lembrar que o lugar existe em várias escalas. Aquele espaço podia ser pequeno, mas era dela, era o seu lugar. Resignada com a destruição do seu lugar de afeto, Genoveva Pia declara de uma vez por todas: “Quando eu for embora daqui, deixo de vender doce na rua” (MONTELLO, 2005, p. 258), mas ainda com o fio de esperança que aquele lugar poderia ser preservado, tanto por sua afeição a ele, quanto por ter o seu lugar ali: “Na realidade, para ser franca, não acreditava que se pusesse abaixo um sobrado de tanta beleza. Para que fazer outro, se já tinham aquele?” (MONTELLO, 2005, 258). Nesse sentido, é compreensível que “a destruição ou a mutilação de qualquer objeto geográfico causa ressentimento [...], pois afeta as pessoas e suas relações” (MELLO, 2012, p. 39).

Diretamente afetado pela reconstrução da Igreja da Sé, Damião que, como vimos anteriormente, morava num dos quartos da igreja da Sé, não tinha mais onde morar:

À medida que as paredes iam caindo, via aproximar-se o momento de ter de abandonar também o seu canto. O bater repetido das marretas, com o estrondo das pedras que iam tombando, aumentava-lhe a ansiedade, sem que ele soubesse ainda para onde mudar-se. Andara a perguntar o preço das pensões dos arredores, e todas estavam muito acima da exiguidade de sua mesada. O jeito era ir ficando por ali, a despeito da poeira e do bater das marretas, até que chegasse a hora da demolição de seu quarto (MONTELLO, 2005, p. 266).

Genoveva Pia, oferece sua casa para Damião quando ele não tem mais onde morar, mas, sobretudo, ele não tem lugar para viver, pois a cúpula da igreja não aceita ordená-lo padre por ser negro e ex-escravo. Ela enfaticamente, com uma ponta de tristeza e raiva, diz: “Quando a esmola é grande, o pobre desconfia. Eu logo vi que os padres acabavam te passando para trás. Negro não serve para padre. Só branco. Só branco é que fala com Deus” (MONTELLO, 2005, p. 259).

Mas, logo em seguida, faz um convite para Damião: “vai lá pra casa. É casa de pobre, mas sempre cabe mais um. Te recebo como se recebe um filho” (MONTELLO, 2005, p. 267). Para entendermos um pouco como a segregação espacial era vigente, tal como é hoje,

é preciso entender que Josué Montello fez questão de salientar isso em seu romance. Há grandes casarões, sobrados, casas pequenas e moradias bem simples. Nem todos, mesmo os brancos ou libertos, têm condições de terem suas casas. Enquanto uns tinham muito, outros não tinham nada.

Nesse sentido, Genoveva Pia ganha uma companhia aqui, para entendermos as diferenças sociais na cidade retratada em *Os Tambores de São Luís*. Vejamos agora como é retratado o sobrado majestoso de Ana Jansen, uma abastada comerciante e fazendeira, detentora de uma quantidade significativa de escravos. Em suma, era a mulher mais poderosa do Maranhão no século XIX e, após, veremos a simples de Genoveva Pia.

Ambas mulheres, mas as similaridades acabam aí. Uma era branca e a outra negra. Uma nasceu livre e a outra durante a vida foi escravizada. Uma rica senhora que “mandava e desmandava no Maranhão, era ela. Mais que o bispo. Mais que o presidente da Província” (MONTELLO, 2005, p.343). A outra, uma negra que passou parte da vida escravizada, lutando por ter sua condição humana reestabelecida, e que conseguiu comprar sua liberdade vendendo suas cocadas coladas ao quintal da Igreja da Sé: “o certo é que já fazia mais de vinte anos que, todos os dias, com exceção dos sábados e domingos, armava na mesma esquina, rente ao muro do quintal da Sé, os dois suportes de madeira lustrada” (MONTELLO, 2005, p.257).

As casas dessas duas mulheres são distintas tanto no sentido material quanto no sentido simbólico. A casa de Jansen era a casa mais impressionante de São Luís, que “olhando na direção da rua Grande, podia ver a massa compacta do sobrado, dominando a outra esquina com seu renque de janelas guarnecidas de sacadas de ferro” (MONTELLO, 2005, p. 342). Era uma casa, que “tinha no fundo de seu quintal, ali em São Luís, um poço profundo, de águas misturadas com enxofre e cal, e a que fazia jogar seus escravos, depois de moê-los a chicote” (MONTELLO, 2005, p. 314-315).

A respeito dessas casas majestosas e ruas iluminadas, no qual a elite de São Luís vivia, Borralho descreve como era a Rua Portugal, uma das tantas ruas que o romance faz referência e nos ajuda a compreender tamanha diferença social das duas mulheres, suas casas e realidades:

Algumas casas traziam e ainda trazem nesses pórticos datas de séculos anteriores. Era garbosa em seu estilo: ostentava riqueza de um período „áureo e faustoso“. Algumas casas, com suas platibandas, ostentam até hoje eira e beira, outras, nem beira nem eira. Famílias mais abastadas traziam de Portugal azulejaria para ornais tais fachadas. A rua mais opulenta era a Portugal: conjunto de casarões em estilo colonial de três e quatro pavimentos, em cujo térreo funcionava o comércio, nos

restantes cômodos, acomodações aconchegantes para uma cidade provinciana do Brasil do segundo decênio do século XIX. E no último pavimento, mirantes onde se geralmente se avistava toda a movimentação: o movimento do cais, sobradões com seus telhados e a toponímia da cidade (BORRALHO, 2009, p.61).

Já a casa de Genoveva Pia, em contraste, era uma “casa baixa, de seis janelas sobre a rua, reboco escalavrado, uma porta de batente de pedra, e que se conhecia nos arredores como a senzala da Genoveva Pia” (MONTELLO, 2005, p. 291). A respeito da casa de menor imponência, Bachelard (2000, p. 24), nos diz que: “Os escritores da “casinha humilde” evocam com frequência esse elemento da poética do espaço. [...] Como há pouco a descrever na casinha pobre, eles quase não se detêm nela” (Figura 10).



Figura 10: Casas “porta e janela” de arquiteturas bem comuns do Centro de São Luís

Fonte: TAVARES JÚNIOR, M. S., dezembro de 2019.

Diferente do sobrado majestoso de Donana Jansen, onde se torturava, humilhava e tirava a vida dos negros, na casa da negra Genoveva Pia os escravos poderiam ter a liberdade, ainda que momentânea, fugindo dos seus senhores e que poderiam compartilhar seus medos e dramas sobre “a crueldade dos seus senhores, em voz baixa, quase sussurrada” (MONTELLO, 2005, p.315).



Genoveva Pia não tinha riquezas, e possuía uma casa sem luxos, como se poderia imaginar, para uma escrava alforriada, no qual seu quarto tinha “[...] a sua rede, o seu baú pintado, um mocho de pau, e o luxo de um guarda-roupa com espelho” e no seu banho mais que especial, no qual ela se banhava com “muitas folhas de jardineira, dentro da tina” (MONTELLO, 2005, p.354-355).

Como foi dito anteriormente, a sua casa era conhecida como „a senzala da Genoveva Pia“, porque era para lá que negros que queriam fugir de seus senhores, escondiam-se e passavam alguns dias, até conseguirem fugir e ir atrás de sua tão sonhada liberdade. “Só tem hoje esta missão no mundo, além de obedecer ao seu vodum, que a faz dançar no terreiro, com um lenço branco na cabeça: ajudar os outros negros a fugirem para a liberdade” (MONTELLO, 2005, p. 355). Ajudar os negros a fugirem para a liberdade. É exatamente por isso que sua casa, sempre quando necessário, torna-se uma senzala, simbólico espaço de salvação.

Numa dessas fugas em que ela se dispôs a ajudar os cativos (dezesesseis negros e duas negras) a fugir de seus senhores, Genoveva Pia vai atrás de Mestre Ambrósio – pescador que a ajudava nas fugas dos escravos, colocando-os em seu barco e levando para outro local – , para embarcar esses negros em seu barco rumo à liberdade. Não encontrando o Mestre Ambrósio – era noite de São João e a cidade estava em festa –, Genoveva decide ir à Casa das Minas, e lá com os batecuns dos tambores, ela dança e entra em transe com seu vodum:

Quando alcançou a Casa das Minas, a nochê ia se aproximando das noviches, ao som nervoso dos tambores. Genoveva Pia acelerou o passo, sem ver mais ninguém, sentindo que seu vodum lhe mandava dançar. Logo seu corpo leve se incorporou ao grupo das companheiras, e ela rodou sobre si mesma, sacudindo o colar de contas e as pulseiras de búzios, o lenço na cabeça, as pálpebras semicerradas, presa à vida circundante unicamente pela cadência do baticum frenético. Outro ser se instalara no seu ser. Quem a conhecesse defronte de seus tachos de cobre, mexendo as tachadas de doce fervente com a lenta colher de pau, ou sentada por trás de seu tabuleiro de doces sortidos, de cachimbo no queixo, a toalha bordada enxotando as moscas teimosas, jamais associaria à bailarina lépida, toda entregue à leveza de seu bailado. Dir-se-ia que só a dança era o seu ofício. E nada mais, realmente, naquele instante, existia para ela (MONTELLO, 2005, p. 358-359).

Já madrugada alta, quando ela já havia saído, e indo novamente atrás do Mestre Ambrósio – dessa vez com sucesso -, decide voltar a sua casa para avisar os negros que poderiam ir até o porto pegar o barco, mas a maioria deles já tinha ficado impaciente e decidiu, por conta própria, fugir. Genoveva Pia vai atrás deles, mas, antes que pudesse alcançá-los, ela é cercada pelo cabo Machado, e junto de outros policiais é surrada até a

morte, em frente à Igreja do Desterro, com a justificativa de que estava escondendo negros fugidos e acobertando suas fugas.

Os tambores da Casa das Minas continuam a tocar, mas dessa vez é o Tambor de Choro. O seu corpo foi levado para uma homenagem fúnebre na Casa das Minas – a negra que dedicou a vida a combater a escravidão. Esse Tambor de Choro é o derradeiro tambor para Genoveva Pia, nos explica Ferretti (1995, p. 201): “o ritual fúnebre no Tambor de Mina se chama „Tambor de Choro“, e que na Casa das Minas recebe o nome de „Zeli ou Zelim“, quando é feito de corpo presente e de „Sirrum“ (corpo ausente)”.

Pode-se compreender que a casa de Genoveva Pia é bem próxima daquilo que Mello (1990, p. 102), nos diz que “o lugar é recortado emocionalmente nas experiências cotidianas”. Nesse sentido, é possível entender quando ela faz de sua casa primeiramente o seu lar, para dotar de significados, depois convidando Damião para viver com ela e, posteriormente, numa “senzala” para ajudar seus irmãos de cor. Nesse lar, ela cria laços de cumplicidade, abre as portas da casa para outros escravos, é uma casa de esperança àqueles que almejam fugir das correntes da escravidão.

É dentro da sua casa que tais laços acontecem, onde ela e seus irmãos podiam criar raízes, tal como um porto seguro momentâneo, como um espaço de refúgio e esperança. Há uma casa ainda com um significado tão importante quanto foi a casa de Genoveva Pia. É o Querebentã de Zomadônu, ou a Casa das Minas. Trata-se do lugar em que a condição humana de Damião é redescoberta, através do contato direto com o chão do terreiro sagrado.

## **2.7 Solo africano no chão de São Luís: Querebentã de Zomadônu**

*Quando você chega na Casa das Minas, Mãe Maria Quirina vem buscar você no corredor, e o tambor vira, com o vodum baixando, quando você entra no terreiro. Sabe por quê? Porque você é grande, Damião. Gente de cima. De muito alto (MONTELLO, 2005, p. 371).*

Quando o leitor, ao abrir um romance e ficar diante de um começo arrebatador, ele imagina o que espera. É isso que acontece quando começamos a ler Os Tambores de São Luís. Logo nas primeiras linhas, como foi escrito na introdução deste trabalho, já fica evidente o papel central que a Casa das Minas terá no romance e, por conseguinte, na história de Damião, quando Josué Montello inicia seu romance da seguinte maneira:

Até ali os tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos, e ele via ainda os três tamboreiros, no canto esquerdo da varanda, rufando forte os seus instrumentos rituais, com o acompanhamento dos ogãs<sup>23</sup> e das cabaças, enquanto a nochê<sup>24</sup> Andresa Maria deixava cair o xale para os antebraços, recebendo Toi-Zomadônu, o dono do lugar. [...] Daí a pouco Damião tornava a ouvi-los, trazidos por uma rajada mais fresca, e outra vez a imagem da nochê, cercada pelas noviches<sup>25</sup> vestidas de branco, lhe refluía a consciência, magra, direita, porte de rainha, a cabeça começando a branquear (MONTELLO, 2005, p. 15).

São esses tambores sagrados, ou melhor, os tantantãs e batecuns sagrados que guiarão a princípio, um Damião octogenário, senhor de si e já cansado de tantas lutas, e posteriormente, outro Damião, este, ao contrário do primeiro, ainda por se descobrir e entender o papel de sua condição humana.

Tambores que os escravos batucavam no quilombo ao tempo que Damião era criança; nas senzalas quando teve de retomar àquele lugar; tambores que continuarão a tocar durante toda sua vida adulta e velhice em São Luís, como se tais sons sagrados o transportassem para suas origens. Os tambores (Figura 11) estão sempre ligados intrinsecamente aos espaços de vida de Damião: no quilombo, na fazenda, em São Luís.

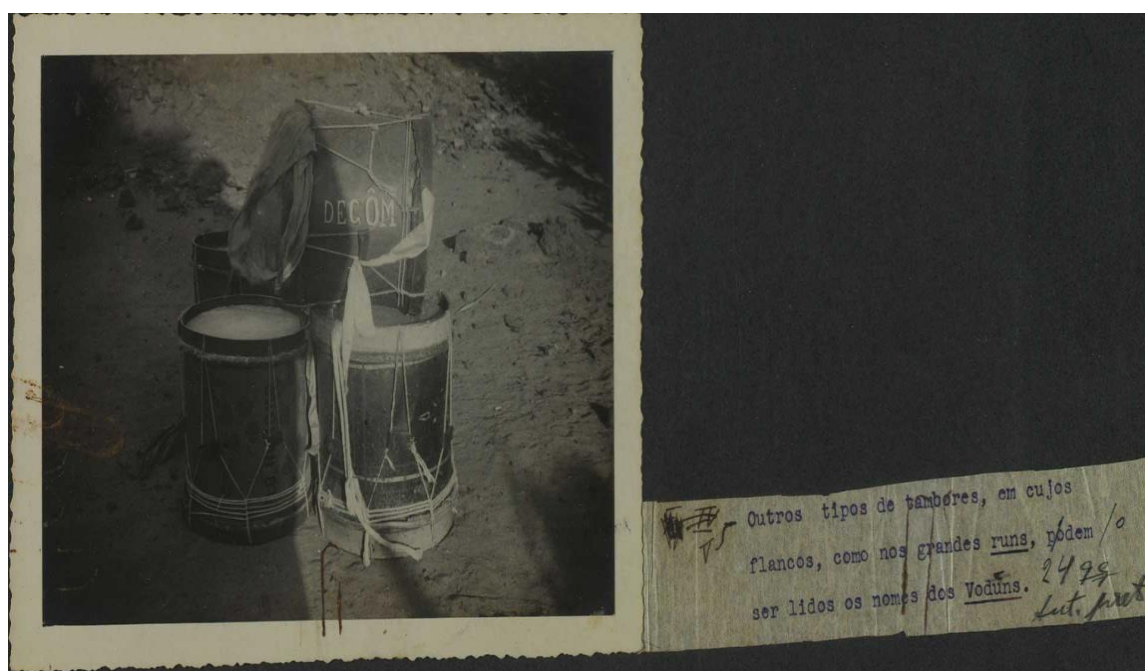


Figura 11: Tambores sagrados da Casa das Minas

Fonte: Arthur Ramos., 1947. Hemeroteca Digital.

<sup>23</sup> Chefes ou dirigentes que são responsáveis pelos instrumentos percussivos.

<sup>24</sup> Assim são chamadas as mães de santo no Tambor de Mina.

<sup>25</sup> Filhas de santo.

Tuan (2013) pontua que os sons, embora vagamente localizados, podem transmitir um acentuado sentido de volume e distância. Merleau-Ponty (2011) diz que os sentidos, enquanto corporeidade que mediam nossas relações com a natureza ou o meio que habitamos são essenciais para a construção das ideias e do conhecimento humano. Ora, a audição é um desses sentidos, e Damião é invadido por batecuns sagrados em toda sua história, permeando-o, assim, em cada passo que ele dará.

Mais uma vez, Tuan (2013), sobre o poder dos sons na percepção do espaço, rememora o escritor argelino e nobel de literatura, Albert Camus, citando um trecho dos seus Cadernos. De acordo com Camus (1966, p. 26), “À noite, na Argélia, podemos ouvir os latidos dos cães a uma distância dez vezes maior do que na Europa. Assim, o ruído assume uma nostalgia desconhecida em nossos países confinados” (apud TUAN, 2013, p. 25).

As experiências humanas em relação direta com o espaço são incontáveis e devem ser levadas em consideração quando tal aspecto se revela perceptível pelos sentidos. Os batecuns dos tambores são, há séculos, mediadores espaciais para diversos grupos na terra. Dias (2004), escrevendo sobre os sons vibrantes dos tambores e a relação com os negros e o Brasil, remete-se a histórias desde os tempos coloniais, onde ecoava sobre terreiros de fazendas, pelas ruas das vilas ou nos adros das igrejas:

Noticiados por cronistas e viajantes a partir do século XVI, as festas e rituais dos africanos são quase sempre objeto de descrições levianas e preconceituosas. Sons “monótonos”, danças “lascivas”, ritos “bárbaros” eram alguns dos qualificativos utilizados por estes escritores e moralistas, sem dúvida um tanto assustado com as multidões de negros que essas festas mobilizavam – multidões que sempre podiam rebelar-se contra a minoria branca. [...] Os batuques marcam a presença da cultura banto, trazida pelos africanos vindos de Angola, do Congo e de Moçambique para diferentes rincões do Brasil. São formas vivas dos Batuques o Carimbó paraense; o Tambor de Crioula do Maranhão, o Zambê do Rio Grande do Norte e o Samba de Aboio sergipano; em Minas, celebra-se o Candomblé, no Vale do Paraíba paulista, mineiro e fluminense, o Jongo ou Caxambu; na região de Tietê, em São Paulo, dança-se o Batuque de Umbigada, entre muitas outras manifestações (DIAS, 2004, p. 42,43).

Certo dia, ao ir comprar cocadas para o padre Tracajá no tabuleiro da Genoveva Pia, Damião escutou um pedido daquela mulher e ficou com aquele convite na cabeça por bastante tempo: “Mas tu precisa ir no tambor de mina. Vai lá. É na Casa das Minas, na rua de São Pantaleão. De noite, não tem errada: basta ouvi o tambô tocando” (MONTELLO, 2005, p. 202).

Damião ouvia o som dos tambores vindo de um local bastante específico da vida cidadina de São Luís do século XIX. Não é um espaço qualquer. Era uma casa de dimensões físicas simplórias, mas, em compensação, as dimensões simbólicas e religiosas dessa casa são

incontáveis para os escravos, ex-escravos e para alguns homens livres da capital maranhense. Trata-se do lugar sagrado chamado de Querebentã de Zomadônu<sup>26</sup>, ou Casa-Grande das Minas, ou simplesmente, Casa das Minas<sup>27</sup> (Figura 12).

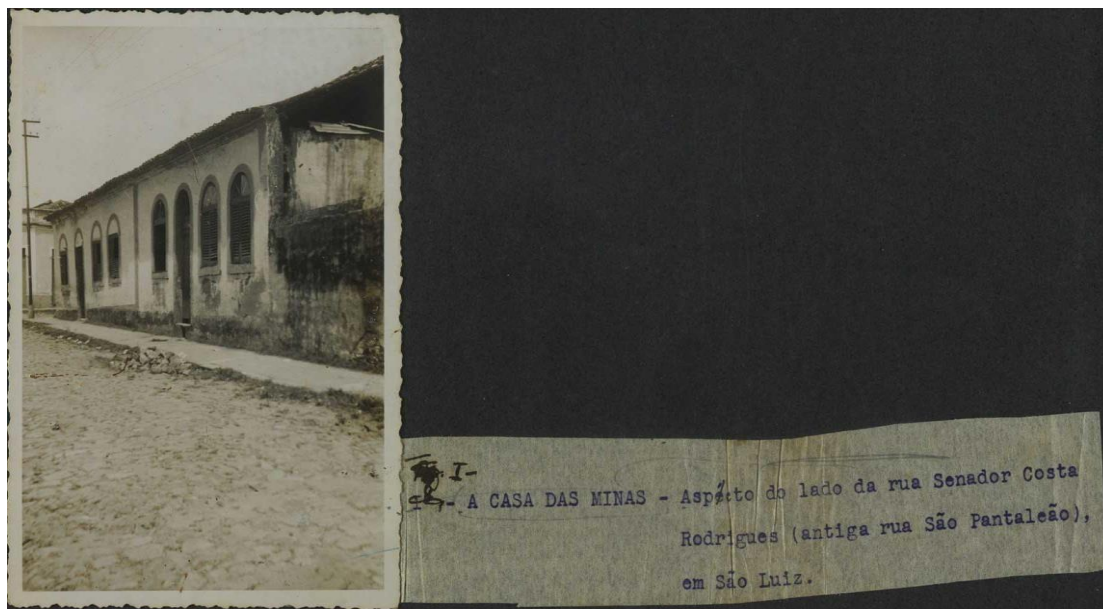


Figura 12: Fachada da Casa das Minas na década de 1940

Fonte: Arthur Ramos., 1947. Hemeroteca Digital.

Santos (2014) informa que a mais antiga referência encontrada nos arquivos públicos sobre manifestações religiosas dos negros em São Luís é de 1835. Ferretti (2016) ainda sobre a história do tambor de mina no Maranhão, fala de duas casas matrizes fundadas em São Luís por africanos provavelmente em fins do século XIX: a Casa das Minas Jeje ou Casa Grande das Minas e a Casa de Nagô.

No romance, Montello (2005, p. 280) destaca um ponto fundamental na história da Casa das Minas: “A origem da Casa das Minas há de ser sempre um mistério”. E ele tem razão. Historiadores, sociólogos e antropólogos dividem, entre si, a dúvida histórica sobre sua origem, como, por exemplo, nos seguintes casos: Pereira (1979, p. 24) nos diz que, “a Casa das Minas foi assentada por gente do „contrabando“, gente diretamente da África, Mina-Jeje que trouxe o comé”.

<sup>26</sup> Em língua jeje Querebentã significa “casa”, e Zomadônu é o vodum com o qual a casa foi consagrada.

<sup>27</sup> Casa das Minas, pois tem na sua origem a da etnia que a criou: negros minas ou minas-jêje, provenientes da região da antiga Costa do Ouro, atual, Gana e mais amplamente do golfo do Benim.

Por sua vez, Ferretti (2009, p. 55) através do contato direto com “os membros do grupo afirmam que a Casa foi fundada por Mãe Maria Jesuína, que adorava Zomadônu”. Verger (1990, p. 153) em sua pesquisa sobre a origem da Casa das Minas, acha uma ligação entre a nobreza africana e a escravidão, quando afirma que “o culto das divindades dos reis de Abomé tenha sido estabelecido na „Casa das Minas“ de São Luís do Maranhão pôr Na Agontine, viúva do rei Angolo, que foi enviada para a escravidão”.

Independentemente da indefinição da sua origem, a casa existe e está firmada até hoje na rua de São Pantaleão. Montello (2005, p. 278) assim a resume nos aspectos físicos: “A casa é baixa, rente à calçada da rua e já deve ir a caminho de dois séculos. [...] a Casa das Minas tem outra peculiaridade, que ajuda a reconhecê-la: fica de esquina, parecendo descer a ladeira abaixo”, para logo em seguida falar da rua onde a casa está localizada, tendo que explicitar ao leitor algumas características, que servirão para demonstrar que se trata de uma rua de aspecto popular: “quem desce a rua sinuosa, na direção do centro da cidade, depois de passar pela igreja de São Pantaleão, vê um bando de construções primitivas, todas acachapadas, com beirais salientes e batentes de cantaria” (MONTELLO 2005, p. 279).

Um aspecto importante para compreender a Casa das Minas é que, apesar de ser um lugar sagrado, ela se diferencia de outros espaços sagrados que são lidos no romance, como, por exemplo, as igrejas católicas que são sinuosas e ricas em seu esplendor. No tocante a Casa das Minas, é preciso salientar que:

[...] terreiros não poderiam assumir a forma exterior de templo. Impedidos de aparecer como tais, em sua exterioridade, os templos negros existiriam então apenas para dentro de suas fachadas. Daí que tenham se materializado, geralmente, em casas comuns. De feição popular. Feitas de taipa. Casas de barro e palha em bairros urbanos ou chácaras. Dos calundus seiscentistas aos terreiros dos séculos XIX e XX, o mistério e a africanidade ficariam guardados em cômodos internos. Em espaços que não se desvelam fisicamente em sua própria e real natureza (RISÉRIO, 2013, p. 161).

Nesse sentido, ao compararmos com a força e o poder simbólico social que a Igreja exercia na cidade, o terreiro é reduzido à quase inexistência. Damião conhece os dois lados. O esplendor e riqueza da Igreja Católica. E a simplicidade e a pobreza material do terreiro de Minas. Damião, ao chegar em São Luís pela primeira vez, tem logo como porta de entrada a Igreja e, “quando pisara na Rampa do Palácio, quase caíra, não sabendo como dividir a atenção” (MONTELLO, 2005, p.163). Tendo um espaço privilegiado na cidade de São Luís, a Igreja tem um conjunto de ideias e valores sobre como deve se portar uma sociedade, por isso essa localização privilegiada, de modo que:

Pelas quatro janelas sobre a rua, podia-se abranger quase todo o largo do Palácio, com seu duplo renque de sobradinhos, de azulejos e suas árvores ainda novas, revicadas pelas chuvas do inverno. Mais adiante, depois da fachada comprida do Palácio do Governo, era a armadura sobre o cais da Sagração, com a rampa de pedra que ia até o mar (MONTELLO, 2005, p.169).

Essa localização privilegiada, no centro de São Luís, tendo como vista quase toda a extensão da cidade, é uma paisagem simbolicamente pensada, para reforçar a imponência da Igreja da Sé e, conseqüentemente, reduzir as tentativas de surgimento de outras forças. Um espaço que resulta da decisão de um poder central. Corresponde frequentemente à realização de um arquétipo, de um ideal social, religioso e moral, e sua manifestação será tão visível quando esse ideal for centralizado, como aponta Besse (2014).

Esse simbolismo do poder, da força e da riqueza da Igreja frente à sociedade e ao povo não se manifesta apenas pela grandiosidade estrutural e pela localização, revela-se, sobretudo, na parte interna da igreja, e quando Damião, ao entrar pela primeira vez nela, fica extasiado: “Atarantou-se um momento, tanto com a nave imensa quanto com o fulgor das velas no ouro dos ornatos: deixou cair o lábio inferior, relanceando o olhar pasmado para os nichos, os bancos, as imagens” (MONTELLO, 2005, p.180).

Tal poder simbólico exercido pela Igreja da Sé, com sua grandiosidade, sua riqueza e moralidade, não encantava os negros no sentido de se sentirem completamente representado religiosamente, sendo eles ainda cativos ou os libertos. Havia, porém, outra igreja, menor, mais simples arquitetonicamente, não tendo a localização central privilegiada e nem ostentava riquezas. Era a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, (Figura 13), que era ministrada pelo padre Policarpo, mais conhecido na cidade como padre Tracajá, um mulato que, pela razão da cor de sua pele, exercia a função ministerial nessa igreja em que os negros se sentiam à vontade para frequentar. Uma igreja definitivamente para as classes sociais menos favorecidas, em que, certamente, os negros, escravizados ou livres estavam inseridos:

De longe, já na rua do Egito, Damião viu a calçada cheia de negros. Uns estavam vestidos com ar de senhores, e eram solenes até na maneira de andar, a roupa bem passada, óculos de aro de metal, chapéu alto. Também viu negras trajadas com esmero, pose de brancas, a gaforinha espichada a ferro, saia nos tornozelos, sapatos de verniz, a blusa cavada mostrando o começo dos seios. Mas a grande maioria era constituída de negros descalços, a camisa arremangada, o rosto assustado (MONTELLO, 2005, p. 208).





Figura 13: Igreja do Rosário, a igreja dos negros

Fonte: Gaudencio Cunha., Álbum do Maranhão, 1908.

O romance escrito por Josué Montello é, por vezes, uma aula de história do Maranhão e do Brasil, assim, fica evidente em alguns momentos a questão do sincretismo religioso. Risério (2012) nos diz que os negros se imiscuíram nesses processos, gerando novas hibridizações – como, por exemplo: na língua, na religião, na música, na festa, no vestuário, na dança, na culinária. Como a Igreja Católica era a igreja oficial desde os tempos coloniais, a imposição dela sobre os negros também foi exercida. Muitos se convertiam à religião católica e abandonavam a religião dos seus ancestrais, outros continuavam indo à Casa das Minas mesmo após a conversão.

Os negros estabeleceram uma relação com a Igreja do Rosário mediada pelos signos que criaram, seja pela pequenez da igreja, seja pela relação que Nossa Senhora do Rosário tem com os negros ou seja, ainda, por ser igreja do povo, local onde eles podem se sentir mais próximos uns dos outros e proclamar sua fé. A partir disso, Damião, “ali na igreja do Rosário, sentia-se mais firme, mais seguro, limpo de espírito, confiado na graça de Deus” (MONTELLO, 2005, p. 210).

Numa crônica escrita em outubro de 1990, Montello (2009), nos conta como ele adentrou no mundo dos tambores sagrados, que foi através do livro de Nunes Pereira sobre a Casa das Minas. O próprio antropólogo, como se estivesse agradecido pelo romance de



Montello, confessa o seguinte: “Uma das mais precisas e legítimas descrições da Casa das Minas é, sem dúvida, a que devemos a Josué Montello, em seu romance *Os tambores de São Luís*” (PEREIRA, 1979, p. 210).

Apesar da Igreja Católica, existia o terreiro. E existia um lugar para Damião naquele terreiro, e é mãe Andressa, sacerdotisa da Casa, quem diz isso a Damião, quando ele, pela primeira, vez vai ao encontro da Casa das Minas: “Toda vez que tu aparecer aqui, aqui é teu lugar” (MONTELLO, 2005, p. 284). E como pudemos ver antes, é uma casa simples, no qual o principal, a manifestação do sagrado, acontece no interior. Então, assim que, quando se trata de lugar, onde as emoções acontecem, no qual as experiências se concretizam e os laços são criados, pouco importa se há beleza ou riqueza, o que importa são as relações criadas pelo homem com o seu lugar.

Damião, triste e angustiado por sua situação atual, busca na Casa das Minas uma pausa no movimento. Um sossego para as atormentações que estavam sendo sofridas diariamente por ele. Claval (1996, p. 51), ao falar sobre os homens que buscam suportar as dificuldades e as infelicidades da vida, diz que esses são “levados a imaginar realidades mais profundas e mais autênticas que aquelas que lhes são reveladas por seus sentidos”.

Nesta busca, Damião encontra uma Casa com alma, como um espaço que lhe cabe. A alma africana representada material e simbolicamente naquele espaço sagrado, especificamente um espaço sagrado afro-brasileiro:

Deste modo, embora o terreiro possa ser em conjunto apreendido por critérios geotopográficos (lugar físico delimitado para o culto), não deve, entretanto, ser entendido como um espaço técnico, suscetível, de demarcações euclidianas. Isto porque ele não se confina no espaço visível, funcionando na prática como um “entrelugar” – uma zona de interseção entre o invisível (orum) e o visível (aiê) – habitado por princípios cósmicos (orixás) e representações de ancestralidade à espera de seus “cavalos”, isto é, de corpos que lhes sirvam de suportes concretos (SODRÉ, 2002, p. 80-81).

Josué Montello nos conta como um observador cuidadoso, não deixando passar nenhum pequeno detalhe da casa sagrada aos voduns, e que segundo ele, nada mudou desde os tempos de cativo: “o mesmo corredor comprido, as mesmas salas e quartos, o mesmo santuário, e o mesmo terreiro de chão batido (MONTELLO, 2005, p. 279). E que e a que dão sombra, durante o dia, os ramos torcidos de uma cajazeira sagrada” (MONTELLO, 2005, p. 279). Essa cajazeira sagrada nos remete ao que Eliade (2008), explica que, nesse lugar sagrado, uma pedra não pode ser somente uma pedra, uma árvore não é somente uma árvore, mas, sim, uma entidade radiante e irradiadora, franqueada à manifestação do sagrado. E Josué Montello assim fala da árvore sagrada no quintal da Casa:

Um longo banco de madeira sem recosto acompanha a parede que olha o quintal. Entretanto, ao sentar ali, o que o visitante descortina são os ramos da cajazeira, porque um muro se alteia, de pouco mais de metro e meio, na divisória da varanda. Mas esse mesmo muro se abre, mais adiante, para dar passagem ao terreiro, permitindo olhar de perto a velha árvore, toda vestida de folhas miúdas, de um verde queimado, muito escuro, e que a luz do sol tropical custa amarelecer (MONTELLO, 2005, p. 279).

Temos nessa árvore, a cajazeira, (Figura 14), uma ligação direta do homem com o chão do terreiro e com a natureza. Uma ligação que se manifesta no sagrado através do contato direto do homem com o espaço. A cajazeira é para aqueles homens e mulheres, nas palavras de Dardel (2015, p. 59-60), não apenas uma árvore comum que se encontra em qualquer quintal de uma casa, sem funcionalidade aparente e que possa ser explicada de maneira racional, mas, “são seres que participam afetiva ou coletivamente, como manifestações de poder da vida esparsa em seu ambiente”.

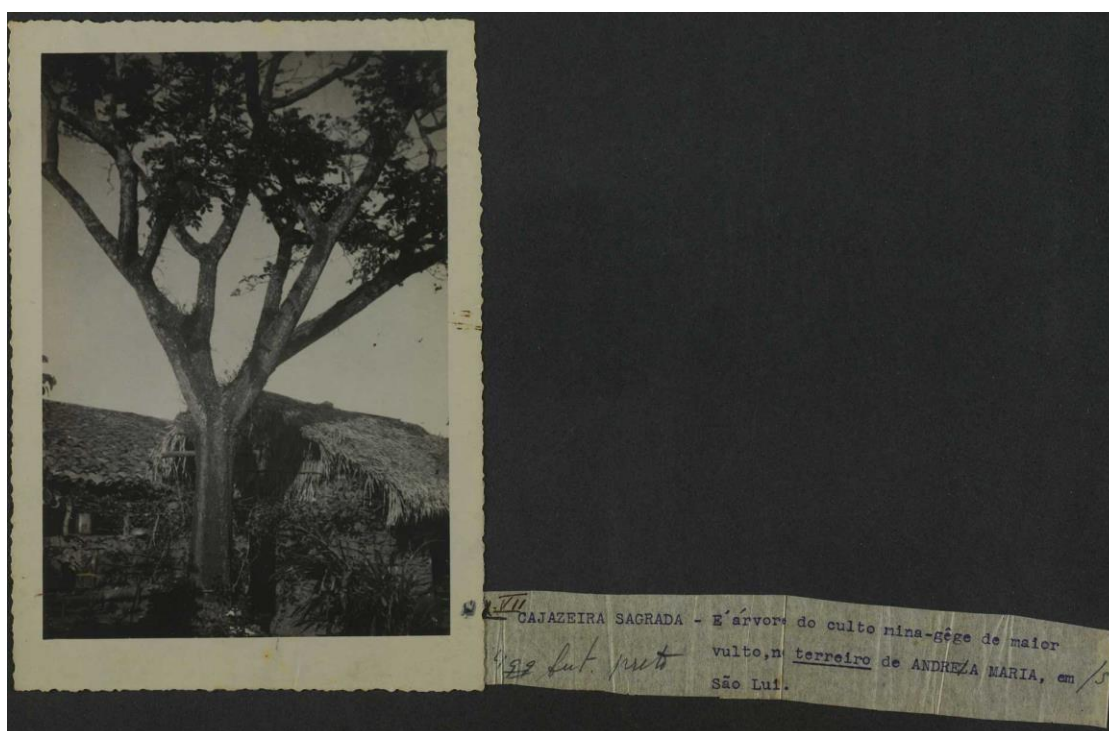


Figura 14: A cajazeira sagrada que se encontra no quintal da Casa das Minas

Fonte: Arthur Ramos., 1947. Hemeroteca Digital.

Um lugar para os negros reafirmarem ou mesmo criarem laços com suas ancestralidades, através do sagrado. E eles iam para lá, sobretudo os negros escravos, aos dois, aos três, ou mesmo sozinho, como Damião. Rosendahl (2009), nos esclarece que o

conceito de lugar sagrado identifica-se com o significado cultural atribuído pelo indivíduo ou pelo grupo social religioso. A comunidade religiosa vivencia o lugar à sua maneira, de forma a constituir um ponto fixo em que reencontra suas identidades. Contribuindo ainda sobre o que seria um lugar sagrado, Santos (2006, p. 111) pontua:

Lugar sagrado é, assim, e em nossa opinião, aquele ponto da superfície terrestre onde, em modalidades e sob formas que variam em função das religiões, dos povos e da época histórica, se tocam ou tocaram o divino e o humano ou o divino e a natureza, passando esse lugar a ser encarado como especial e, em muitos casos, único, daí resultando a sua sacralização.

É isso que lemos quando Montello, ao escrever sobre como os negros escravizados se sentiam no Querebentã de Zomadônu:

Esqueciam-se do cativoiro, não tinham mais senhores nem feitores, e sim voduns, que os habitavam e protegiam. Pouco importava que trouxessem no corpo as marcas das cangas, dos libambos, dos vira - mundos, das gonilhas e das gargalheiras. Ou que ali entrassem com as mordanças e as máscaras de flandres. Os tambores retumbavam, e eles, os cativos, eram novamente os donos de suas horas, senhores de suas vontades (MONTELLO, 2005, p. 281).

Josué Montello também descreve o momento alto da hierofania naquela Casa. Hierofonia é um termo cunhado por Eliade (2008) que significa manifestação do sagrado, quando o homem toma conhecimento da potência dessa força vital.

Logo os tambores cresciam, suplantando a plangência do canto com o seu bater viril, e eram acompanhados pelo tinido dos ogãs e o sacolejo das cabaças, enquanto as noviches rodopiavam, obedecendo à marcação das pancadas, e toda a casa se contagiava desse compasso, dando mesmo a sensação de que as pilastras da varanda estremeciam com ele, no mesmo tantantã ritual. Pela excitação de quantos ali estavam, Damião reconheceu, num relance do olhar, que os outros negros sentiam o que ele sentia. [...] Em verdade, só eram livres ali na Casa-grande das Minas e enquanto ressoavam os tambores (MONTELLO, 2005, p. 283).

A experiência de Damião não se distingue dos seus irmãos de cor. Antes, é relevante mencionar como Damião, que não conhecia bem a cidade de São Luís e tampouco onde ficava localizada a Casa das Minas, encontrou esse lugar sagrado: “A princípio, não soube como orientar-se no labirinto de ruas e becos que surgiram no seu caminho. Mas tratou de guiar-se pelo baticum frenético” (MONTELLO, 2005, p. 282). E, uma vez descoberto, Damião é tomado por uma sensação de descoberta de um outro espaço, dessa vez um espaço existencial.

“Pela primeira vez na vida, Damião experimentava a sensação física de que pisava chão africano. Dir-se-ia que falava dentro dele, nas raízes de seu ser, o sentimento atávico da

condição original” (MONTELLO, 2005, p. 282). É assim que Montello nos descreve a primeira experiência de Damião com o lugar sagrado da Casa das Minas: pisando no chão do terreiro e o levando a crer que estava pisando o chão africano. De tão profunda e especial é essa sensação, que nos leva a concordar com as palavras de Capalbo (1999, p. 228) ao se referir ao espaço religioso: “a experiência espacial da religião é uma projeção no sentido de projeto existencial; ela é uma expressão da condição humana que busca no „alto”, no céu, em Deus, a superação da sua finitude”.

Tuan (1978;2012) nos afirma que uma ligação emocional é criada e mantida através da edificação do lugar sagrado. Rosendahl (2003), por sua vez, corroborando com as palavras de Tuan, diz que o processo de criação contribui para que lugares e objetos se tornem parte de nossa autoidentidade, assim como o contato ritual, a familiaridade com o lugar e a experiência partilhada. É possível perceber essas considerações sobre o lugar sagrado, da relação criada individualmente por Damião com aquele chão e também a partilha com os outros negros:

Era ali um negro entre negros, e tudo em redor contribuía para aguçar- lhe no espírito a consciência da raça - no cheiro dos corpos que se movimentavam, na chama das velas votivas, na água pura das jarras, no êxtase dos semblantes dominados pelos voduns, no saltitar dos pés descalços, na sonoridade dos búzios nos braços das noviches, e sobretudo no bater dos tambores, que tinham agora um tom marcial de desafio, canto augural e trompa guerreira, e a que se misturava a harmonia das vozes, no coro das litânias. Essas vozes alongavam-se em lamentos, como súplicas desesperadas. Logo os tambores cresciam, suplantando a plangência do canto com o seu bater viril, e eram acompanhados pelo tinido dos ogãs e o sacolejo das cabaças, enquanto as noviches rodopiavam, obedecendo à marcação das pancadas, e toda a casa se contagiava desse compasso, dando mesmo a sensação de que as pilastras da varanda estremeciam com ele, no mesmo tantantã ritual (MONTELLO, 2005, p. 282-283).

Os batecuns dos tambores cresciam em intensidade, e os pés de Damião ao tocarem o chão sagrado do terreiro, cresciam em ligação. A Casa das Minas invadiu o seu íntimo por completo, trazendo o chão africano para dentro do seu ser. Monteiro (1988, p. 141), numa das mais brilhantes definições do que possa vir a ser a Geografia, nos diz o seguinte: “No meu entender, a Geografia tem a função primordial de capacitar o homem a encontrar a habitação do ser-no-mundo”.

A Casa das Minas, para Damião, torna-se um centro do mundo. A partir do contato com aquele lugar sagrado, o mundo, ou melhor, o ser-no-mundo, ganha um novo significado, iluminando seus passos e dotando de novos significados a sua vida em São Luís:

Mesmo que Mãe Hosana nada lhe dissesse, Damião saberia que era ali o seu lugar. Por que não viera antes, a despeito dos sucessivos acenos da Genoveva Pia? E então novamente se lhe avivou, mais resoluto, a consciência de que, como negro, tinha uma missão a cumprir, em favor dos outros negros. Se não pudera ordenar-se, para lutar por eles metido na sua batina de sacerdote, era agora um homem livre, com a obrigação de buscar outros meios para tirá-los do cativeiro. Como se os deuses de sua raça o inspirassem, sentia que o ânimo da rebeldia lhe voltava e que uma força estranha o dominava e sacudia, impelindo-o para a frente, num assomo de fúria irreprimível. Chegou a levantar-se, e tornou a sentar, redobrando de energia (MONTELLO, 2005, p. 285).

Após esse primeiro contato com o chão africano em São Luís, em que o sagrado se manifestou para Damião, ele nunca mais deixou de ir àquela casa sagrada. Mesmo aos oitenta anos, ao caminhar pelas ruas da cidade, foi levado pelo som nostálgico dos tambores e por lá ficou, só saindo da Casa quando “[...] era mais leve o seu corpo e mais suave o seu dia, qual se voltasse a lhe ser propício o vodum que acompanha na Terra os passos de cada negro” (MONTELLO, 2005, p. 16).

Como pontua Souza (2017), acerca do desenvolvimento dos lugares sagrados, eles são percebidos e vividos com emoções e sentimentos numa experiência com o sagrado que diz respeito a uma parte do espaço que reflete as percepções dos grupos envolvidos em sua construção e/ou frequência, demarcando atribuições hierofânicas e geossimbólicas. Para Rosendahl (2003, p. 206), “A construção do lugar sagrado envolve um longo período de tempo, esforço e cooperação da comunidade religiosa”. Damião e os outros negros escravizados ou livres, vivem e percebem a Casa das Minas, construindo laços identitários quando o sagrado se manifesta no terreiro sagrado.

A casa permanece até os dias de hoje, embora mais como uma casa histórica, de preservação cultural/religiosa, do que uma casa que ainda mantém seus ritos e mistérios. E caso você estiver em São Luís e não souber onde fica a casa secular da Casa Grande das Minas, basta apurar os sentidos e escutar os batecuns dos tambores sagrados, que nas palavras de Bastide (1971, p. 264), são como “um canto do Daomé transplantado para o lado de cá do Atlântico”, ou, como nas palavras de Montello (2005, p. 278) “para identificar a Casa-Grande das Minas, não é preciso quebrar a cabeça. De dia, ali por perto, qualquer pessoa dirá onde ela fica; de noite bastará guiar-se pelo bater dos tambores”.

A Casa das Minas é o lugar da descoberta de Damião da sua condição. A concretização da sua condição passa por ter São Luís como o seu lugar de excelência, e, assim, ele vai continuar reafirmando a sua existência pela cidade, tendo novas e decisivas experiências espaciais, de sentidos.

## 2.8 Do espaço ao lugar em São Luís

*E lá se foi, Rua do Mocambo abaixo, a enfiar o papelucho por baixo das portas, sem ruído, apenas roçando o chão da calçada com seu passo macio (MONTELLO, 2005, p. 32).*

Após sair da senzala da Genoveva Pia e casar, Damião vai morar na casa das Galvão<sup>28</sup>, uma casa onde padre Tracajá viveu, no Largo de Santiago, ao lado da Rua Madre Deus. É nesta casa em que ele vai passar o resto de sua vida, uma residência típica da periferia oitocentista, de meia-morada, e é nela onde terá seus filhos e viverá com suas duas esposas, primeiro com Aparecida, e depois com Benigna. Apesar de ser a casa em que ele passará mais tempo, Montello não se aprofunda nas relações que Damião poderia ter com aquele lugar. Há poucos trechos relacionados à relação afetiva ou de raízes de Damião com essa casa.

Já na periferia da cidade, o Largo de Santiago tinha o ar aconchegado de velha praça de subúrbio, com algumas árvores, o chão de terra batida, meninos correndo, cadeiras nas calçadas, uma cabra pastando, um carro com os varais caídos, dois bois amarrados aos paus de uma cerca. E por cima de tudo isso o luar a escorrer suavemente, sem um só lampião aceso a lhe empanar a beleza (MONTELLO, 2005, p. 270).

Josué Montello faz referência a essa área da cidade tendo um aspecto menos urbano, talvez por isso Damião logo se identifica com esse espaço. Sobre a percepção de outros lugares que poderiam passar despercebidos, Tuan (2013, p. 200) faz a seguinte observação: “A arte literária chama a atenção para áreas de experiência que de outro modo passariam despercebidas”, e é aí que a prosa do bom escritor que nos leva a sentir com Damião quando, ao ir conhecer sua casa, e logo percebe que é um bairro diferente do que ele estava acostumado a conviver pelo centro da cidade, já brota nele um sentido de lugar, que será intensificado nos anos seguintes. Para Relph (2012, p. 24), isso trata-se “da capacidade de apreciar lugares e apreender suas qualidades”, e Damião sente que aquele não é um espaço qualquer, mas tem algo a mais:

Era a primeira vez que Damião ia para aqueles lados. Conhecia mais a outra parte da cidade, nas idas e vindas entre o Seminário e o Palácio do Bispo. E a verdade é que esse outro lado mais rústico, com sabor de arrabalde, afinava melhor com a sua natureza. De narinas dilatadas, recolhia o cheiro forte de um estábulo vizinho, e foi no quilombo de seu pai que repentinamente se reviu - o luar sobre os casebres de

---

<sup>28</sup> As irmãs Galvão são amigas do padre Tracajá. Elas convidam Damião para morar lá após a morte do padre.

palha, a capelinha voltada para o lago pontilhado de garças, o Barão a contar as proezas do negro Cosme Bento das Chagas, Imperador e Tutor das Liberdades Bem-te-vis, e a figura esguia de seu pai, elegante como um pé de eucalipto, a despontar ao fim da rua, sempre de cabeça levantada (MONTELLO, 2005, p. 270).

Para compreender esse sentimento de nostalgia que se apoderou de Damião, podemos nos ater mais uma vez às palavras de Tuan (2012, p. 144), que dizem: “a consciência do passado é um elemento importante no amor pelo lugar”. Aquela parte da cidade era composta por gente simples e pobre, provavelmente por negros livres. Naquela área da cidade ele se sentiu mais à vontade, porque entrou em contato com aquele lado mais humilde da vida urbana de São Luís, que o remeteu aos tempos de quilombo, ao lado da sua família, enquanto que no primeiro momento de sua chegada em São Luís, ele permaneceu no Centro, um espaço onde os casarões das elites se sobressaíam e a vida urbana era intensa.

Há anos que Damião procurava um lar, um lugar para viver sossegado, sem apreensão de não saber onde dormir, tomar banho, em suma, um lugar onde ele pudesse morar. Essa casa, no qual Montello pouco se estende sobre suas feições físicas, traz pequenas observações do interior dela, como essa, “Um candeeiro de opalina azul, suspenso de uma cantoneira, dava luz ao corredor comprido, que uma porta de madeira dividia ao meio, e clareava uma gravura colorida do Coração de Jesus, suspensa da parede por um caixilho envidraçado” (MONTELLO, 2005, p. 271).

Relph (2012, p. 24), por exemplo, nos fala sobre o lar, “onde as raízes são mais profundas e fortes, onde se conhece e é conhecido pelos outros, o onde se pertence”, e Tuan (2013, p. 11), remete o cerne da questão que afeta Damião: “O lugar é segurança [...] O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria.” Damião buscava por essa segurança, pela tranquilidade e pelo cotidiano das pequenas coisas:

Tudo, ali, lhe era familiar [...] tudo ali fluía serenamente, com o corruipião na gaiola, o gato sobre a almofada da varanda, os patos e as galinhas no quintal, o relógio de parede dando as horas com exatidão. Soprava do quintal para dentro da casa uma viração contínua, sacudindo de leve as folhas de um tinhorão no peitoril da varanda. Na vizinhança, tocava o piano de uma professora, um exercício depois de outro. Perto, reboando, batia o sino de São Pantaleão. E uma paz sonolenta de mormaço pesava sobre as coisas, enquanto a claridade do sol refulgia nas pedras da rua, no vidro das janelas, nas fachadas de azulejos, bafejada pela brisa do entardecer (MONTELLO, 2005, p. 288-289).

Essa segurança de ter um canto só seu era uma necessidade para Damião, pois, desde o quilombo, ele não tinha uma casa dele, um lugar para estabelecer suas raízes e criar vínculos. O “espaço vívido”, que Relph (1976) também relaciona com o lugar, faz-se presente quando se trata da relação macro. Damião tem, nessa escala afetiva, a cidade, a rua. São

nessas ruas, largos e praças que a relação de Damião com São Luís é percebida, presenciada e efetivada, seja por meios materiais ou imateriais. A respeito da ida de Damião para vivenciar a cidade mais de perto, Saramago (2012, p. 198), “o sentido de proximidade – ou o desejo de suprimir -, é para Heidegger, o traço mais fundamental da espacialidade. Ele traz consigo o direcionamento, o orientar-se para algum local”.

E Damião sempre estará habitando tais lugares, em proximidade com os outros negros. As ruas são lugares de convivência e conhecimento. São nelas que são criados os vínculos que Damião levará por toda sua vida, nessas ruas que ele encontrará seus companheiros de luta pela abolição da escravatura, e nessas mesmas ruas lutará por ela. Mas, também encontrará amigos, família e o amor. Nas calçadas, com outros negros, saberá a triste situação da realidade do outro. A cidade, em si, é portadora de identidade para ele.

São Luís é uma cidade de cores, cheiros e sabores. Uma cidade que pode ser identificada fortemente com um período que hoje é uma das suas características mais definidoras: as festas juninas que acontecem no mês de junho. E, quando a noite caía sobre a cidade, as festas começavam, e assim permaneciam durante longos dias. Negros, brancos, escravos, forros, homens, mulheres, todos participam daquele período efusivo. Correia (2019, p. 15), nos fala que, “No correr do século XIX, a passagem do tempo, em São Luís do Maranhão foi marcada por festas. Festas de toda ordem, para gosto e regalo de todos”.

Apesar disso, não era fácil, e às vezes nem mesmo permitido brincar de bumba-boi<sup>29</sup>. Ferretti (2007) nos informa a existência de 59 pedidos de licença para o Boi brincar entre anos de 1876 e 1913, o que significa que a festa só era permitida se a autoridade policial autorizasse. Talvez o motivo fosse porque as festas permitiam o ajuntamento de negros, o que era considerado perigoso. Para termos noção do preconceito da elite da cidade contra brincadeira popular, Martins (2015) esclarece que:

Em São Luís, a reclamação publicada no jornal O Paíz era que a “infernall berraria” incomodava os moradores do centro da cidade, que pediam ao Sr. Chefe de polícia que cassasse a licença “se é que ela existe”, prestando assim “à pacífica população da cidade um bom serviço”. A reclamação dos ensaios que ocorriam na casa da Sra. Prudência, localizada na rua do Alecrim, onde praticava-se “todas as noites a imprudência de realizarem um bumba meu boi com uma vozeria terrível” (MARTINS, 2015, p. 30).

Como de costume, na narrativa montelliana, certamente as brincadeiras das festividades juninas estariam ligadas à cidade como praticamente todas as outras coisas

---

<sup>29</sup> Bumba-boi é uma brincadeira tradicional do período junino no Maranhão. Há relatos dessa brincadeira desde o século XVIII.



importantes relacionadas a São Luís estão. Assim, Josué Montello anuncia a chegada das festas de São João:

Agora, quando as noites se fechavam, estilhaçando-se em estrelas por cima da cidade adormecida, ouvia-se o som compassado dos zabumbas, das matracas e dos maracás, madrugada adentro [...] Vinha de vários pontos da ilha, sobretudo da Maioba, do Turu, de Vinhais, do Anil e do Matadouro, e não se limitava à percussão dos instrumentos, porque trazia consigo a toada dos cantadores, nos ensaios do bumba- meu-boi (MONTELLO, 2005, p. 351).

É uma clara manifestação da geograficidade latente que envolve o escritor e a sua terra, mas que dessa vez, ao invés de ter Damião como o canalizador dessa geograficidade, são as brincadeiras e os brincantes que estão ligados à terra e exprimem essa relação através das festas. Norberg-Schulz (2006, p. 458) nos diz que: “Nosso mundo-da-vida cotidiana consiste nesses objetos intermediários, e compreendemos que a função da arte é reunir as contradições e complexidades do mundo-da-vida. [...] a obra de arte ajuda o homem a habitar”.

Se para ser-no-mundo é necessário ter as experiências no lugar e, assim, depois expandi-las, um ponto importante para entender quão importante é a festa junina para a cidade é o ritual. Todos os anos esta festa se repete, como uma espécie de afirmação de que naquele espaço o bumba-boi vai brincar, portanto, cria-se uma apropriação existencial com aquele espaço. Daí, podemos entender que os brincantes, em sua maioria negros escravos e forros, gente de origem humilde, tendem a ter aquele espaço de brincadeiras, como um “lugar [que] é um centro de significados construído pela experiência” (TUAN, 1975, p. 152).

Tem muito boi na rua, a noite tá bonita... Na Praça da Alegria, no Largo de Santiago, no Largo de Santo Antônio, no Largo do Quartel, estrondavam as matracas, as zabumbas e os maracás, em redor do boi cintilante, que rodopiava e saltava, com seus enfeites de fitas coloridas, as suas capas de veludo, e a cabeça do dançador por baixo do focinho de veludo negro. De repente o compasso das matracas se acelerava, e uma toada nova irrompia, cantando a morte ou a ressurreição do boi, enquanto dançavam os vaqueiros, o amo, o Pai Francisco, a Mãe Catarina, o doutôr, os índios e os tocadores, por entre o faiscar dos besouros e dos busca-pés. Iriam assim noite adentro, repetindo o auto primitivo, de que ninguém conhecia a origem exata, até caírem exaustos de cachaça e de sono, nas margens das estradas, nas calçadas das ruas, no banco das praças (MONTELLO, 2005, p. 359).

A festa junina, uma cultura popular, aqui compreende também como forma de habitar a cidade, mesmo que esse habitar seja de forma efêmera, mas ainda há ligação da festa, dos homens, com a terra. Tais manifestações espaciais são refletidas nas toadas que os grupos de bumba-boi entoam, tendo, em sua maioria, homenagens à cidade de São Luís ou à cidade de origem do grupo de bumba-boi.

De novo lhe vinham ímpetos de sair, e começar a apalpar os negros, no Cais da Sagração, na Praça do Comércio, no Desterro, no Portinho, no Largo do Carmo, na Casa-Grande das Minas, nas escadarias onde se reuniam os catraieiros e carregadores, e comandar todos eles, na luta contra a opressão e a crueldade dos brancos. Os negros eram muitos, e a cidade crescera com eles. Não havia ali um sobrado, uma rua, um muro, uma praça, uma igreja, uma fonte pública, um convento, sem o suor do negro misturado ao seu barro ou às suas pedras. E eram também os negros que mourejavam na Praia Grande, no Mercado, nas ruas, na Rampa de Palácio, no interior das casas, porque nada se fazia sem eles. Mesmo o lampião que se acendia nas esquinas ao apontar da noite (MONTELLO, 2005, p. 299-300).

Montello faz com que o leitor, a cada página, sinta a cidade como se fosse sua, trazendo, em cada página, o vento, as pedras no chão, o cheiro das ruas, o calor, a chuva caindo. Uma geografia que, para Dardel (2015, p. 3), é “presença, presença insistente, quase inoportuna, sob o jogo alternado das sombras e da luz, a linguagem do geógrafo sem esforço transforma-se na do poeta”. O geógrafo aqui é Josué Montello que, a partir da sua linguagem, traz essa geografia vivida, experienciada. A esse respeito, Claval (2010, p.11) nos diz que:

Desde a origem dos tempos, todo homem é geógrafo. Ele o segue sendo ainda hoje. A geografia não faz nascer curiosidades, nem ensina atitudes, habilidades ou conhecimentos que teriam ficado desconhecidos até sua aparição [...] Ela é resultante das experiências renovadas e de procedimentos imaginados há muito pelos homens para responder aos imperativos de sua vida cotidiana, dar um sentido às suas existências e compreender o que acontece para além dos horizontes que eles frequentam costumeiramente.

Isso se torna possível de enxergar, quando ele, no seu romance, mapeia a cidade, citando as ruas, as praças e os largos, por exemplo, denotam a intimidade que ele tem com aqueles lugares e, assim, faz com o que leitor também crie essa intimidade com tal espaço.

Naquele ano, no princípio de abril, aconteceu o que ninguém esperava: as chuvas copiosas, que vinham do começo de dezembro, cessaram de um dia para o outro, e o verão entrou firme, de céu claro, com uma alegria de primavera nas árvores e nos transeuntes, nos azulejos dos sobrados e nas janelas dos mirantes. Riam por toda parte os beirais dos telhados. E nunca se tinham visto e ouvido tantos bem-te-vis no centro da cidade, entre o Largo do Carmo e o Largo do Palácio. Se uma janela batia, era o vento que dançava com ela, um vento buliçoso e peralta que varria São Luís em todas as direções (MONTELLO, 2005, p. 595).

Essa intimidade com os lugares que Montello nos traz a partir de Damião é interessante de se compreender. Apesar de ter escrito o livro longe de São Luís – no Rio de Janeiro, e às vezes em aviões em viagens –, essa capacidade de mapear, sempre que possível, no romance, as ruas, é fruto de ter sempre um mapa de São Luís junto dele, e uma saudade

imensa do seu lugar de infância. Aqui, um registo que foi encontrado em seu Diário, ele estando em Paris, capital da França, carrega consigo um mapa da cidade (Figura 15).

O mapa de São Luís, por baixo do vidro, que me cobre a mesa, me restitui a cidade de minha infância e juventude. Basta-me olhar o nome das ruas para voltar à minha farda do Liceu Maranhense, às primeiras namoradas, aos primeiros poemas. Devolvo-me a mim próprio. À sala de aula. Aos primeiros alunos. E é como se voltasse a sentir, na mão contente, a mão fria e feliz da primeira namorada (MONTELLO, 1998, p. 461).

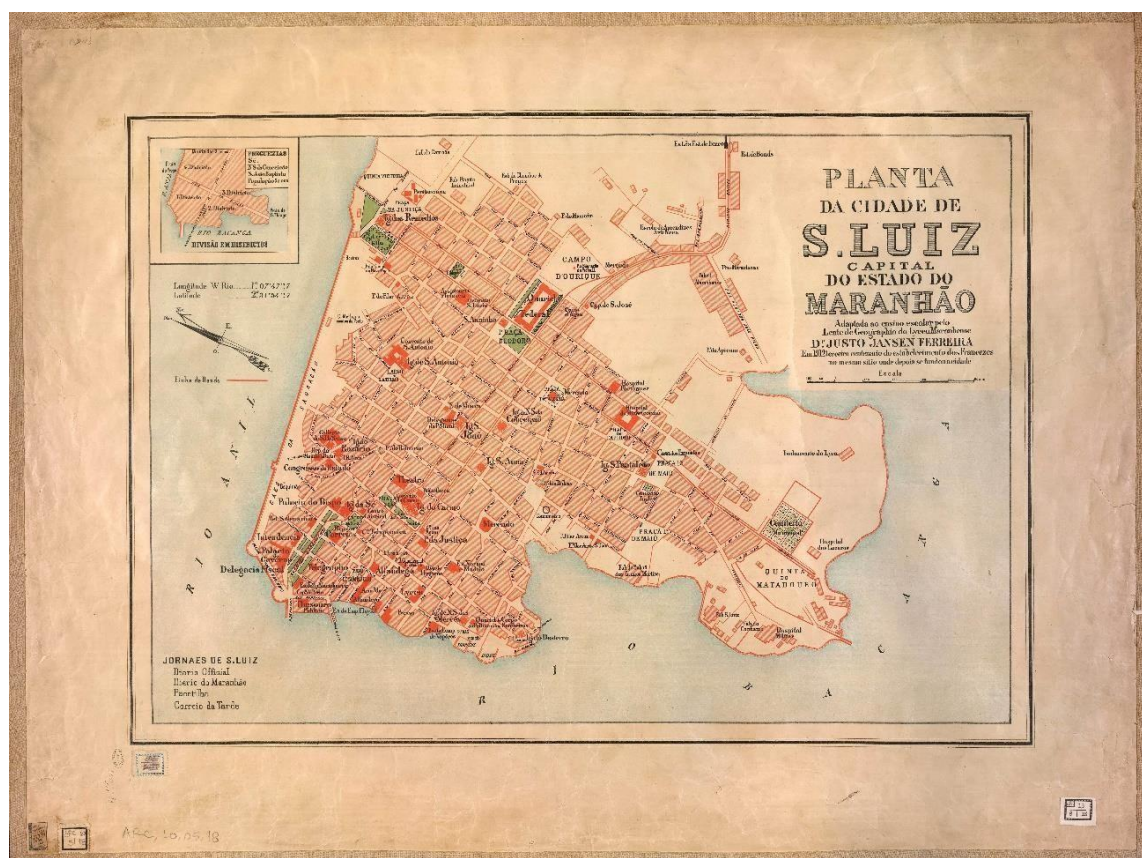


Figura 15: Planta da cidade de São Luís em 1912.

Fonte: Biblioteca Nacional.

Josué Montello escreve em seu Diário: “O melhor de minhas saudades mora neste lugar” (MONTELLO, 1998, p. 813). Em outro registo, lemos o seguinte: “Novamente em São Luís. O regresso à minha terra me tonifica. Sinto-me restituído a mim mesmo. Como se voltasse a ser o que fui, e mais o cabedal de experiências que a vida me proporcionou” (MONTELLO, 1998, p. 968). Esses registros nos remetem a Dardel e a importância do habitar para se ter uma melhor compreensão do lugar, de ser-no-mundo, que aqui podemos também entender como a noção de *Heimat* de Heidegger:

Antes de toda escolha, existe esse “lugar” que não pudemos escolher, onde ocorre a “fundação” de nossa existência terrestre e de nossa condição humana. Podemos mudar de lugar, nos desalojarmos, mas ainda é a procura de lugar; nos é necessária uma base para assentar o Ser e realizar nossas possibilidades, um aqui de onde se descobre o mundo, um lá para onde nós iremos (DARDEL, 2015, p. 41).

Ainda sobre a necessidade de se pensar sobre a relação entre lugar e as escalas, como estávamos discutindo acima, sobre a relação macro/micro, concordamos com Feitosa (2013, p. 42): “caracterizado a partir da experiência, o lugar deveria ser pensado em suas diferentes escalas, a começar pelo próprio lar, pela vizinhança, pela cidade, pela região e pelo estado-nação”. Durante o desenvolvimento da trama, Damião chega à sua fase de maturidade e compreende que sua luta pela abolição da escravidão deve ser feita nas ruas, daí que é natural que o romance tenda a ter o seu foco narrativo em um espaço que não é bem delimitado. É nesse ponto central que Damião toma contato com os outros negros em espaços até antes renegado por ele.

O portinho é um desses espaços públicos que, aos poucos, vai se tornando um espaço com significados. É um espaço público, que não é só frequentado por ele, mas por outros negros. Nesse ponto, entra uma questão muito importante para compreensão de lugar: o habitar. Tuan (2013, p. 167) pode esclarecer essa questão, ao falar que “[...] o espaço transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado”.

O mais de seu tempo passava-o agora na companhia dos negros do Portinho, da Praia Grande, do Desterro, da Rampa de Palácio, da Praça do Comércio e do Cais da Sagração. Ali ficava até tarde, mesmo depois que a noite caía, entretido com as muitas coisas que lhe contavam os companheiros. com frequência, emocionava-se. Noutras ocasiões quase não conseguia reprimir a revolta. E foi assim que, aos poucos, no passar das noites vadias, reuniu em seu redor um grupo novo de amigos, negros como ele, todos de pés no chão. Nas horas ociosas, quando o sol a pino obrigava à dormência das sextas, e ao fim do dia, quando os corpos extenuados reclamavam descanso, iam eles ao seu encontro, nos pequenos bares junto ao porto, para molhar a garganta com tragos repetidos de tiquira da Maioba. Mais tarde, sentavam-se com Damião à porta das quitandas de peixe frito, para ver espirrar ao fogo o azeite das frigideiras em volta das tainhas gordas, enquanto a luz das lanternas vermelhas derramava tons sangüíneos nas lajes das calçadas (MONTELLO, 2005, p. 473).

Ele de fato habita esses espaços, compartilhando, por exemplo, o Portinho e o Cais da Sagração com outros negros, fazendo com que aqueles espaços tenham significados. Laços de cumplicidade são criados ali, alegrias, tristezas e revoltas ali são compartilhadas. É verdadeiramente um lugar agora, pois ali, segundo as palavras de Besse, a respeito da teoria de Bourdieu sobre habitus (2014, p. 138), “o habitus não está numa relação de exterioridade com o mundo, com as coisas que o rodeiam, ele está profundamente envolvido, comprometido”.

Poderíamos, então, dizer que Damião está de fato ligado ao seu chão. Cavalcante (2016, p. 52) nos fala das relações humanas que se dão no cotidiano, recheadas de experiências, que [...] aproxima a geografia do mundo-da-vida (Lebenswelt) husserliano e mesmo do Ser-aí (Dasein) heideggeriano, pois expressa a relação essencial entre o homem e a Terra.

Nesse mesmo sentido, poderíamos incluir, também, a noção de amor ao lar (Oikophilia) do filósofo inglês Roger Scruton. Scruton (2016, p. 204) vai também beber da fonte fenomenológica husserliana ao dizer que “[...] amor ao oikos, que não significa somete a morada, mas incorpora pessoas [...] um conjunto humano que dota aquele lar de contornos duradouros e um sorriso permanente”. O portinho é esse novo lar para Damião, pois ali é onde ele agora passa mais tempo, às vezes nem ido em casa para dormir, passando dias e dias ali, com os seus que enchem de significados aquele lugar.

O cotidiano dos pequenos detalhes nos mostra a importância que o portinho tem para Damião, as pequenas situações da vida que geram o apreço por aquele lugar, que deixa de ser um espaço geométrico e passar a ser um espaço afetivo, como nos lembra Bachelard (1993, p. 454) “[...] o espaço habitado transcende o espaço geométrico” e complementando a discussão, Relph (2014, p. 29) nos diz que “lugar é onde conflui a experiência cotidiana, e também como essa experiência se abre para o mundo”.

E apanhando do cabide o velho chapéu amassado, com as abas ainda úmidas da água da chuva, saía à rua, em busca de um lenitivo. Dava por si na Praia Grande ou no Portinho, na mesma roda de negros de ganho. E ali ia ficando, esquecido das horas, esquecido de si mesmo, esquecido das crueldades do mundo, enquanto o cego Honorato, sacudindo a cuia onde recolhia as esmolas, se esgoelava de pé na esquina do beco, contando o romance da Noiva Roubada, que sempre fazia o Deus-me-Livre chorar (MONTELLO, 2005, p. 482).

Dia após dia, Damião retoma para o portinho – não somente para lá, mas aquele lugar tem um significado especial, como pudemos perceber – e, assim, cumpre o que Tuan (2013) escreve sobre o a relação do cotidiano com o lugar, como a criação do habitar é fundamental para o surgimento da identidade com o lugar e com tudo aquilo que o povoa:

Sentir um lugar leva tempo: isso se faz de experiência em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetido dia após dia e ao longo dos anos. É uma mistura de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, como a hora do Sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar. Sentir um lugar é registrado pelos nossos músculos e ossos. [...] Com o tempo uma casa deixa de chamar a nossa atenção; torna-se confortável e discreta como um velho par de chinelos (TUAN, 2013, p. 224).

O portinho acaba tornando-se um lugar para Damião, por apresentar essas características que Tuan (2013) apresentou acima. Podemos enxergar que lá ele compartilha seus dramas com os outros negros. Nesse mesmo lugar, outros negros irão lá descansar, deixando seu suor no chão da calçada. Outros, por sua vez, apenas vão para lá para conversar e tomar uma cachaça.

Proseguimos com Scruton (2016, p. 258), quando ele nos diz que “A terra não compreende somente um amontoado de objetos; ela tem a sua própria subjetividade, e atinge essa subjetividade em mim”. Essa subjetividade fica clara no romance, e Montello nos dá algumas pistas dessa relação o tempo todo, ao envolver Damião com as ruas ou casas de São Luís. Às vezes, ele descreve os interiores dessas casas detalhadamente, com seus objetos e pessoas, um retrato do cotidiano doméstico, mas é quando Damião volta para as ruas que nos sentimos junto dele ao habitar a cidade. E esses sentimentos, que são causados diretamente ao vivê-los em determinados espaços, podem se transformar em lugar ou não, tudo a depender de como as experiências serão ali vividas.

É visível o amadurecimento e, conseqüentemente, a maior ligação de Damião com a terra que ele pisa. Antes, era o jovem que não conhecia a cidade e que ansiava por conhecê-la. Agora é um homem maduro, que já tem seus lugares afetivos e compreende que a cidade é feita de sentimentos e experiências. O mundo que se resume ao pedaço de chão só é possível porque, como afirma Norberg-Schulz (2006, p. 448): “os lugares são literalmente „interiores“, o que significa que „reúnem“ o que é conhecido. Para cumprir essa função, os lugares contêm aberturas através das quais se ligam com o exterior”.

E tornando a debruçar-se na amurada, ficou a ver a Benigna galgando o resto da ladeira. Para ele, naquele instante, o mundo inteiro se reduzia ao pedaço de chão que a crioula pisava, como se nada mais existisse em seu redor - o sobrado de azulejos cor-de-rosa no lado fronteiro, o sobradão da esquina mais adiante, a carruagem que ia descendo para a Rua da Estrela, e uma revoada de pombos por cima da rua [...] Ela fazia parte de São Luís, como o largo do Carmo, a fonte do Ribeirão e o Pelourinho (MONTELLO, 2005, p. 480-481).

A redescoberta do amor passa pela cidade, a cidade que antes era estranha, desconhecida, um mistério, agora é parte do interior de Damião, e Josué Montello é envolvente em sua prosa ao unir Benigna – sua segunda esposa –, e São Luís, os dois amores de Damião.

Scruton (2016, p. 204), atenta para um ponto importante no sentido de uma melhor compreensão do lugar: “[...] o lar não representa somente aquele lugar „de onde se começa“, mas compreende o lugar da memória sagrada, para qual os nossos anseios

retornam”. Por isso que Josué Montello, uma vez, ao ser perguntado por um jornalista num programa de televisão, por que ele escreve tanto sobre São Luís, mas não mora lá, responde o seguinte: “É a saudade de São Luís que me faz escrever” (MONTELLO, 1998, p. 409). Daí, entendemos porque em os Tambores de São Luís, Damião faça, através de suas experiências espaciais, de São Luís o seu lugar de excelência.

Assim, pudemos, desde o princípio de Os Tambores de São Luís, enxergar o desenvolvimento do sentimento de lugar que brota em Damião a partir da criação lá no quilombo no interior do Maranhão e chegando até a sua velhice na cidade de São Luís. O lar é o melhor exemplo que podemos tomar para entender o lugar. É o lugar de excelência. E, assim, em cada espaço distinto que Damião viveu e habitou nos faz tomar a afirmação de Bachelard (1993, p. 22) que diz que todo habitar “traz a essência da noção de casa”. E Damião fez de São Luís a sua morada, o seu lugar.

## **EPÍLOGO – A ÚLTIMA CAMINHADA DE DAMIÃO**

Apesar de que a caminhada de Damião inicie o romance de Josué Montello, optamos por deixar este capítulo por último, por entendermos que a última caminhada que ele faz por São Luís, é a expressão definitiva da sua geograficidade. Uma espécie de uma última dança pelo balé dos lugares, uma despedida daquela cidade que faz parte dele. Aqui acompanhamos as lembranças de suas experiências com o espaço, reafirmando o caráter de lugar. Parte fundamental do romance, a caminhada de Damião pelas ruas de São Luís é que vai configurar o eixo central da narrativa montelliana. É a partir dessa caminhada que Josué Montello conduz o leitor pelos meandros do romance, pelas ruas de São Luís e por dois tempos narrativos: passado e presente.



*Como o vento soprava no sentido do Largo da Cadeia, tornou a ouvir, longe, ao mesmo ritmo frenético, os tambores da Casa- Grande das Minas. Sacudiu de novo os ombros, para atirar de si a preocupação aborrecida, e retornou a caminhada, no seu passo lento e firme (MONTELLO, 2005, p. 261).*

Damião, ao dar os primeiros passos pelas ruas de São Luís, arrasta o leitor de Montello a conhecer a cidade numa noite de 1915. Numa época em que as ruas eram iluminadas por velhos bicos de gás, na qual o esplendor dos casarões remonta a um passado de riquezas e glórias. Ao caminhar, Damião faz um retorno ao passado, para compreender suas origens e os motivos de sua condição social. Esse retorno no tempo se dá até a Fazenda Bela Vista, em Turiaçu, interior do Maranhão. Em tal fazenda, Damião e sua família foram escravos, e a sua liberdade só foi conquistada com muita luta e perspicácia, como no momento em que ele e outros escravos fogem e montam um quilombo nas matas ali da região.

Para fechar o ciclo que começou numa caminhada iniciada em sua casa em direção à casa de sua bisneta, este momento dá conta da chegada de Damião em São Luís, dando cabo inicial à sua saga. São Luís se apresenta com suas belezas naturais e arquitetônicas, bem como revela seu cotidiano de cidade e do seu povo. Por outro lado, escancara suas misérias, contradições sociais, das quais a face escravagista da sociedade ganha margem na narrativa literária. Em tal contexto espacial, a elite se beneficia dos melhores lugares da cidade para perpetuar a condição vigente, e aqueles que ousavam alterar tal quadro social eram reprimidos e humilhados.

Todavia, essa aventura por São Luís não significou apenas um pretexto utilizado por Josué Montello para encadear o romance nos ciclos de vida do filho de Julião, mas, sobretudo, para mostrar ao leitor a relação que tal caminhada gera em Damião, caminhada essa que significa não apenas andar pelas ruas e calçadas, mas viver a cidade e tudo que ela representa. É sobre representação que vamos nos ater a partir de então.

Ao saber que, naquela noite enluarada de 1915, o seu trineto viria a nascer, Damião, com oitenta anos de idade, resolve ir andando de sua casa, no Largo do Santiago, até a casa de sua bisneta, localizada no bairro ludovicense da Gamboa (Figura 16). A ida tinha como finalidade principal conhecer o referido trineto. Acompanhado por uma fatia de lua nova que iluminava seu caminho, e levado pelos tantantã dos tambores da Casa das Minas, Damião começa o seu caminhar como uma arte (CARERI, 2013); arte essa que tem São Luís como plataforma existencial, afinal, depois de tanto tempo de vida, ele podia afirmar que: “tinha sido escravo, era um homem livre. Socialmente, viera de muito baixo, e ali se achava,

com sua casa, o seu nome, a sua família. Lutara pela libertação de sua raça e vira a raiar o dia da almejada redenção” (MONTELLO, 2005, p. 662).

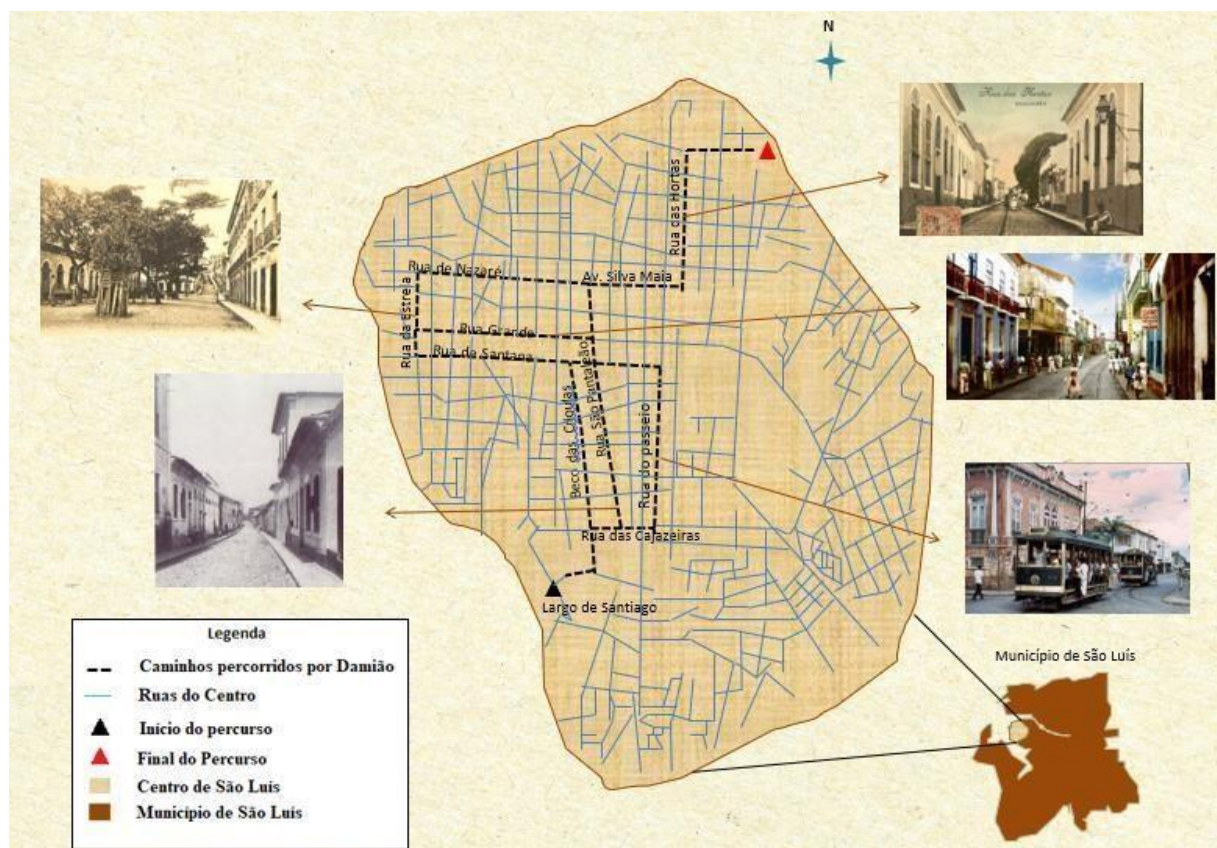


Figura 16: Croqui do percurso que Damiano faz aos oitenta anos

Organização: TAVARES JÚNIOR, M. S.

Sobre as ruas de São Luís no início do século XIX, Vieira Filho (1971) nos dá algumas informações, como, por exemplo, os perigos presentes:

Nos começos do século XIX as ruas aqui padeciam das mesmas vicissitudes, perigos e desconfortos que as de outras partes da colônia. Mas alumiadas de noite ou sem nenhuma iluminação, os notívagos ou retardatários de alguma pândega tinham de conduzir lanternas ou archotes se não quisessem correr o risco de serem atacados por algum meliante ou capoeira e ficarem estendidos na lama das sarjetas, desacordados ou para sempre encomendados com uma facada nas costas. (FILHO, 1971, p. 10).

Importante referência na caminhada de Damiano é que ela se dá à noite, com as ruas sendo iluminadas apenas pela luz da lua e raramente pelas luzes dos lampiões. Expressando reflexões sobre a rua e a noite, deseja-se forjar aqui uma relação da caminhada de Damiano com a noção de geograficidade, cunhada por Eric Dardel, quando denota que “a

rua entregue à noite, à obscuridade e ao silêncio, é o ponto de ancoragem do homem no universo, seu espaço concreto e familiar” (DARDEL, 2015, p. 28).

Essa longa caminhada é uma experiência intrinsecamente geográfica, no sentido de que cada passo dado por Damião, cada rua percorrida, cada esquina deixada para trás, cada largo avistado faz aflorar a geograficidade dele com relação a São Luís. A cidade se revela e é reaprendida no tempo de tais passos, e essa geograficidade, mais ou menos consciente, é resultado direto do fenômeno da experiência e relação afetiva que Damião construiu com a vida ali.

Metaforicamente, a caminhada pode ser entendida como a própria vida de Damião. Ele chega a São Luís com 18 anos, e por meio da exploração que se permite fazer de tal espaço, o mesmo vai ganhando em significado. E nessa que chamamos de a “última caminhada de Damião”, pretende-se denotar, pelas linhas de Montello, o seu caráter especial, por ser justamente um andar que vai reviver por espaços e tempos ancorados na memória, que reafirma como São Luís deu forma à sua longa, feliz e sofrida, jornada de vida.

Há dois aspectos fundamentais nesse ato que Damião empreende pelas ruas de São Luís: o primeiro é o caminhar em si, que gera experiência, fruto de colocar os pés no chão e ir pelos caminhos que se apresentam mentalmente, resultando numa interação de Damião com aquelas ruas. O outro é o olhar, mas não é um simples olhar, aquele que se dá à primeira vista, mas miradas espaciais que perpassam os domínios do visível e do concreto da cidade, transcendendo, assim, a visão da paisagem dada em si, levando-o, portanto, ao espectro de sua imaginação geográfica.

Portanto, como partes da mesma coisa, é o caminhar e olhar que vão guiar toda a caminhada de Damião até o encontro com seu trineto.

“Até ali os tambores da Casa-Grande das Minas tinham seguido seus passos [...] Por vezes, no seu passo firme pela calçada deserta, deixava de ouvir os tantantã dos tambores, calados de repente no silêncio da noite” (MONTELLO, 2005, p.15). Assim Damião caminha – levado pelos tambores –, tendo para si sons nostálgicos e sentimentais tirados do couro e da madeira pelas mãos de alguém que estava não muito longe dali. Tambores guias, como se fossem uma bússola que sempre apontava para frente, com sons que direcionavam para o norte que era o íntimo de Damião.

Nessa caminhada vamos conhecer o cotidiano de São Luís, ora movimentado, com vida nas praças, ruas, igrejas, largos e o povo, ora um tanto sombreado pela noite:

Embora só houvesse no céu uma fatia de lua nova, por cima da igreja de São Pantaleão, uma tênue claridade violácea descia sobre a cidade adormecida, com a multidão de estrelas que faiscavam na noite de estio. Em cada esquina, a sentinela de um lampião, com seu bico de gás chiante. Todas as casas fechadas. Perto, para os lados da Rua da Inveja, o apressado rolar de um carro, com o ruído do cavalo a galope nas pedras do calçamento. E sempre o baticum dos tambores, ora fugindo, ora voltando, sem perder a cadência frenética, muito mais ligeira que o retinir das ferraduras (MONTELLO, 2005, p. 16).

O espaço ganha em expressão quando o homem deixa o repouso. O movimento, nesse sentido, significa continuidade da vida, exercício pelo qual o homem imagina, redimensionando as direções a seguir de acordo com as suas inquietações, sonhos e possibilidades (CLAVAL, 2010). Damião deixa o repouso para ir em busca de um sonho: conhecer seu trineto e ter a vida renovada. Mas ele não tem pressa, compreendendo que esse caminhar pelas ruas da cidade à noite é um momento em que ele deve apreender todo o prazer que aqueles pés no chão podem proporcionar a uma cabeça distante.

Nas palavras de Labbucci (2013, p. 37): “não se caminha para chegar logo – „pede que seja longo o caminho“, „não apresses absolutamente a viagem“ –, caminha-se para ter os sentidos despertos, a fim de encontrar o mundo e completar uma experiência de vida.” Nesse sentido, podemos compreender que Damião, perto do fim da vida, faz a última caminhada pela cidade que tanto o marcou como numa tentativa de morrer em paz, completando, assim, as suas experiências geográficas de viver São Luís. Vivo, assim, ele vai, por ruas e praças, becos e calçadas.

O ato de caminhar é mais fácil quando se é jovem e tem disposição, mas Damião “aos oitenta anos, dava a impressão de ter sessenta, ou talvez menos, com muita luz nos olhos, o passo seguro, a cabeça levantada” (MONTELLO, 2005, p. 16). Prosseguir era a ordem que Damião inculcava. Desfrutar da cidade era consequência da relação que travava: o pé no chão como ligação inequívoca com a sua terra, com a sua cidade. Sobre estar em trânsito, em movimento, Cavalcante (2016, p. 157-158) explica:

O trânsito é algo comum a qualquer ser humano. Somos seres, inevitavelmente, cinestésicos. Necessitamos de ir e vir, seja por trabalho ou por lazer ou mesmo para pensar um pouco na vida, em longas caminhadas sem destino certo. Por vezes, esse trânsito tem motivos mais profundos, é também transição: a autorrealização, a liberdade, o exílio, a fuga, a esperança, são temas que muitas vezes carregam consigo geografias itinerantes. Ao nos deslocar, somos envolvidos por paisagens diversas e cruzamos os lugares mais variados. Experiência espacial que nos afeta direta e indiretamente.

Caminhar não é um problema que a Geografia tem se ocupado teórica e metodologicamente, ao contrário do ato de caminhar, estudo sobre variadas práticas humanas,

denotando o caráter dos espaços experimentados. Peregrinação, migração, passeios recreativos e esportivos, marchas políticas são algumas das práticas que são problematizadas pelos geógrafos.

Há um conceito cunhado pelo historiador e teórico da paisagem, John Brinckerhoff Jackson (1909-1996), denominado “Hodologia”, que, em termos gerais, seria a ciência dos caminhos, das viagens. A espacialidade hodológica corresponde a essa perspectiva de um espaço em movimento, que não é preexistente ao caminho, mas que, inversamente, é produzido, tanto no plano da realidade efetiva quanto no plano da percepção, com a caminhada. Besse (2014, p. 191), sobre o conceito de “Hodologia”, esclarece que:

A hodologia é a teoria dessas caminhadas, por assim dizer. De forma geral, as noções de distância, proximidade e afastamento adquirem, no espaço de vida, uma significação que não é “objetiva” ou “métrica”: são noções que correspondem a graus de investimento psíquico, por exemplo, a interpretações, emoções, expectativas ou desejos. A conduta do indivíduo dá-se, por conseguinte, segundo um conjunto de “desvios” e de caminhos privilegiados, relativos a esses investimentos psíquicos no mundo, e que são, na verdade, a forma como esse indivíduo desfralda a sua experiência concreta no mundo.

Nessa perspectiva do espaço-corpo em movimento, o personagem principal de *Os Tambores de São Luís* segue o seu rumo, o seu caminho, e “no canto da Rua do Passeio com a rua do Mocambo, antes de passar para a calçada fronteira, Damião parou um momento, batido em cheio pela claridade do gás” (MONTELLO, 2005, p.16). A experiência do caminhar, nesse sentido, é entendida como uma “maneira de fazer” a vida movimentar (DE CERTEAU, 2002), como que numa “arte da viração” natural dos ventos pela cidade.

Na companhia dos seus passos, Damião rever seus amigos e pessoas que fizeram parte de sua vida. Ao passar pelo cemitério do Gavião, lembra aqueles que já se foram. Isso acontece pelo motivo de que, ao andar, o caminho revela a ele aquilo que, por algum motivo, poderia estar esquecido na memória. Mais uma vez, a cidade não é somente um conjunto de formas físicas organizadas num espaço, mas um organismo vivo, com memórias, histórias, espacialidades afetivas, acessadas ou recusadas. E, seguindo:

Damião mudou de calçada, ainda ouvindo o baticum dos tambores. Para trás, em linha reta, ficava o Cemitério do Gavião, com o Padre Policarpo, a Genoveva Pia, a Aparecida, o Dr. Celso de Magalhães, a Dona Bembém, a Dona Páscoa, a Dona Caiu, o amigo Barão, cada qual no seu jazigo ou na sua cova rasa, na santa paz do Senhor. À frente, era o Largo do Quartel; em seguida, torcendo para a direita, a Rua das Hortas, o Largo da Cadeia, a Praia do Jenipapeiro e pôr fim a Gamboa, com a casa de sua bisneta, num cômodo verde que escorregava para o mar (MONTELLO, 2005, p. 18).

Damião, ao pôr o corpo em movimento, produz uma percepção sensorial fruto desse contato com a Terra, gerando assim uma interação com a cidade que o rodeia e que é também ele próprio centralizado. Efetivamente, é disso que se trata a espacialidade hodológica, que corresponde a essa perspectiva de um “espaço em movimento, que não é preexistente no caminho, mas que, inversamente, é produzido, tanto no plano da realidade efetiva quanto no plano da percepção, pela caminhada” (BESSE, 2014, p.192). Essa questão da realidade afetiva, no plano da percepção, fica evidente quando ele:

Ao entrar na Rua de São Pantaleão, já distante do Cemitério dos Ingleses, experimentou de repente uma **sensação de frio**, que lhe desceu da cabeça aos pés, como se um sopro gelado o tivesse apanhado por trás, em toda a extensão do corpo. Respirou fundo, e prosseguiu no seu caminho, sem aumentar nem diminuir o passo, ao mesmo tempo que procurava convencer-se de que **a rajada viera da Rua da Cotovia** (MONTELLO, 2005, p. 19, grifos nossos).

A abordagem hodológica da espacialidade permite, assim, aprofundar a nossa compreensão da paisagem ou, mais exatamente, do espaço da paisagem (BESSE, 2014). O corpo, no momento em que se coloca em movimento, torna-se espaço. A partir desse momento, a compreensão não é mais apenas visual, sendo que Damião consegue enxergar e sentir a cidade como que aflorando no seu ser:

A Rua do Passeio, longa, retilínea, parecia não ter fim. Casas de azulejos de um lado e de outro, com grades de ferro rendilhadas, vidros coloridos no leque das janelas, um ou outro portal de pedra. Sem relógio para ver as horas (o seu andava na loja do Maneco Ourives, para limpeza geral da máquina, já fazia uma semana), era de balde que Damião consultava de vez em quando a posição da lua, que ora se escondia por trás dos mirantes mais altos, ora repontava adiante, curva e pontuda como um chavelho de bumba-meu-boi entrando no terreiro (MONTELLO, 2005, p. 20-21).

Damião continua com a caminhada para o seu destino. Não é bem uma caminhada a esmo, sem direção, apenas levado pelo tantantã dos tambores, mas é uma caminhada-fenômeno que o permite vacilar nos pensamentos, deixando-se ir pelas memórias situadas. É um caminho feito e precedido, antes de tudo, de sentimento. As ruas têm história, as casas e esquinas avivam o seu interior, ao passo do subir e descer das ladeiras (Figura 17). Trata-se de uma cidade que traduz vida ao Damião, que nas palavras de Dardel (2015) é sempre solidária a certa tonalidade afetiva.





Figura 17: Rua de São Luís

Fonte: TAVARES JÚNIOR. M. S., dezembro de 2019.

Eric Dardel, em seu fundamental livro “O Homem e a Terra” (2011), nos ajuda a também assimilar a importância de colocar o corpo em movimento no espaço. O autor não usa o termo caminhar ou andar, mas sim, mobilidade e, dessa maneira, nos dá uma ideia de como podemos conhecer o mundo:

Na fronteira entre mundo material, onde se insere a atividade humana, e o mundo imaginário, abrindo seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, nós reencontramos aqui uma geografia interior, primitiva, em que a espacialidade original e **a mobilidade profunda do homem designam as direções, traçam os caminhos para um outro mundo**; a leveza se liberta dos pensadores para se elevar aos cumes (DARDEL,2011, p.5, grifos nosso.)

Dessa maneira, ao caminhar, Damião vai incorporando os caminhos de significados, fazendo desses caminhos não apenas trechos de uma simples marcha, na qual a cidade se mostra cartesianamente, rígida, pedra e concreto; mas como um portal que traça caminhos para outros mundos, imaginários ou reais e, assim, Damião segue na “calçada deserta, com seu lampião sonolento. E outra vez, por cima do mirante do casarão da esquina, a fatia de luz da lua nova, como se estivesse a segui-lo” (MONTELLO, 2005, p. 53).

Há em toda a caminhada de Damião para conhecer seu trineto aquilo que Dardel (2011) qualifica como uma “espécie de cumplicidade no ser”. Josué Montello, na sua narrativa romanesca explicita essa cumplicidade, como se não houvesse como separar Damião da cidade em que ele pisa. É como o próprio Dardel coloca, ao citar o filósofo alemão Max Scheler, lembrando que algumas pessoas vivem em “estado de fusão afetiva vital” com o mundo exterior. Tal fusão afetiva vital pode envolver, sem dúvidas, o ato da caminhada como ligação com o corpo e com o corpo que é a cidade:

Caminhamos com o nosso corpo. Esse simples fato nos remete à vida nua, aos seus elementos e às suas necessidades mais elementares: comer, beber e dormir, frio e calor, cansaço e repouso, dor e prazer; a vida na qual os nossos sentidos estão todos trabalhando com uma potência e uma capacidade maravilhosas, que não experimentamos normalmente. Por isso, quem caminha volta logo sabendo que algo se perdeu, do qual não temos mais consciência: as estações, o clima. Estes são os protagonistas, frequentemente incômodos, das narrativas de viagem a pé; são também uma descoberta imediata e um aborrecimento constante de quem, pela primeira vez, decide entregar-se aos pés, dando-se conta, querendo ou não, da diferença substancial em relação a todos os outros meios de locomoção que, isolam ou protegem (LABBUCCI, 2013, p. 23-24).

Damião, certamente, ao caminhar pelas ruas de São Luís, vive esse estado de nudez frente à sensibilidade alcançada em contato com o mundo, como podemos observar no trecho literário a seguir, em que Montello alterna descrição da paisagem, da rua, avivando o caminhar e o próprio sujeito caminhante:

A massa compacta do quartel do 5º Batalhão de Infantaria ficou para trás, com sua sentinela perfilada no portão central, entre as luzes de dois lampiões. Na avenida Silva Maia, que Damião atravessa no seu passo lento, ainda com o cigarro apagado no canto da boca, corre uma aragem macia, que vem do escampado verde do Campo do Ourique. Em frente, em linha reta, alonga-se a rua dos Remédios, pontilhada de lampiões. Lá ao fim, depois de um aclave suave, abre-se o largo dos Amores, com a estátua de Gonçalves Dias voltada para o mar (MONTELLO, 2005, p. 234).

Há um amálgama entre personagem e cenário, entre Damião e a cidade de São Luís, entre ser e estar no mundo. São elementos aparentemente diferentes, mas complementares. Quando Damião se põe em movimento e suas botinas rangem pelas ruas e



calçadas de São Luís, ele “vai seguindo sem pressa, com a brisa da noite a lhe resvalar pelo rosto pensativo, que o tempo levemente desbotou” (MONTELLO, 2005, p. 236).

A habilidade espacial se transforma em conhecimento espacial quando são intuídos os movimentos e as mudanças de localização (TUAN, 2013). Aos oitenta anos, Damião adquiriu um conhecimento espacial admirável. Resultado disso é que ele conhece cada canto de São Luís, cada rua escura ou iluminada, cada beco ou largo da cidade, e revive os passos como lembrança. Conhecimento espacial não se resume a conhecer a cidade rigidamente, sabendo localizar cada ponto como que num mapa; mas, antes de tudo, conhecer a cidade oculta, aquela que se revela pelo ver e sentir, caminhar e (re)descobrir os ínfimos pontos que a constituem.

Assim, na sua inteireza:

Damião torna a dar de ombros, querendo mais uma vez mudar de pensamento, e nisto reparou que a fatia de lua nova, que o vinha acompanhando desde o outro lado da cidade, o espiava agora por cima de um beiral de telhado. A rua é longa, meio torta, um pouco escura, sem vivalma nas calçadas estreitas. Na casa da esquina, que o tempo não mudou, morava o seu primeiro aluno, e ele se vê a lhe dar as lições na pequena sala da frente, do lado da Rua dos Afogados, defronte de um espelho doirado, que lhe reproduz a figura engravatada, já com uma ponta de orgulho de sua nova condição (MONTELLO, 2005, p. 287).

Para compreender a relação do caminhar e do experienciar de Damião com a cidade de São Luís, tomamos Tuan (2013, p.18), para compreendermos o que é experienciar no sentido espacial, ao dizer que “para experienciar no sentido ativo, é necessário aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto”.

No segundo momento, o autor explica como se dá o processo de experienciar o espaço a partir do movimentar-se. Nisso, diz que há uma nítida referência de ligação do homem com o mundo, com a terra, quando afirma que “o espaço é experienciado quando há lugar para se mover [...] para frente, para trás e para os lados são diferenciados pela experiência, isto é, conhecidos subconscientemente no ato de movimentar-se” (TUAN, 2013, p. 21).

Portanto, é isso que Damião exerce. Ele segue, sempre tendo como companhia a fatia de lua nova a iluminar seu caminho, a memória para relembrar o que viveu naquelas ruas, o soar dos tambores da Casa-Grande das Minas, e mais uma vez a experienciar a cidade, uma vez que essa não é um dado único e acabado, mas é multiplicidade de casos, situações e significados que geram no homem ebulições extras espaço-temporais.

Damião levanta a cabeça, pisando forte na calçada da Rua das Hortas, com a sensação de que vai saindo da sala de aula. Para trás, no fundo do bueiro, lavado pelas águas do rego e iluminado pela claridade do lampião da esquina, ficou o estilhaço de vidro azul que trouxera na sola do borzeguim. A rigor não se interessa mais por ele. E o que vê na frente, no ermo da noite serena, enquanto caminha ao encontro do trineto, são as duas orlas de casas fechadas que avançam em linha reta até o Largo da Cadeia. Por cima dos telhados, a fatia de lua nova. De vez em quando, dando a impressão de que vem ao seu encalço, uma rajada mais fresca sibila às suas costas, alvoroçando a poeira do chão, e ele volta a escutar, mais longe ainda, o baticum dos tambores na Casa-Grande das Minas (MONTELLO, 2005, p.379).

Caminhar não é apenas um modo de estar no mundo, é estar nele de forma interrogativa: caminhar é questionar o estado do mundo, é sopesá-lo como que numa investigação preocupada com a mudança de vida; caminhar é uma experimentação do mundo e dos seus valores (BESSE, 2014).

Damião cumpre esse processo de sopesar o mundo, e investiga, sem querer, sua vida. São Luís não é apenas um artifício do qual Damião faz parte; antes, é parte dele. A caminhada é uma evidência da relação em que a rua não traduz só o caminho usado para chegar a determinado destino; a rua é parte de um todo, e que inclui os valores a respeito da cidade, das casas, das ruas, do povo e do cotidiano. A rua como caminhada de reflexão sobre a condição de vida; a caminhada como aprimoramento de relações de vida com a cidade, uma caminhada de afirmação com a cidade, e, em definitivo, de exacerbação da geograficidade intensificada pela pulsação de São Luís.

Próximo de aportar ao seu destino, Damião, cada vez mais atravessado pelos seus sentimentos e valores, sem parar, eleva-se ao ouvir o sussurro do flabelar das palmeiras-imperiais.

As pernas de Damião, firmes, compassadas, octogenárias, continuam a levar-lhe o corpo magro, no silêncio da Rua das Hortas, sob a vigilância da lua nova, em direção do Largo da Cadeia. Mais forte, como num descampado, assobia o vento. E ouve-se perto agora o flabelar das palmeiras-imperiais, que compõem a guarda de honra da estátua de Gonçalves Dias, no Largo dos Amores: seu sussurro é tão forte, misturado ao sibilo da viração, que apaga o bater dos tambores, longe, na Casa das Minas (MONTELLO, 2005, p. 548).

Daí, ao parar como parte do caminhar (SOUZA, 2017), Damião se dá um merecido descanso e, sentado num banco, olhando no sentido do largo da Cadeia, mira numa casa e a revive com grande força. É uma casa que marcou muito a sua história, as histórias dos negros e da sociedade maranhense, por se tratar da casa do promotor Celso de Magalhães.

Damião pára em frente ao sobradinho onde morou o Dr. Celso. O lampião da esquina permite-lhe esquadrihar por alguns momentos a fachada singela, com as

mesmas janelas no alto, outras embaixo, e a porta onde entrou tantas vezes para falar com o Promotor. Volvidos quase quarenta anos, tudo ali permanece inalterado: a moldura das janelas, o verde forte das rótulas e da porta, as sacadas de ferro, o beiral sobre a rua, e também a velha aldraba de bronze, que ele tinha ordem de bater, tarde da noite, quando a casa já estava fechada (MONTELLO, 2005, p. 548).

Damião está cada vez mais perto do seu destino. Falemos de uma caminhada que a princípio se mostrava despreziosa, mas que acabou se revelando numa esplendorosa demonstração de afeto por São Luís, com as dores que isso pode carregar. Na interpretação pessoal baseada na pesquisa: Josué Montello cria esse momento de caminhada tal como fosse uma despedida de Damião daquela cidade que o complementaria desde o primeiro passo dado em tais terras, ainda escravo, um rapazote.

Cansado, mais lento, mas firme em seu propósito, ao que podemos auferir, Damião acentua um esforço primordial em termos de imaginação para captar e ser afetado pela paisagem constituída no caminhar; ser afetado pela paisagem e por tudo o mais que a cidade fizesse surgir, e é assim que sente “no rosto a viração úmida e sussurrante que vinha do largo dos Amores” (MONTELLO, 2005, p. 584).

Naquela altura, Damião já conseguia visualizar mentalmente a casa da bisneta, o que o faz seguir em passos firmes, detalhando, com a memória prodigiosa, a casa: “ainda bem que a casa da Biá ficava logo depois da rua do Navio [...] com seu alpendre acolhedor, o murozinho de pedra, o portão de madeira pintado de verde, e uma sineta” (MONTELLO, 2005, p.585).

Para Damião, a cada passo: uma memória evocada; a cada espaço redescoberto: um cantinho da cidade era tocado; a cada rua: um contato com aquele chão era revivido. Isso é possível, segundo as palavras de Besse (2014), porque o espaço hodológico “é, ao mesmo tempo experimentado e praticado, é o espaço concreto da existência humana” (BESSE, 2014, p.195).

É preciso compreender que, como vimos com Damião, o espaço não pode ser rotulado como um só, e isso porque os movimentos humanos têm a capacidade de fazê-lo como sendo outra coisa. A imaginação criativa significa, cria e recusa possibilidades, é tomada por afetividades e lembranças que se quer esquecer. Assim é a vida humana numa Terra lida pela ótica da geograficidade. Experienciando tudo isso, Damião chega ao seu destino, podendo então descansar corpo e espírito, de modo que “via a luz da casa da Biá, ao fim de longo estirão baldio” (MONTELLO, 2005, p. 655), lido aqui com uma luz que continha a essência daquele no estirão que foi a sua vida.

A recompensa por ter feito o trajeto estará presente no nascimento de seu trineto. A cidade que o acolheu, ao chegar ainda jovem do interior, agora é parte ainda mais profunda da sua vida, mais uma manifestação de que viver a cidade perpassa por tê-la em seu íntimo, familiar e /ou como família.

## DESCANSAM OS TAMBORES

Damião nasceu escravo. Sua família veio para o Brasil à força, em porões de navios, em condição sub-humana. Aqueles que conseguiram sobreviver à travessia do Atlântico tiveram seus nomes, línguas, culturas, religiões e deuses extirpados, ou quase isso. Suas histórias foram obscurecidas. Suas vidas foram resumidas ao martírio da escravidão, algo que durou três séculos, e que ainda hoje, volta e meia, revela suas faces danosas.

Na narrativa montelliana, e no tempo de representação da arte literária, Damião é lançado no mundo e constrói sua relação com o espaço, buscando o lugar do seu habitar e dos seus irmãos de cor, de sangue, de sofrimento. Nessa relação, a sua construção de mundo não é individual, as experiências que ele alcança sempre foram acompanhadas de outros sujeitos, descosturando situações espaciais sublimes: sua família no quilombo; os outros negros na senzala da Fazenda Bela Vista; o padre Tracajá lhe apresentando São Luís; a Genoveva Piá indicando o caminho da Casa das Minas; a cidade que o toma por completo, fazendo-lhe morada. Quantos lugares para tantas formas de habitar? Penso que nem mesmo Montello pode contar. O que Montello pode contar muito bem foi do seu amor por sua terra natal.

São Luís é para Josué Montello o que Itabira é para Drummond, o que o Quixadá é para Rachel de Queiroz, o que Dublin é para Joyce. São escritores capazes de (re)imaginar as suas cidades a partir dos elementos que a eles eram oferecidos. Nesse contexto, Josué Montello nos presenteia com uma obra-prima que trata da condição do negro no Brasil. São Luís é Brasil. Salvaguardando as histórias paralelas, a trama de Os Tambores de São Luís faz valer a saga libertadora de uma raça, sobretudo, na pessoa de Damião.

À primeira vista, pode-se ter a impressão que seja fácil ter um romance como objeto de estudo para um trabalho dissertativo. Mas, definitivamente, não é. O texto do escritor pode levar para caminhos desconhecidos, sendo levado pela boa prosa, e a ciência – no caso a Geografia – corre o risco de ser esquecida. Daí que o pesquisador precisa ter atenção para que o trabalho não seja uma mera descrição dos espaços que estão no romance.

Sabendo dessa possibilidade, confessa-se a tentativa de revelar os espaços que brotam da relação afetiva dos personagens com os espaços descritos, vividos, concebidos e imaginados.

Se hoje é possível afirmar que a relação entre ciência e arte é harmoniosa, foi somente a partir dos anos de 1970 que pudemos obter produções mais significativas nesse sentido. A nível de exemplo, diversas questões de cunho literário, antes renegadas pela Geografia, passaram a ser cada vez mais pesquisadas pelos geógrafos, dentre eles, e em especial, os geógrafos humanistas. Neste campo, interessa(va) a relação afetuosa entre o homem e a terra. Desse campo, retirou-se as principais referências bibliográficas utilizadas nesta Dissertação.

A aventura pessoal com/em Os Tambores de São Luís tinha que ter esta vertente humanista cultural. Dada à amplitude e riqueza desse livro – consideradas inesgotáveis –, foi pelos traços da interpretação que desejamos enveredar.

Dentre a vasta obra romanesca de Josué Montello, optou-se pelos “Tambores” justamente por avaliá-la como a obra que melhor apresentava e recriava a cidade de São Luís, com toda a sua beleza, seu povo, cultura, religião e atrocidades. Assim, espera-se ter sensibilizado, de alguma forma, quem até aqui leu estes escritos – que não são nada mais que uma reinterpretação geográfica do(s) mundo(s) do livro, mas que também perpassam pela vida e profissão do escritor maranhense.

E quem será o companheiro nessa jornada de descobertas, reafirmação de luta pela liberdade dos negros, de busca de uma melhor condição humana e da relação afetuosa com a cidade é Damião, personagem principal do romance, que está o tempo todo buscando o seu lugar no mundo, o que no trabalho é denominado de lugar do habitar.

Escreve Scruton (2016, p. 205), “[...] nossa experiência e nossos conceitos estão interligados, e a forma como o mundo aparece a nós será afetada pela forma como interagimos com ele”. Desde o quilombo, ainda uma criança, até a velhice em São Luís, acompanhamos as experiências de Damião no Maranhão, e em especial em São Luís, e pudemos compreender a ligação que o homem cria com a terra, algo essencialmente permeado por vivências materiais e imateriais, simbólicas, o que se converte num sentimento caro às procedências do habitar o lugar como escapatória da morte; sendo, portanto, engendradas as bases da geograficidade, como história identitária com a paisagem e o lugar no qual é possível se encontrar (DARDEL, 2011). No exame conduzido, a cidade é este espaço.

A cidade que aparece ao leitor pode ser pontuada brevemente como: sobrados, ruas, praças, largos, casas, terreiros, mar. Tudo isso envolvendo muita emoção e dramas

socioculturais. E tudo isso significando um desafio teórico e metodológico ao pesquisador, que, por outro lado, tem o prazer de ter em mãos um romance tão poderoso como é *Os Tambores de São Luís*.

Sem dúvidas, nesta obra Josué Montello encarnou seus personagens. Damião é o ponto máximo desse exercício de escrita, e é principalmente com este personagem montelliano que o autor nos move em direção aos movimentos de todo e qualquer homem na Terra: em busca do lugar, de habitá-lo. E sempre uma questão permanecerá: o que é o lugar? A partir de quê os lugares são gerados? E por que o homem precisa tanto de lugar(es)?

Há várias respostas para essas perguntas e aqui, numa dissertação, jamais se poderia fechá-las, talvez com respostas que seriam, no mínimo, equivocadas. O que se propôs foi senão tecer reflexões, de modo a fazer render os entendimentos do mundo e, para isso, usou-se as ideias de Montello, as noções de geógrafos humanistas, as contribuições que outros leitores de Montello e, é claro, as ideias pessoais de mundo, como pessoa, pesquisador e geógrafo (HISSA, 2017).

Tal como Damião foi se identificando com a cidade de São Luís, o mesmo aconteceu com o autor do presente texto – que foi se identificando com a cidade e com a narrativa, nem sempre fácil de ler, imposta por Montello. Mesmo sabendo que o conteúdo era de ficção, o geógrafo presente passeia pelo centro de São Luís com olhos mais profundos, e certos de que a literatura alarga os homens e a sociedade que somos, seremos e fomos (BENJAMIN, 2016).

O convite para conhecer, viver e habitar os espaços de *Os Tambores de São Luís* e de Damião continua em aberto, acessível ao tempo de abrir a página do livro, e poder gerar novas interpretações. Janelas e portas dos sobrados de São Luís, paisagens e lugares descritos com a leveza do vento da viração da tarde, tambores soando estarão lá, nas páginas, contando com a imaginação, contando o mundo, a história e uma geografia formidável.

Por fim, para que o convite tenha novamente impresso uma marca pessoal, como no *Aquecimento dos Tambores*, utilizando de novo as palavras de Josué Montello, a seguir reproduz-se o último parágrafo do romance, na tentativa de aguçar a curiosidade de quem ainda não o leu:

*Damião tinha deixado cair as mãos sobre as pernas, tomado de um pressentimento terrível, que era quase uma certeza. Preto? De meia-idade? Que vinha ver o pai? E vindo de Liverpool? E se fosse meu filho? Ficou uns momentos em silêncio, o olhar parado, sem coragem de comunicar o seu temor à companheira. A tragédia pareceu-lhe*

*brutal demais para o seu fim de vida. E ainda atordoado, com uma sensação repentina de secura queimando-lhe a boca, pediu à Benigna que lhe fosse buscar um copo d'água.*

Se Os Tambores de São Luís é um expressivo texto, rico em seu potencial simbólico e sensível, revelador de uma geografia substancial, relacional, mítica, demonstrativo do quanto a Literatura contém de saber espacial, humano, espiritual, de lugar e habitar, cabe a nós leitores a reflexão.



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda de. Os cantos e encantamentos de uma geografia sertaneja de Patativa do Assaré. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina, PR: EDUEL, 2010.
- AMORIM Filho, Oswaldo Bueno. Literatura de explorações e aventuras: as viagens extraordinárias de Júlio Verne. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina, PR: EDUEL, 2010.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert. 1961. **Viagem pelo Norte do Brasil no ano de 1859**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1961 (Coleção Obras Raras).
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BASTOS, Ana Regina Vasconcelos Ribeiro. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, 1998.
- BENJAMIN, Walter. **História da literatura e da ciência da literatura**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo**: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro (RJ): UERJ, 2014.
- BORRALHO, José Henrique de Paula. **Uma Athenas Equinocial**: a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2009.
- BOUVERESSE, Jacques. **Prodígios e vertigens da analogia**: o abuso das belas letras no pensamento. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BROSSEAU, Marc. Geografia e literatura. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2007.
- CAPALBO, Creusa. Espaço e religião: uma perspectiva filosófica. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- CARERI, Francisco. **Walkscapes**: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2013.
- CARNEIRO, Honorina Maria Simões. **As formas de tratamento tu/você no português falado ludovicense**. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em (Doutorado) – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras, 2011.

CARVALHO, Maria do Socorro. **Os Tambores de São Luís**: ecos da memória e espaços reconstruídos na ficção de Josué Montello. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2014.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. São Paulo, 2016.

CAVALCANTE, Tiago Vieira. **Geografia literária em Rachel de Queiroz**. Fortaleza: Edições UFC, 2019.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CLAVAL, Paul. **Terra dos homens**: a geografia. Tradução de Domitila Madureira. São Paulo: Contexto, 2010.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá**, Niterói, n. 33, p.1731, 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço: algumas considerações. **Geographia**, Niterói, vol. 9. n. 17, p. 07-18, 2007.

\_\_\_\_\_. Temas e caminhos da Geografia Cultural: uma breve reflexão. In: ROSENDAHL, Z. CORRÊA, R. L. (Org.). **Temas e Caminhos da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Eduerj, v.1, p. 48-72, 2010.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.): **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 2ªed. 2004.

COSTA, Yuri Michael Pereira. Sociedade e escravidão no Maranhão do século XIX. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, v. 10, n. 20, julho- dezembro de 2018.

DARDEL, Eric. **O Homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: perspectiva, 2011.

DEL PRIORI, Mary. **Histórias da gente brasileira**. Volume 2, Império. São Paulo: Leya Editora, 2016.

DESCARTES, Réne. **Discurso do método**. Porto Alegre: L&PM, 2005.

DIAS, Paulo. **Comunidades do tambor**. In: VVAA. *Textos do Brasil*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2004. n.11. p. 1-6.

DUNCAN, James S. Após a Guerra Civil: Reconstruindo a Geografia Cultural como Heterotopia. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia Cultural: um Século (2)**. Rio de Janeiro, Eduerj, 2000.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano**. 2ª Edição. São Paulo: WMF Marins Fontes, 2008.

FEITOSA, Márcia Manir Miguel; MORAES, Cláudia L. G.; COSTA, Janete de J. S. O entrelaçamento de fios entre a geografia e a literatura: a construção de um saber múltiplo. **Revista NUPEM**, Campo Mourão, v. 4, n. 6, jan./jul. 2012.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o sincretismo**: Estudo sobre a Casa das Minas. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Luís: FAPEMA, 1995.

\_\_\_\_\_. **Preconceitos contra Religiões e Festas populares no Maranhão**. In: Simpósio da Associação Brasileira das Religiões, 9. Viçosa, MG, 2007.

\_\_\_\_\_. **Querebentã de Zomadônu**: etnografia da Casa das Minas. – Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

FRÉMONT, Armand. **A Região, Espaço Vivido**. Coimbra: Almedina, 1980.

GALVÃO, Cecília. **Ciência na Literatura e Literatura na Ciência**. Lisboa: Departamento de Educação e Centro de Investigação em Educação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2006.

GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e Modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **Entrenotas**: compreensões de pesquisa. Belo Horizonte: UFMG, 2017.

\_\_\_\_\_. **Conversações**. De artes e de ciências. SP: Humanitas/Editora da UFMG, 2011.

HOLZER, Werther. Ser-na-cidade: por uma arquitetura e urbanismo como lugar. Pensando – **Revista de Filosofia**, Vol. 8, Nº 16, 2017.

ITAPARY, Joaquim. **O Estado do Maranhão**. São Luís, 17 mar. 2006.

JESUS, Matheus Gato de. **Racismo e decadência**: sociedade, cultura e intelectuais em São Luís do Maranhão. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo. 2015.

KUNDERA, Milan. **A arte do romance**. São Paulo. Companhia das Letras, 2009.

LABBUCCI, Adriano. **Caminhar, uma revolução**. Tradução de Sérgio Maduro. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LACROIX, Maria de Lourdes Lauande. **São Luís do Maranhão, Corpo e Alma**. 2ª edição ampliada / Maria de Lourdes Lauande Lacroix. São Luís: Edição da autora, 2020. Vol I. Edição em recurso digital. 380 p.

LIMA, Ceres de Moraes Gomes. **Cenas da Vida Urbana em Os Tambores De São Luís, de Josué Montello**: ressonâncias balzaquianas. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem, do Instituto de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso. 2016.

LLOSA, Vargas Mário. **A verdade das mentiras**. São Paulo: Arx, 2004. LOPES, Nei. **Dicionário literário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re)significação da paisagem no período

contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MAIA, Tatyana. **Os cardeais da cultura nacional**: o Conselho Federal de Cultura na ditadura civil-militar. São Paulo, Iluminuras/Itau Cultural, 2012.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Orgs.). **Geografia e Literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Livia de. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v. 34, n. 3, set./dez. 2009.P. 487-508.

MARTINS, Carolina Christiane de Souza. **Política e culturas nas histórias do Bumba-Boi, São Luís do Maranhão – Século XX**. 160f. Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós- Graduação em História, Rio de Janeiro, 2015.

MELLO, João. O triunfo do lugar sobre o espaço. In: MARANDOLA JR., E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. (Org.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012.

\_\_\_\_\_. Geografia humanística: a perspectiva de experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 52, n. 4, p. 91-115, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MOISÉS, Massaud, **A Criação Literária**. São Paulo: Cultrix, 2014.

MONTEIRO, Carlos A. de F. Travessias da crise (tendências atuais na Geografia). **Revista Brasileira de Geografia**, nº50 – Número Especial – Tomo Rio de Janeiro, Fundação IBGE, p. 127-150, 1988.

\_\_\_\_\_. **F. O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis, Editora da UFSC, 2002.

MONTELLO, Josué. Confissões de um romancista. In: **Romances e novelas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1985. p. 13-72. v. I.

\_\_\_\_\_. **Diário Completo**. Dois Volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Tambores de São Luís**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. São Paulo: Contexto, 2007.

MUSSA, Alberto. **Contos Completos**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

NORBERG-SCHULZ, Christian. O fenômeno do lugar. In: **Uma nova agenda para a arquitetura**. (Org.) Kate Nesbitt. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, Franklin. **Literatura e civilização**. Rio de Janeiro: DIFEL; Brasília: INL, 1978.

PEREIRA, Josenildo de Jesus. **Na fronteira do cárcere e do paraíso**: um estudo sobre as práticas de resistência escrava no Maranhão oitocentista. 210f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em História, São Paulo, 2001.

PEREIRA, Manuel Nunes. **A Casa das Minas**: culto dos voduns jeje no Maranhão. – Petrópolis: Vozes, 1979.

RABECCHI, Ana Lúcia Gomes da Silva. **O fio das travessias**: a perspectiva histórica em Os tambores de São Luís, de Josué Montello e A gloriosa família - o tempo dos flamengos, de Pepetela. 2009. 262 p. Tese. (Doutorado em Letras). FFLCH – Universidade de São Paulo, São Paulo.

RISÉRIO, Antônio. **A Cidade no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2013.

\_\_\_\_\_. Entre as redes e as ruas. **A Tarde**, Salvador, 20 jul. 2013. p. A2.

ROSENDAHL, Zeny. O sagrado e o espaço. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa (Org). **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. A Dimensão do Lugar Sagrado: ratificando o domínio da emoção e do sentimento do ser-no-mundo. In: CARNEIRO, S. S.; SANT'ANNA, M. J. G. (Org.). **Cidades: olhares e trajetórias**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

\_\_\_\_\_. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **Espaço e Cultura**. Rio de Janeiro: UERJ, n. 35, jan./jun. de 2014.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Espiritualidade, Turismo e Território**: Estudo Geográfico de Fátima. Estoril: Principia, 2006.

SANTOS, Samuel. **Da Atenas à Jamaica Brasileira**: imaginários sobre São Luís na mídia maranhense. Dissertação. (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) apresentada à Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP- Araraquara, 2003.

SANTOS, Thiago Lima dos. **Navegando em duas águas**: Tambor de Mina e Pajelança em São Luís do Maranhão na virada do século XIX para o XX. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Maranhão, 2014.

SARAMAGO, Ligia. Como ponta de lança. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Livia de (orgs.). **Qual o espaço do lugar?** geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2012. p.193-226

SERPA, Angelo. **Por uma geografia dos espaços vividos**: geografia e fenomenologia. São Paulo: Contexto, 2019.

SCRUTON, R. **Filosofia Verde**: Como Pensar Seriamente o Planeta. Editora É Realizações. 2016.

SILVA, Simone Rezende. **Quilombos no Brasil**: a memória como forma de reinvenção da identidade e territorialidade negra. XII Coloquio Internacional de Geocrítica. Las independências y construcción de estados nacionales: poder, territorialización y socialización, siglos XIX e XX. 2012 Disponível em:

<<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/08-S-Rezende.pdf>>.

SOUZA, José Arilson Xavier de. **Espaços de peregrinação**: ver o sentir o sagrado na Romaria de Nosso Senhor do Bonfim (TO). Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SUZUKI, Júlio César. **O poeta, a cidade e o esfacelamento do indivíduo na modernidade**: uma leitura de “A rosa do povo”. In: MARANDOLA Jr, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista (Org.). Geografia & Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação. 1ª ed. Londrina: Eduel, 2010.

\_\_\_\_\_. **Geografia e Literatura**: abordagens e enfoques contemporâneos. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, n.5, p.129-147, set. 2017.

TELES, G. M. **A escrituração da escrita**: teoria e prática do texto literário. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. 3ª edição. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

TUAN, Yi-Fu. **Place**: an experiential perspective. Geographical Review, 65 (2): 151-165. 1975.

\_\_\_\_\_. Sacred space: Exploration of an Idea. In: BUTZER, K. (org.). **Dimension of human geography**. Chicago: The University of Chicago/Departamento of Geography, 1978.

\_\_\_\_\_. **A paisagem do medo**. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Edusp, 2005.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Londrina: Eduel, 2013.

VERGER, Pierre. Uma rainha africana mãe de santo em São Luís. **Revista USP**, (6), 151-158, 1990.

VIEIRA FILHO, Domingos. **Breve história das ruas e praças de São Luís**. São Luís: Olímpica, 1971.

WRIGHT, John. K. Terrae incognitae: o lugar da imaginação na Geografia. **Geograficidade**, v. 4, n. 2, p. 4-18, 2014.

WULF, Andrea. **A invenção da natureza**. A vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. São Paulo: Planeta, 2015.

ZANELA, Agda Adriana. **A epopeia maranhense de Josué Montello**: desvendando a poética montelliana em quatro romances. 2009. 214 p. Tese (Doutorado em Estudos Literários). Faculdade de Ciências e Letras – UNESP, Araraquara.

**Apêndice 1 – Roteiro de Entrevista (virtual) – Casa de Cultura Josué Montello****JOSUÉ MONTELLO E(M) OS TAMBORES DE SÃO LUÍS:  
O LUGAR DO HABITAR***Projeto de Pesquisa***CASA DE CULTURA JOSUÉ MONTELLO****Roteiro de Entrevista (virtual)**

*Este roteiro de questões tem como objetivo facilitar O diálogo e apurar interpretações acerca da obra “Os Tambores de São Luís”, de Josué Montello. A saber, as reflexões alcançadas comporão o texto da referida Dissertação do Mestrado em Geografia.*

***Sobre o escritor e a obra***

- i.** Para a coordenação da Casa de Cultura Josué Montello, quem era Montello, como homem e escritor? Qual o significado de sua obra (geral) para o Maranhão e para a cidade de São Luís?
- ii.** O que vocês podem nos acrescentar a respeito do período e processo (criativo) de escrita do livro “Tambores de São Luís”?

***Sobre o trabalho da Casa de Cultura Josué Montello***

- iii.** Como a Casa de Cultura avalia a relevância, nacional e internacional, do livro “Os Tambores de São Luís”? O que tal livro em si representa para o trabalho da Casa de Cultura?
- iv.** Percebemos um esforço interessante que a Casa de Cultura vem fazendo para desenvolver uma espécie de educação literária em São Luís e no interior do Estado. Pela experiência alcançada, como é possível qualificar este empreendimento social?

### **Sobre o Ciclo de Palestras “Os Tambores de São Luís em Debate”**

- v. Sobre a premissa do relançamento dos “Tambores”, em que contexto, interno e externo a Casa, surge a ideia do Ciclo de Palestras, e por qual lógica foram definidos os palestrantes, e respectivas áreas do conhecimento?
- vi. Lembramos que o Ciclo de Palestra contou com um diversificado público, nos chamando a atenção os *jovens escolares*. Frente à diversidade de temas que “Os Tambores de São Luís” comporta (exemplo: escravidão, desigualdade social, machismo etc.), qual a interpretação que hoje vocês fazem desse momento? O que a própria Casa pode aprender e ensinar?

**- Espaço aberto para quaisquer outras considerações.**

*Agradecidos,*

Mozart de Sá Tavares Júnior

*Professor Orientador:* José Arilson Xavier de Souza



Grupo de Estudos sobre Espaço e Cultura  
GEOGRAFIA - UEMA